Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23327 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA 18 SETEMBRO 90 70$00

EDITORIAL

A doce coabitação

Aparentemente o Presidente Mário Soares produziu à sua volta um curioso fenómeno de vácuo eleitoral: ninguém parece interessado em disputar-lhe o ceptro presidencial.

O candidato X, situado à direita, teima em não se definir, e a renúncia de Lucas Pires não é de bom augúrio. O candidato Y, à esquerda, não é previsível, se pensarmos numa personalidade suprapartidária capaz de aglutinar à sua volta as forças políticas que, nas presidenciais de 1985-86, confluíram nas candidaturas de Francisco Salgado Zenha e Maria de Lurdes Pintasilgo.

O vácuo eleitoral que Soares projecta à sua volta poderia ser interpretado, numa primeira leitura, como fenómeno glorioso, resultante do consenso quase sem fronteiras que o Presidente-Espectáculo logrou criar à sua volta. Mas, se ninguém contesta a vastidão do dito consenso, nem o virtuosismo do seu actor, já se afigura contestável o resultado final em termos de regime político e de perfil do Presidente na prática constitucional portuguesa.

Qual o preço deste admirável consenso, em *presidências abertas* alargado a todo o Reino de Portugal? Em termos de regime República. Resta saber se este mandato constituiu apenas um fenómeno transitório, ou se prenuncia a diluição da característica semi-presidencialista do regime. Quererá Mário Soares, no seu segundo mandato, projectar no terreno político a imagem de monarca criada entre 1986 e 1990? Desejará mostrar que não é um Presidente sem desígnio ou com um desígnio tão vago que se confunde e dilui no próprio consenso que o rodeia?

Combatente político desde a juventude, chefe partidário, Soares não se confunde em matéria de perfil ou de temperamento com a Rainha da Inglaterra ou o Imperador do Japão. Gostaria, certamente, de articular a sua actuação presidencial com um projecto governamental que lhe fosse próximo, em termos de valores políticos. Estará disposto a tentá-lo, projectando nas legislativas o seu anunciado

Mário Mesquita

Continua na pág. 5

A situação no Golfo

UEO estuda envio de forças terrestres

Pág. 10

Rui Pacheco

NATO refaz estratégias

◆ **Do nosso enviado especial Paulo David**

Pág. 5

CEE expulsa adidos militares iraquianos

◆ **José Rui Cunha em Bruxelas**

Pág. 10

Carlos Porto faz balanço do Congresso de Críticos de Teatro

Págs. 12 e 13

Modigliani contestado no «Le Monde»

Pág. 17

Lotaria Popular

1.º 189 311
2.º 439 517
3.º 238 695
4.º 343 799

Pág. 11

Hoje: Suplemento de Economia

PORTE PAGO

Comboio Europa regressou a Lisboa

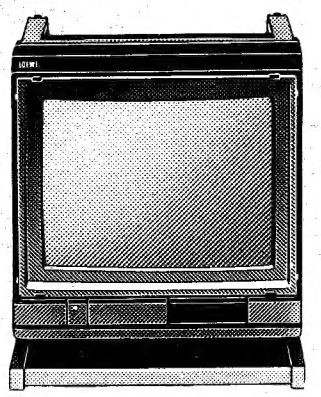
Eram 9 e 35 quando o comboio que levou 500 jovens a várias cidades europeias deu entrada em Santa Apolónia. Aos abraços da chegada seguiu-se a troca de agendas e as fotografias da praxe. Era a despedida de 12 dias de camaradagem por Bordéus, Paris, Frankforte, Amesterdão, Bruxelas, Marselha e Madrid. Para os participantes e organização a experiência foi compensatória. Desde já, ficou a esperança de que para o ano se volte a organizar o Comboio Europa, uma iniciativa integrada no Ano Europeu do Turismo, que teve o apoio da Associação Juvemedia, da Associação das Pousadas da Juventude e da agência Wastells. «Estou cheio de fome, mas voltava a viajar outra vez», declarou ao «DL» um dos jovens participantes no passeio.

Sporting abre jornada da UEFA

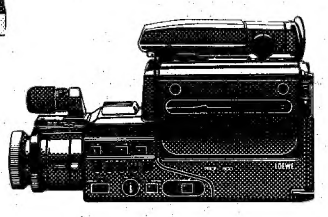
Os cinco à conquista do trono europeu

Nas págs. 2, 3, 4 e 19, o «DL» antevê a jornada europeia de futebol e acompanha o Benfica com o patrocínio de

urbicidade MEDIADORES ALMADA



Loewe Profi P115
TV portátil / monitor
50 programas
Cinescópio de 40 cm,
Flat-square
Hiperbanda



Loewe Camcorder
Profi 810
1 170 gr de
técnica de vanguarda

LOEWE.

Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

Ninguém de razoável senso pode divorciar-se de uma verdade: aos símbolos da praça lusitana tocaram ossos difíceis de roer. Apesar disso, haja optimismo.

Quem aposta em quem

Estrela: debutantes na UEFA para discutir a Taça das Taças

Benfica: é certo que nem Magnusson nem Ricardo estarão em cena, mas como diz Eriksson, entrarão onze no «Olímpico» de Roma

Vitória do Guimarães: surpresa será não regressar vitorioso

Assim, em vertigem, em relâmpago, cada nova 4.ª-feira do futebol europeu solta em girândola um pequeno universo de interrogações, pois fica equacionado um leque de perspectivas que, à partida, raramente admitem palpites sólidos e inquebráveis.

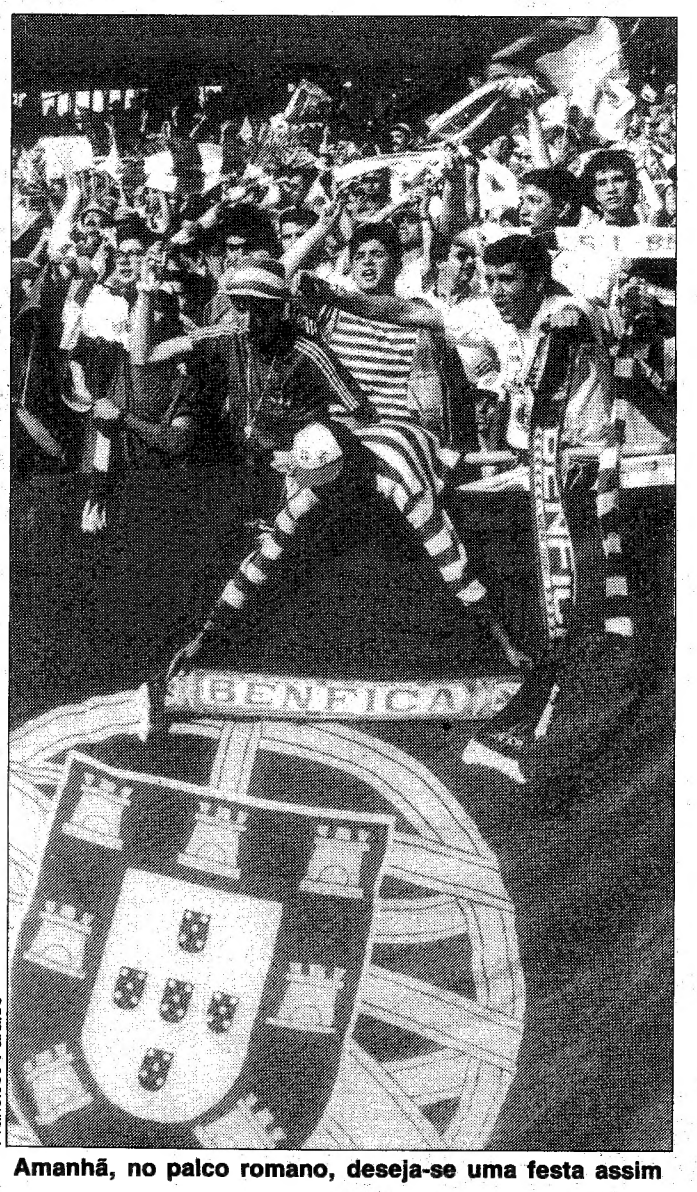
Veja-se, por exemplo, como foi padrasto o sorteio no que toca aos emblemas do nosso contentamento: se (teoricamente) portistas (na Taça dos Campeões) e vimaranenses (no troféu da UEFA) estão rodeados de maior dose de favoritismo, ninguém de razoável senso pode divorciar-se de uma verdade rija como punho: aos demais símbolos da praça lusitana tocaram ossos bem duros de roer.

Mas, vejamos (para já) o que é a UEFA, esse monstro tentacular que agrupa 35 Federações nacionais: um organismo que rege todo o futebol europeu e, embora dependente da FIFA (Federação Internacional de Futebol), tem uma dimensão verdadeiramente assustadora. Bastará citar que reúne 270 mil clubes, 565 mil equipas, 450 mil árbitros e 20 milhões de jogadores. Exacto: os números são estes e o crescimento uefeiro acentua-se em cada dia que passa, obrigando a pensar sobre o que hoje representa para todas as latitudes e longitudes esse moderno fenómeno que associa desporto e espectáculo sob o rótulo de futebol.

Antes de novo passo em frente, lembremos que, neste capítulo uefeiro, o mais constante representante português é o Sport Lisboa e Benfica que, desde a oficial criação das três vertentes dos troféus uefeiros sempre disse «presente» à chamada, no início da temporada. E isso sucede desde que um jornalista francês (Gabriel Hanot, o mesmo que considerou José Augusto «o melhor extremo» se lembrou de, nas páginas do mais prestigiado jornal desportivo europeu (o «L'equipe») lançar a ideia de competições que pudessem interessar todos os grande clubes deste idoso continente.

Assim, a partir da época 1961/62, surgiram a Taça dos Clubes Campeões Europeus, a Taça dos Vencedores das Taças e a Taça das Cidades com Feiras que, remodelada, se transformou na actual Taça UEFA. Troféus bem gratos ao futebol lusitano, pois o Benfica (duas vezes) e o Futebol Clube do Porto (uma) já arrebataram o título mais saboroso e o Sporting igualmente conquistou uma edição da Taça dos Vencedores de Taças. Isto, para além dos «dragões» igualmernte terem embolsado uma Supertaça, precisamente durante a belíssima escalada até à Intercontinental, que, em Tóquio, se tornou outro dos belos símbolos, que orgulhosamente marcam uma bela etapa do desporto verde-rubro.

Falemos, portanto, de como pode decorrer esta nova fatia de futebol uefeiro que se alonga por dois dias com bonito sortido no cartaz. E se, na Taça dos Campeões, os portistas, mesmo obrigados a actuarem fora dos seus muros mas escolhendo para a recepção aos modestos integrantes do Portadown o belíssimo estádio setubalense, têm na mão uma torrente de trunfos já o mesmo parece escassear ao jovem debutante amadorense que vai confrontar-se com os sabidões suíços do Neuchatel, em duelo que se insere na Taça dos Vencedores de Taças. Os comandados por Artur Jorge estão altamente moralizados e, como ainda o demonstraram no Restelo, possuem um «plantel» que não abana nem cede mesmo quando não pode dispor de unidades como Jaime Magalhães, Abílio e Bandeirinha: embora em terreno neutral, é mais que certo que ninguém ousará acreditar que a equipa de Jorge Nuno Pinto da Costa vai amanhã desperdiçar o ensejo de construir um resultado que lhe permita encarar afoitamente a viagem às Ilhas britânicas.



Francisco Paraíso

Amanhã, no palco romano, deseja-se uma festa assim

Estrela quer brilhar

Já o ainda pouco rotinado Estrela da Amadora, onde Manuel Fernandes procura implantar um estilo de jogo que se adapte ao novo exército recrutado pelo emblema de Jaime Salvado, para além de estar ainda em fase de carrilagem, acaba de sofrer um golpe que faz abalar toda a sua estrutura defensiva: o braço direito de Álvaro, fracturado num lance ocasionalmente interpretado pelo colega Agatão e pelo tirsense Silvinho, obriga o mais «internacional» do «team» da Reboleira a ficar afastado do trabalho durante dois meses e picos. Ora, sabendo-se como a experiência de Álvaro poderia ser de alta utilidade para a segurança da cobertura a Vital, imagine-se como terá ficado o treinador amadorense, a contas com um bico de obra que (em contrapartida) poderá servir, à maravilha, para Dimas revelar a capacidade com que se apresenta a disputar um lugar de honra no «plantel» dos estrelistas. Só que, cá e lá, o Neuchâtel não será pêra doce: e logo se verá isso mesmo, talvez recordando outro cotejo com portugueses (Sporting) em que os rapazes «que jogavam com bola quadrada» eliminaram os (en-

Estrela: 15.ª presença

O Estrela da Amadora é o 15.º clube português a ter acesso às competições europeias: Vejamos o quadro de participações:

	TC	TT	TU	TOT
Benfica	21	5	5	31
Sporting	9	7	14	30
FC Porto	8	8	14	30
V. Setúbal	—	3	8	11
Boavista	—	3	5	8
Belenenses	—	1	8	9
Guimarães	—	1	6	7
Braga	—	2	2	4
Leixões	—	1	2	3
Académica	—	1	2	3
CUF	—	—	3	3
Barreirense	—	—	1	1
Chaves	—	—	1	1
Portimonense	—	—	1	1
E. Amadora	—	—	—	—

TC — Taça dos Campeões
TT — Taça das Taças
TU — Taça UEFA

É sempre bom recordar as melhores «performances» e elas aqui ficam: **Benfica:** vencedor da Taça dos Campeões em 1960/ 61 e 1961/62 finalista vencido em 1962/63, 1964/65, 1967/68, 1987/88 e 1989/90 e também em 1982/83 da Taça UEFA. **FC Porto:** vencedor da Taça dos Campeões em 1986/87 e finalistas vencido da Taça das Taças em 1983/84. **Sporting:** vencedor da Taça das Taças em 1963/64.

urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO — EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE AOS MELHORES PREÇOS

HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS

CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, r/c, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telefs.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

GRANDE ANGULAR

Porto: quando um clube conta com um plantel de luxo, que falta poderá fazer Jaime Magalhães?

tão) pupilos de John Toshack, o homem que para o embate decisivo (em território suíço) preferiu entregar o comando do ataque a Freire, abdicando do talento de Rui Jordão...

Adiante. Desta vez, na «Taça UEFA» temos um triunvirato de naipes, cada qual com seu paladar no «show» em que vai interferir. Benfica face ao Roma, Sporting em esgrima com o Malines e Vitória de Guimarães jogando as cristas com os turcos do Fenerbace.

Incontestavelmente que as duas tarefas mais espinhosas cabem aos estandartes lisboetas, pois embora os vimaranenses não estejam atravessando o ideal momento de forma, espera-se que Paulo Autuori saiba aproveitar o ensejo de jogar a 1.ª partida em palco turco para, no reverso da medalha, aplicar ao Fenerbace uma receita que possa novamente catapultar os minhotos para o galarim europeu que tão bem conhecem.

Já para benfiquistas (desprovidos de alguns artistas de primeiro plano, impedindo Eriksson de exibir na capital italiana o melhor potencial da águia) e «leões» que vão ter de cumprir o cotejo da 2.ª mão em campo belga, com todo o peso influenciador de uma multidão que encoraja permanentemente os seus atletas, a tarefa parece mais espinhosa, tocada por dificuldades que apenas podem ser diluidas se, como todos esperamos, o dia de amanhã for positivo para as visitas à cidade de Romulo e Remo, como para os proprietários de um Alvalade agora também elevado à condição de nova «catedral» dos grandes intérpretes de «rock», desta e outra geração. E talvez por isso, neste tempo em que o «onze» chefiado por Marinho Peres está dando óptima conta do recado, também com solistas brilhando nos pólos do fuso (Gomes com a sua alta experiência e Cadete com o fulgor da juventude) seja de recordar que é possível reeditar os bons ainda não muito velhos tempos em que o rugir do leão afugentava toda a bicharada da selva, temerosa dos prolongadores dos «cinco violinos» que também fizeram história no futebol desta área.

Quanto ao Benfica, talvez tenha sido uma sorte de todo o tamanho realizar o jogo de abertura em casa alheia: o ensaio no «particular» de há poucos dias foi altamente encorajador e, embora Carnevale, Voeller, Giannini, Berthold, o bem conhecido Aldair mais o sabidão Bruno Conti obriguem a olhar-se, o clube de Viola e Bianchi com o máximo respeito, também não é menos verdade que o emblema de Valdo, Veloso, Silvino, Paneira, Vata e Isaías, mesmo não podendo contar com Magnusson, Hernâni e Ricardoi, irá fazer de todas as fraquezas uma força que volte a colocar na ribalta futebolística o clube de Eusébio, a bandeira que vai acorrentar à Luz, no conclave que avança no calendário para daqui a duas semanas, 100 mil impulsionando a águia para novo e saboroso voo.

Enfim: hoje e amanhã vai desenrolar-se o papel brilhante e multicolorido que envolve uma caixinha de surpresas. Sempre fascinante, sempre renovadas, cada vez mais intensamente vividas nesse tal reino uefeiro onde centenas de milhões de cidadãos vão, pelo menos durante hora e meia, esquecer as agruras da vida, os percalços do trabalhoso quotidiano, os ventos e marés que se soltam no Golfo: e apenas ligarem ao que pode resultar de uma bola aos pulos, avidamente perseguida por duas legiões pagas a peso de diamante e entronizadas como novos deuses pelos mortais comuns que somos nós, os anónimos.

Neves de Sousa

Quadro de honra

Inglaterra: vinte e dois troféus

Época	Taça dos Campeões (35 edições)	Taça das Taças (35 edições)	Taça das Feiras/Taça UEFA (32 edições)
1955-56	Real Madrid (Espanha)	—	—
1956-57	Real Madrid (Espanha)	—	—
1957-58	Real Madrid (Espanha)	—	Barcelona (Espanha)
1958-59	Real Madrid (Espanha)	—	—
1959-60	Real Madrid (Espanha)	—	Barcelona (Espanha)
1960-61	BENFICA (Portugal)	Fiorentina (Itália)	Roma (Itália)
1961-62	BENFICA (Portugal)	Atlético de Madrid (Espanha)	Valência (Espanha)
1962-63	Milão (Itália)	Tottenham (Inglaterra)	Valência (Espanha)
1963-64	Inter (Itália)	SPORTING (Portugal)	Zaragoza (Espanha)
1964-65	Inter (Itália)	West Ham (Inglaterra)	Ferencvaros (Hungria)
1965-66	Real Madrid (Espanha)	B. Dortmund (RFA)	Barcelona (Espanha)
1966-67	Celtic (Escócia)	Bayern (RFA)	Din. Zagreb (Jugoslávia)
1967-68	Manchester Un. (Inglaterra)	Milan (Itália)	Leeds (Inglaterra)
1968-69	Milão (Itália)	S. Bratislava (Checoslov.)	Newcastle (Inglaterra)
1969-70	Feynoord (Holanda)	Manchester City (Inglaterra)	Arsenal (Inglaterra)
1970-71	Ajax (Holanda)	Chelsea (Inglaterra)	Leeds (Inglaterra)
1971-72	Ajax (Holanda)	Glasgow Rangers (Escócia)	Tottenham (Inglaterra)
1972-73	Ajax (holanda)	Milan (Itália)	Liverpool (Inglaterra)
1973-74	Bayern (RFA)	FC Magdburg (RDA)	Feyenoord (Holanda)
1974-75	Bayern (RFA)	Dinamo de KIev (URSS)	B. Möenchengladbach (RFA)
1975-76	Bayern (RFA)	Anderlecht (Bélgica)	Liverpool (Inglaterra)
1976-77	Liverpool (Inglaterra)	Hamburger (SV (RFA)	Juventus (Itália)
1977-78	Liverpool (Inglaterra)	Anderlecht (Bélgica)	PSV Eidhoven (Holanda)
1978-79	Nottingham (Inglaterra)	Barcelona (Espanha)	B. Möenchengladbach (RFA)
1979-80	Nottingham (Inglaterra)	Valência (Espanha)	E. Frankfurt (RFA)
1980-81	Liverpool (Inglaterra)	Dinamo Tbilisi (URSS)	Ipswish Town (Inglaterra)
1981-82	Aston Villa (Inglaterra)	Barcelona (Espanha)	IFK Göteborg (Suécia)
1982-83	Hamburger SV (RFA)	Aberdeen (Escócia)	Anderlecht (Bélgica)
1983-84	Liverpool (Inglaterra)	Juventus (Itália)	Tottenham (Inglaterra)
1984-85	Juventus (Itália)	Everton (Inglaterra)	Real Madrid (Espanha)
1985-86	Steaua Bucareste (Roménia)	Dinamo Kiev (URSS)	Real Madrid (Espanha)
1986-87	FC PORTO (Portugal)	Ajax (Holanda)	IFK Göteborg (Suécia)
1987-88	PSD Eidhoven (Holanda)	Mechelen (Bélgica)	Bayer Leverkusen (RFA)
1988-89	Milão (Itália)	Barcelona (Espanha)	Nápoles (Itália)
1989-90	Milão (Itália)	Samptória (Itália)	Juventus (Itália)

COMENTÁRIO

Linha aberta

A grande comédia da bola segue dentro de momentos, com o primeiro acto no palco de Alvalade. Será o Sporting, revitalizado com o fulgor de exibições de luxo e a moralização de resultados dilatados, a receber os belgas do Malines. Depois, teremos vinte horas de intervalo, até que, em Setúbal, o FC Porto dê as boas vindas aos irlandeses do Portadown, logo se seguindo os demais episódios em Roma, Istambul e Amadora, com o Vitória de Guimarães, Benfica e Estrela a completarem o programa da primeira cena da «revista uefeira».

Naturalmente que a roda que girou em Zurique, não proporcionou motivo de regozijo para os clubes portugueses, particularmente para o Benfica, Sporting e Estrela da Amadora, já que os parceiros que o destino lhes remeteu pertencem ao mais alto escalão do futebol do Velho Continente. Em todo o caso, nem os romanos assustam benfiquistas, nem os belgas amedrontam sportinguistas, nem os helvéticos superam o optimismo e potencial do debutante clube da Amadora.

Quanto ao FC Porto, é abissal a diferença entre o seu potencial e que se conhece dos irlandeses, pelo que não surpreende a elevada onda de esperança que reina nas hostes dos «dragões» e, muito por isso, mas também por que a vida está cara e uma viagem de 600 quilómetros se torna dispendiosa, o Estádio do Bonfim não irá registar afluência significativa.

Os minhotos do Vitória de Guimarães tiveram viagem atribulada até Istambul, em virtude do «caminho aéreo» estar reservado a outros voos, mas a nossa voncicção, finca-se na certeza de que o estado psicológico de Jesus e seus companheiros, ficará recomposto até ao momento em que o italiano Stafoggia, faça ecoar o primeiro silvo do seu apito. Depois será o «medir de forças» entre a técnica dos comandados de Paulo Autori e a força físico-atlética do «pelotão» chefiado pelo holandês Guus Hiddink, e, mesmo considerando que a excelente turma minhota tenha vindo a revelar algumas insuficiências, seria «escandaloso» que, na soma dos dois jogos, a aritmética funcionasse a favor dos turcos.

•

Perante este quadro — e não pretendendo exibir optimismo exagerado, que, no mínimo, seria extemporâneo — o favoritismo da ronda vai para o futebol português e não ficaremos surpreendidos se, daqui por 15 dias tivermos cinco representantes presentes no sorteio para a eliminatória seguinte.

Naturalmente que todos recordamos a fracassada presença da selecção lusa no recente confronto com a Finlândia e daí que alguém ponha em causa a razão porque alimentamos tamanha confiança nos nossos representantes, só que, nos cinco palcos europeus desta jornada, estarão vedetas de outra orla. E exemplos remotos e recentes evidenciam como, entre nós, se sucedem os fracassos da selecção e se registam êxitos clubistas. Recorde-se Berna, Amesterdão, Viena, Antuérpia e Tóquio...

A via está aberta e a rota está traçada. Porto, Sporting e Estrela terão que «resolver a questão» entre o seu público pelo perigo que poderá originar o adiamento para terrenos alheios. O Benfica e o Vitória de Guimarães saberão utilizar o melhor esquema táctico para regressar com esperança na bagagem.

Para já mantenha-se içado o estandarte da confiança e bem erguida a bandeira do optimismo.

Alves Henriques

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

Sporting: o onze ideal aqui está

Esta noite (21 e 30), em Alvalade, teremos o primeiro episódio de uma cena em cinco actos que amanhã se completará nos palcos do Bonfim (Porto), Roma (Benfica), Istambul (Guimarães) e Amadora (Estrela).

Sporting no içar da cortina

GRANDE ANGULAR

Quando o nosso relógio marcar 14 horas e 45 minutos, estará a ser dado o pontapé de saída do primeiro dos 63 encontros que correspondem à jornada inaugural das três competições da UEFA. O palco do primeiro episódio da grande comédia da bola, será em Hibernians, onde o clube local receberá a visita do Partizan de Belgrado, em jogo a contar para a Taça que também tem como participantes o Benfica, Sporting e Vitória de Guimarães. Mais tarde, será dado o silvo arbitral em diversos recintos e quando a noite já estiver bastante escurinha teremos o «rugir do leão» em Alvalade, tendo como opositor a forte equipa belga do Malines.

Lá estaremos prontos a aplaudir. Nós, várias dezenas de milhar de sportinguistas e demais adeptos do futebol. O objectivo é um só: vibrar com a exibição dos sportinguistas e festejar os golos de patente «made in Portugal». O voto de todos nós consiste na retirada das graníticas bancadas de Alvalade com a convicção de que o resultado não deixe admitir outra hipótese que não seja a passagem da nobre colectividade «leonina» à fase seguinte. Fernando Gomes, Careca, Douglas, Cadete, Venâncio, Oceano e seus pares, não poderão consentir adiamentos, impondo-se que a solução seja tomada até às 23 horas e 15 minutos de hoje. Adiar não é resolver, por isso...

Naturalmente que o Malines não é «pêra doce» nem «café açucarado» para qualquer equipa lusa, mas, a avaliar pelas soberbas actuações dos comandos de Marinho Peres no decurso das quatro rondas do campeonato interno, ninguém ousará vaticinar outro resultado que não seja vitória convincente dos «leões».

Dir-nos-ão que estamos a cometer o ligeiro delito de concedermos favoritismo a uma equipa, estando outra de igual gabarito em cena.

Aceitamos a advertência, mas insistimos no preceito de que o Sporting está fortemente moralizado, conta com uma equipa de alta bitola (a melhor dos últimos dez anos), tem como orientador técnico um dos mais credenciados tratadistas da ciência futebolística e gravita num horizonte de inquestionável optimismo colectivo.

Por tudo isso, a nossa aposta: com vigor, tenacidade, fibra, talento, engenho, arte, força e o calor bortado daquele imenso bloco de betão, o Sporting vencerá.

Dir-me-ão, ainda, que sonho. Sonho, seria pensar que um dia o Benfica arrancaria triunfo europeu em Berna ou em Amesterdão! Sonho, seria prever a gloriosa caminhada dos «magriços»! Sonho seria Viena e Tóquio de onde o FC Porto regressou com os mais cobiçados troféus europeus e mundiais! Sonho seria, quando em 1964, o Sporting foi à Bélgica vencer a Taça das Taças! Mas se tudo isso foi um sonho, quero sonhar.

A H

Calendário «Uefeiro»

A partir de hoje até ao cair do pano no dia 29 de Maio de 1991 o calendário das três competições da UEFA é o seguinte:

FASES		TAÇA DOS CAMPEÕES	TAÇA DAS TAÇAS	TAÇA UEFA
1.ª Eliminatória	1.ª «Mão»	19- 9-90	19- 9-90	19- 9-90
	2.ª «Mão»	3-10-90	3-10-90	3-10-90
2.ª Eliminatória	1.ª «Mão»	24-10-90	24-10-90	24-10-90
	2.ª «Mão»	7-11-90	7-11-90	7-11-90
3.ª Eliminatória	1.ª «Mão»	–	–	28-11-90
	2.ª «Mão»	–	–	12-12-90
Quartos-de-final	1.ª «Mão»	6- 3-91	6- 3-91	6- 3-91
	2.ª «Mão»	20- 3-91	20- 3-91	20- 3-91
Meias-finais	1.ª «Mão»	1- 4-91	10- 4-91	10- 4-91
	2.ª «Mão»	24- 4-91	24- 4-91	24- 4-91
Finais	1.ª «Mão»	29- 5-91	15- 5-91	8- 5-91
	2.ª «Mão»			22- 5-91

Hoje disputam-se os seguintes confrontos: *Taça dos Campeões:* Odense-Real Madrid. *Taça UEFA:* Sporting-Malines, Hibernians-Partizan de Belgrado, Hafnafjordur-Dundee United, Glenavon-Bordéus, Avenir Beggen-Inter de Brasislava e Roda-Mónaco. *Taça das Taças:* Sliema-Dukla de Praga.

Presenças portuguesas

Desde a época de 1955/56, ano em que o francês Gabriel Hanot inspirou a criação do Campeonato Europeu de Clubes (Taça dos Campeões) estiveram presentes 14 clubes (o Estrela da Amadora será o 15.º) com a curiosidade de, a partir de 1960 (início da disputa das três provas em simultâneo) o Benfica ser o único totalista, tendo participado 21 vezes na TCE, cinco na TT e outras tantas na Taça UEFA. Para a história aqui fica a «folha do ponto».

Época	Taça dos Campeões	Taça das Taças	Taça das Feiras / Taça UEFA
1955-56	Sporting	–	–
1956-57	FC Porto	–	–
1957-58	Benfica	–	–
1958-59	Sporting	–	–
1959-60	FC Porto	–	–
1960-61	Benfica	–	–
1961-62	Benfica Sporting (2.º)	Leixões	Belenenses
1962-63	Benfica (3.º) Sporting	V. Setúbal (II Div.)	FC Porto Belenenses
1963-64	Benfica	Sporting	FC Porto Belenenses
1964-65	Benfica	Sporting FC Porto	Belenenses Leixões
1965-66	Benfica	V. Setúbal	FC Porto CUF
1966-67	Sporting	Sp. Braga	Sporting Benfica FC Porto V. Setúbal
1967-68	Benfica	V. Setúbal	FC Porto Sporting CUF
1968-69	Benfica	FC Porto	Sporting Académica V. Setúbal Leixões
1969-70	Benfica	Académica	FC Porto V. Guimarães V. Setúbal Sporting
1970-71	Sporting	Benfica	V. Setúbal Barreirense V. Guimarães
1971-72	Benfica	Sporting	FC Porto V. Setúbal Académica
1972-73	Benfica	Sporting	V. Setúbal CUF FC Porto
1973-74	Benfica	Sporting	Belenenses V. Setúbal
1974-75	Sporting	Benfica	V. Setúbal FC Porto
1975-76	Benfica	Boavista	FC Porto Sporting
1976-77	Benfica	Boavista	Belenenses FC Porto
1977-78	Benfica	FC Porto	Sporting Boavista
1978-79	FC Porto	Sporting	Benfica Sp. Braga
1979-80	FC Porto	Boavista	Benfica Sporting
1980-81	Sporting	Benfica	FC Porto Boavista
1981-82	Benfica	FC Porto	Sporting Boavista
1982-83	Sporting	Sp. Braga	Benfica FC Porto
1983-84	Benfica	FC Porto	Sporting V. Guimarães
1984-85	Benfica	FC Porto	Sporting Sp. Braga
1985-86	FC Porto	Benfica	Sporting Boavista Portimonense
1986-87	FC Porto	Benfica	Sporting V. Guimarães Boavista
1987-88	FC Porto Benfica	Sporting	V. Guimarães Chaves Belenenses
1988-89	FC Porto	V. Guimarães	Benfica Belenenses Sporting
1989-90	Benfica	Belenenses	FC Porto Boavista Sporting
1990-91	FC Porto	E. Amadora	Benfica Sporting V. Guimarães

O Benfica é o único clube português que marcou presença em todas as épocas desde que em 1961 se começaram a disputar as três competições.

POLÍTICA

NATO faz e refaz estudos estratégicos

A velocidade de mudança dos acontecimentos é tal que os estrategos parecem ameaçados de constante ultrapassagem

Do nosso enviado especial

A NATO está na oficina, em revisão.

Depois de, no ano passado, ter sido apanhada de surpresa pela acelerada evolução dos acontecimentos a Leste, entrou num frenesi de fazer e refazer estudos estratégicos, fase em que está agora.

E os estudos são tantos que já se mostrou necessário começar a elaborar estudos sobre os estudos, para averiguar a sua propriedade, a metodologia usada, a imaginação, a flexibilidade e aplicabilidade de tais planos. A organização deixou de ter um inimigo definido mas passou a ter vários difusos.

Esta fragmentação do inimigo único deu aos estrategos da NATO lugar prioritário. Proliferaram os especialistas, gabinetes doutras áreas foram anexados, computadores e serviços de informação pisaram o acelerador. E a crise no Golfo veio deitar achas na fogueira ou petróleo na chama.

Um dos inimigos difusos da organização é o das especulações sobre o seu próprio futuro.

Nos últimos dez anos, o orçamento da NATO cresceu apenas em dez por cento e, agora, com o desaparecimento do inimigo a Leste, os países membros só pensam em diminuir as suas contribuições para o orçamento da NATO. Governos contribuintes e eleitores da NATO entusiasmaram-se com a ideia de gastarem menos dinheiro na organização. Como se refaz o futuro, com menos dinheiro? - eis um dos temas de estudo.

Outro aguilhão que espicaça os estrategos da NATO é o da sua limitação geográfica. A Carta da organização mostra-se implacável: se o inimigo real se encontrar a cem metros do lado de lá da fronteira oficialmente definida, estará à vontade para atirar todos os mísseis que quiser. As forças da NATO apanharão com eles na cabeça e não poderão ripostar.

Este outro inimigo difuso está a ser ponderado em proliferantes estudos, mais ou menos frustrantes. Mas ninguém esquece aquele míssil que Khadafi disparou para uma ilha italiana, em retaliação contra o ataque norte-americano a Tripoli.

Na lista dos inimigos difusos também está um problema de velocidades.

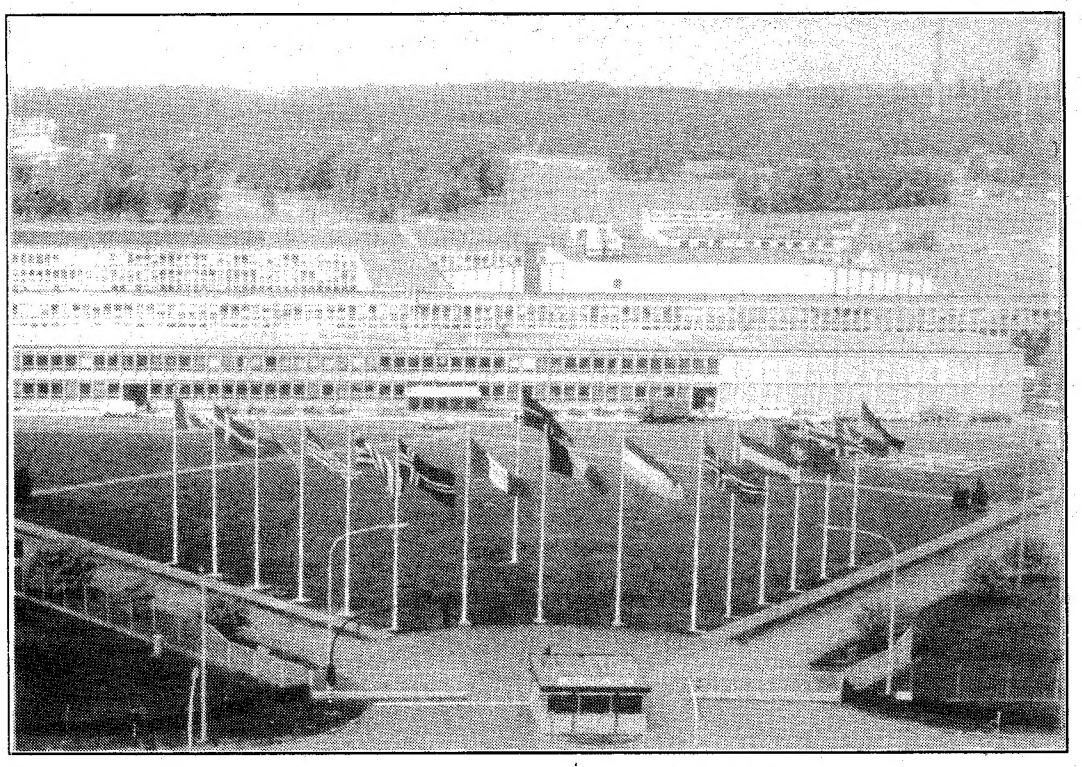
Os peritos da NATO trabalham a cem à hora na elaboração de cenários e planos. Mas precisam da aprovação política e da concessão de verbas dos países membros para passarem o plano escolhido à prática. E antes dessa prática ser-lhes-á necessário ainda algum tempo em preparativos da máquina militar.

Ora a velocidade de mudança dos acontecimentos e dos cenários é tal que os estrategos da NATO parecem agora gravemente ameaçados de constante ultrapassagem.

Mas ser militar obriga a ser optimista. Ninguém vai para a batalha partindo do sólido princípio de que será derrotado. Assim sentem altos círculos militares da organização. E, para alguns, a NATO ganhou até a sua guerra sem disparar um único tiro: obrigou a economia soviética a tanta despesa militar que a perestroika se tornou inevitável. «Fizemos rebentar os fusíveis da economia soviética» disse-nos um especialista.

Só que Saddam Hussein, ele também, quer fazer rebentar alguns fusíveis.

Paulo David



A sede da SHAPE, onde funciona o comando supremo da aliança

EDITORIAL

Á doce coabitação

Continuação da pág. 1

triunfo nas presidenciais? Ou, pela contrário, privilegiará a política de Corte, situando-se acima de todas as opções políticas e alargando ao infinito a consensualidade existente?

A estratégia a definir para as próximas eleições, após o esperado anúncio da recandidatura, já dará indicações a esse respeito. É evidente que, neste final de século, não há lugar para a reprodução do estilo *corta-fitas* de Américo Tomaz. Tivemos, no entanto, um Presidente (quase) limitado ao exercício de poderes simbólicos, através de uma utilização, com maestria, de *velhos media* revalorizados (o *Presidente-sabedoria*, promotor de conferências com intelectuais universalmente reconhecidos) ou de *novos media* articulados com rituais públicos (o *Presidente-rei*, por via das *presidências abertas* na Televisão). Em suma, um *cortafitismo de tipo novo*, adequado à era de *vazio ideológico* dos anos 80.

Será esse papel que Mário Soares pretende desempenhar no segundo mandato, numa espécie de posfácio cerimonial à sua carreira de homem político activo e interveniente? Custa a crer. Aliás, de Reagan a Mitterrand, a tradição dos regimes presidenciais e semi-presidenciais aponta no sentido de uma demarcação qualitativa entre o primeiro e o segundo mandato, este mais liberto dos constrangimentos resultantes da recandidatura. Acresce que, em Portugal, é improvável, embora não impossível, que se reproduza a situação de maioria absoluta do PSD. Isso exigirá uma intervenção de natureza diferente do Presidente da República. Em vez de gerir um consenso *pelo consenso*, poderá, eventualmente, colocá-lo ao serviço de um desígnio.

O Chefe de Estado, na cultura política portuguesa, corresponde a duas vertentes: «Presidente da República, ele é também o presidente da Nação», ou seja «o garante da estabilidade social e o vector da integração social» (Luís Salgado de Matos). Portador de uma carga simbólica herdada dos monarcas, cultiva necessariamente uma dose majestática de ambiguidade, mas também se espera que assuma e personifique, não o Governo, mas a inspiração das grandes linhas de orientação da República. Porque é eleito por sufrágio directo e universal e - caso único entre os orgãos de soberania - por escrutínio maioritário, pede-se-lhe que seja, além de presidente da Nação, Presidente da República.

M.M.

5 20
17 28
22 30
CASA CHEIA

CONCURSO

RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso **Casa Cheia, Apartado 151 - 2766 Estoril Codex**

Este Boletim serve sòmente para concorrentes presentes no programa.

O Boletim para o **"Jógo de Casa"** é publicado exclusivamente na **Revista TELE jogos**

O PREÇO CERTO

CONCURSO

RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso **O Preço Certo, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.**

«Ângelo Veloso faz-nos falta» Foi ao som da «Internacional» e de punhos erguidos que alguns milhares de comunistas acompanharam os restos mortais de Ângelo Veloso até à campa rasa em que ontem ficou sepultado no cemitério da Ajuda. «Ângelo Veloso faz-nos falta, muita falta», disse o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, no elogio fúnebre que proferiu.«Foi um homem que voltou sempre ao combate de cabeça erguida, com a certeza do dever cumprido», acrescentou, com a voz embargada e dificuladade em conter a emoção». O primeiro-ministro Cavaco Silva enviou um telegrama de condolências à família do dirigente comunista, que considerou «figura corajosa e coerente de político a quem presto homenagem».

«Marcação cerrada» às câmaras

PS acusa PSD de guerrilha

O coordenador da Federação Distrital do Porto do Partido Socialista acusou o PSD de «fazer uma marcação cerrada e guerrilha contra as Câmaras do PS».

Estas acusações já foram referidas, mais do que uma vez, pelo líder socialista Jorge Sampaio, mas esta conferência de Imprensa, realizada ontem no Porto, foi a resposta ás declarações da Comissão Política do PSD/Porto, feitas na sexta-feira passada aos jornalistas.

Carlos Lage afirma que «esta guerrilha merece uma veemente rejeição» além de que coloca «problemas éticos, pois o PSD está a conduzir o ataque às Câmaras do PS por via administrativa, ameaçando e exigindo do Governo inspecções e inquéritos, ao mesmo tempo que antecipam as conclusões com julgamentos atentatórios da honradez e da dignidade dos eleitos pelas populações».

Para o dirigente socialista estas acções contra as câmaras PS «têm sede em Lisboa, com a cumplicidade do Governo e do primeiro-ministro».

O coordenador da Federação do PS/Porto sublinhou o «espírito de cooperação» existente nmas câmaras do PS que «não estão a fazer oposição ao Governo, à Administração Central ou às empresas públicas que actuam nos concelhos».O dirigente socialista disse ainda que o seu partido «não nega ao Governo a sua quota-parte no mérito das obras ferroviárias e rodo viárias do Porto e da área metropolitana», acrescentando , no entanto, que «ninguém pode reclamar a propriedade destas obras, projectadas há tanto tempo».

Na conferência de Imprensa participaram os presidentes da Câmara de Matosinhos, Narciso Miranda, e da Associação nacional de Autarcas Socialistas, Joaquim Couto, e ainda os vereadores Gomes Fernandes, Orlando gaspar, Meneses Figueiredo e José Saraiva.

Crise em Anadia

O Partido Socialista exige a demissão de António Costa, líder do PSD de Anadia e presidente da Assembleia Municipal do concelho.Os socialistas acusam o líder social-democrata de estarligado a «interesses obscuros» e de não respeitar a Lei das Autarquias, ao não ter convocado a Assembleia Municipal, que deveria reunir em Setembro com o pretexto de «alta de assuntos para discussão». Na sequência destes acontecimentos o presidente da Câmara de Anadia, Silvio Cerveira, formalizou o seu pedido de suspensão de mandato.

Soares defende novas democracias

O Presidente da República, que hoje participa num colóquio, em Estrasburgo, vai apelar à solidariedade dos países da Europa Ocidental com as novas democracias da Europa Central e do Leste.

Mário Soares fará o discurso de abertura do colóquio «Europa: os caminhos da democracia», promovido pela secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumiére. Liberdade e Democracia são as palavras mais utilizadas durante a intervenção do Presidente português, mas vai também falar de racismo, xenofobia, defender a unidade europeia e destacar a importância da criação de novos instrumentos de intervenção no quadro das Nações Unidas, numa rápida alusaõ à crise no Golfo Pérsico.

Participam nos trabalhos cerca de 200 personalidades de 30 democracias ocidentais e ainda representantes dos países da Europa Central e de Leste.

O Presidente Mário Soares viaja , ainda hoje para Paris onde se irá encontrar com o seu homólogo, François Miterrand, de quem é amigo pessoal. Aliás, Soares é o primeiro chefe de Estado a ser recebido por Miterrand após a violação da embaixada francesa pelas tropas do Iraque.

Durante a estada em Paris, o Presidente vai aproveitar para ver uma exposição de Júlio Pomar, na galeria Georges Lavrov e tem marcada uma entrevista para o programa «A marcha do Século» apresentado pelo jornalista Jean-Marie Cavada, no terceiro canal da televisão francesa.

Informação COMERCIAL

Grande Prémio de Portugal 90 em Fórmula 1

22 e 23 de Setembro.

Vá ao Autódromo mas...

Vá de Comboio.

A CP e a Rodoviária Nacional organizam serviço combinado especial nos dias 22 e 23 de Setembro, com partidas de Cais do Sodré e outras estações da Linha de Cascais com destino a Estoril e vice-versa;
Para este serviço foram emitidos bilhetes de ida e volta ao preço único de 500$00.
Bilhetes à venda nas estações da CP da Linha de Cascais.

Caminhos de Ferro Portugueses

MRPP faz 20 anos

Faz hoje vinte anos foi fundado o Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado, do qual nasceu em Dezembro de 1976 o Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses (PCTP). Nascido durante a ditadura, o MRPP desde logo se distanciou dalinha política do PCP, considerada «revisionista e oportunista». Actualmente o PCTP atravessa um período difícil, em especialdepois de lhe ter sido retirada a sede nacional, na Calçada do Combro.

Redes transeuropeias são questão social

Do nosso correspondente em Bruxelas

«Falar das redes transeuropeias é falar da coesão económica e social» — esta a afirmação de um elemento da delegação portuguesa ontem, em Bruxelas, quando informalmente se referir à questão que, mais uma vez, voltou ao plenário do Conselho de Ministros do Mercado Interno.

Mais tarde, em conferência, o ministro italiano para as políticas comunitárias, Pierluigi Romita, disse que o projecto atingiu tal dimensão que estravasa este conselho. Deve, portanto, passar para o do Assuntos Gerais. «Trata-se de construir uma estrutura necessária para concretizar a livre circulação de pessoas e mercadorias. Não basta pôr tudo isto no papel» — afirmou o ministro italiano.

Falou especificamente nas redes ferroviária, rodoviária, de energia e comunicações. Concluiu este ponto da agenda abordando a formação profissional, para afirmar: «Difícil será que numa Europa livre circulem trabalhadores sem uma formação profissional harmonizada. Trata-se de um problema de grande envergadura e é necessário encontrar os financiamentos adequados». A Comissão foi encarregada de elaborar um relatório final para apresentar até ao final do ano.

O presidente do conselho disse que tinham chegado à adopção de uma directiva definitiva sobre os mercados públicos, nomeadamente nos sectores da água, electricidade, transportes e telecomunicações. A medida pretende possibilitar uma concorrência real nestes sectores à escala comunitária. No entanto, revelou Romita, é necessária uma outra directiva sobre o procedimento em caso de recursos que ainda está pendente. «Trata-se de um passo fundamental para o funcionamento de todo este mecanismo» — concluiu o presidente do Conselho.

Outros temas

Agendada para esta reunião estava a etiquetagem em produtos alimentares. Trata-se da adopção de uma primeira directiva que obriga à informação sobre a composição química e efeito nutricional dos produtos. O ministro revelou terem-se dados importantes numa segunda directiva, que será analisada em próxima reunião. Na sua opinião há esperanças em conseguir-se a obrigatoriedade em matéria de etiquetagem alimentar.

Outro assunto que mereceu especial referência foi a aprovação definitiva de um regulamento para o trânsito comunitário de recipientes simples sob pressão, material eléctrico e matérias com risco de explosão.

Finalmente a questão de protecção de dados pessoais dos cidadãos em termos de circulação informática foi também abordada. Foi analisado um relatório da Comissão e sugerido que o Comité de Representantes Permanentes proceda à análise do documento.

José Rui Cunha

FORUM

O PLANO DA AVENIDA

Já há algum tempo tinha acertado com o «Diário de Lisboa» o recomeço de uma velha colaboração periódica, envolvendo temas de arquitectura em perspectiva crítica.

E é isso que de facto, agora, se inicia.

Esta nova série de textos abandona o título genérico da antiga «Arquitectura Reflexa» que lá terá cumprido conforme pôde o seu papel e organiza-se em torno da designação global de «Entreténs de Arquitectura», o que, remetendo para ilustres antecendentes, o faz com deliberado desprendimento e ligeireza.

Que Viollet-le Duc me perdoe a má lembrança, que aceito atrevida mas não totalmente despropositada.

É conhecido que um dos motivos que pressionou Viollet-le-Duc, sujeito a forte polémica, a reunir os seus vinte textos vai para mais de um século, foi dar a conhecer, de forma organizada, o que constituía de facto a sua posição teórica, na esperança, contudo algo céptica, de que os veementes ataques que vinha sofrendo de vários sectores mais ou menos ligados à prática e ao ensino da arquitectura, ao menos fossem motivados por aquilo que ele, de facto, pensava e defendia, e não por aquilo que lhe era cega e repetidamente atribuído de maneira ingénua — ou bastante menos ingénua que isso — mas que em nada correspondia às suas propostas.

Aliás, aquelas práticas polémicas utilizadas com Viollet-le-Duc têm-se repetido, antes e depois dele, com bastante frequência, o que em princípio seria indicador do êxito do método.

De facto, continua a ser recurso alegremente praticado, este da ardilosa atribuição de ideias e esquemas mentais a terceiros sem ao menos pedir licença, o que permite a construção imediata de contra-argumentação, inevitavelmente sagaz e solidamente estruturada que frontalmente vai rebater o que a esses terceiros se atribui.

Já é mau que se esqueçam esses lépidos polemistas que apenas argumentam contra fantasmas que eles próprios criaram, isto é, que o jogo em que se envolvem é por eles viciado à partida.

Mas pior que isso, é que depois se vão curiosamente repetindo as ideias que se atribuem e os argumentos que teoricamente as rebatem, e de simplificação em simplificação se deixa de ter a menor noção do que seriam de facto as posições do autor tão asperamente criticado.

Aí a necessidade de um esclarecimento a partir da fonte, que mais não seja, para evitar o desgaste inútil de energia que resulta das polémicas sem fundamentação credível.

Ora, independentemente da minha vontade, é certo que tenho estado frequentemente a ser citado na imprensa, que aí se faz eco de outras referências que, com maior ou menor elegância e justeza, se têm vindo a produzir, sobre um plano que desenvolvi há cerca de vinte anos, no início da década de 70, para a Avenida da Liberdade.

Entretanto tenho verificado que, dessas referências que têm surgido, se pode concluir ser extremamente precário o conhecimento efectivo que do Plano existe, sendo mesmo legítimo pensar que do Plano não existe conhecimento algum. Um jornal *justificava* que, hoje, o Plano da Avenida não era aceitável por nele não ter sido prestada atenção ao património arquitectónico, um outro mais recente *explicava* que o Plano era inoperacional porque era «só volumes», um terceiro considerava que o Plano tinha agora sito «reabilitado» — e eu com ele — o que de facto é já dizer muito em todos os sentidos.

Até um, parece que hábil, nadador de águas de duvidosa proveniência, limpidez e cheiro, afirmou que o Plano não teria provado, dados os resultados com eles obtidos.

Para além do ridículo de algumas das opiniões, fica no entanto suficiente matéria que importa esclarecer, não com o objectivo que seria igualmente ridículo de fazer do Plano a última maravilha do século, mas para pôr um pouco de ordem nisto tudo, o que, de caminho, permite também pensar sobre o que nos convém a todos neste momento e habilitar mesmo o público não especializado, mas que sofre os planos que se vão fazendo, a ter alguns argumentos sérios com que discutir e estabelecer juízos de valor, para além do folclore que lhe é habitualmente fornecido.

Suponho quase minha obrigação o fazê-lo.

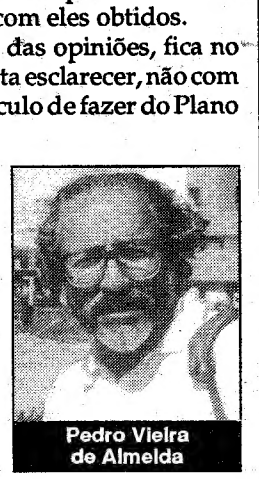
Aproveitando a ocasião, tentarei levantar alguns problemas de carácter mais genérico, que me parece terem interesse conhecer como forma de enquadramento e caracterização global daquilo que um plano pode ser como instrumento de intervenção.

É, portanto, todo um programa talvez ambicioso, mas que tentarei levar a cabo o menos pretenciosamente que for capaz, aquele a que deito mão.

Para já — e para começar por um dos argumentos que parece ter colhido, a observação que o Plano não teria aprovado — importa, de uma vez por todas, relembrar que o Plano *nunca* foi aplicado.

Logo em 74, a extinção da indispensável Comissão de Acompanhamento do Plano e a posterior, matreira e fantasista, gestão Abecasis, impediram qualquer concretização do Plano, que apenas foi perversamente citado como cortina de fumo de arbitrárias decisões que com ele nada tinham a ver.

Para apreciar negativa ou positivamente o Plano de 70, repito, seria bastante conveniente conhecê-lo. Pelo menos nos seus aspectos mais significativos.

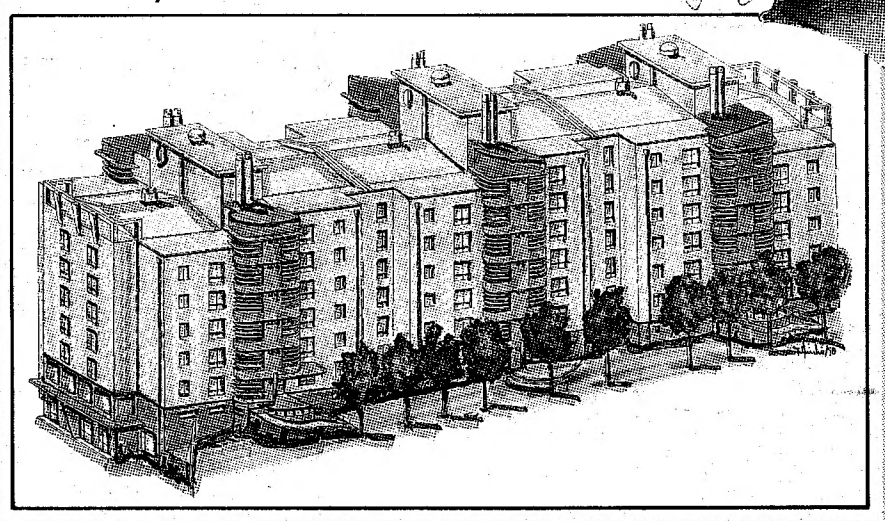


Pedro Vieira de Almeida

bisturi

COMPRE
APARTAMENTOS NA
COSTA AZUL
TORRES DO SADO
SETÚBAL

A dois passos de Lisboa, SETÚBAL-
-A CAPITAL DA COSTA AZUL - começa já a viver o FUTURO!
Já lhe chamam SILICON BAY... E com razão...
OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR.
SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS!
AS **TORRES DO SADO** - JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL - SÃO UM **INVESTIMENTO CERTO**, COM **VALORIZAÇÃO GARANTIDA**.



Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.

MESMO NO-
-CORAÇÃO-
-DA CIDADE!

Estou interessado em receber todas as informações sobre os vossos andares nas **TORRES DO SADO** em SETÚBAL.
Nome
Morada
Tel.

TETRA
CONSTRUÇÃO, S.A.

ANDAR MODELO EM SETÚBAL: Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto Mobil
Telefone **065 / 72 11 44** Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27-1.º Esq. - 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

FORUM

O CASTELO DE AXEL

O «Studio Editoriale» voltou a publicar a obra «O Castelo de Axel» de Edmund Wilson e espero esta seja agora uma boa oportunidade para quem nunca tenha lido esta obra-prima da crítica contemporânea. Ao reflectir sobre a época em que este livro saíra - o início dos anos trinta - resolvi reler algumas páginas de um outro livro belíssimo, «On native grounds», de Alfred Kazin, que a editora «Longanesi», benemeritamente, traduzira nos anos Cinquenta com o título enganador de «História da Literatura Americana».

Kazin foi um homem do «New Deal» e pertencia àquela raça de críticos anglo-saxões que, como recordava recentemente Anthony Burgess, procuram na literatura mais a afirmação de ideias e valores morais do que as desesperadas manobras do estilo. E Kazin, em 1942, enquanto se esfumavam as ilusões progressitas da era rooseveltiana pré-bélica, via-se a contas com um aguerrido grupo de adversários, os «New Critics».

Estes procuravam, muitas vezes, nos textos poéticos, estratégias estilísticas, acções simbólicas, estruturas subjacentes, soluções linguísticas, tipo de ambiguidade semântica, e podiam afirmar, como Crowe-Rawe-Ransom a propósito de Wallace Stevens: «Esta lírica tem uma complexidade calculada, e a sua competência técnica é de tal modo elevada que o simples facto de a estudarmos nos torna felizes».

Perante estas experiências da chamada «close reading», que privilegia o texto como máquina linguística desinteressando-se da história que lhe está adjacente e da sociedade que a poderia receber, Kazin indignava-se e chegava mesmo a acusar estes «novos críticos» de serem quase todos aristocratas sulistas que mostravam possuir um «alto grau de fascismo intelectual».

Parece-nos ouvir as lamúrias, que se repetem todos os decénios, dos humanistas da velha guarda escandalizados com as novas técnicas críticas, as quais anatomizam os textos e, por esta razão lhes roubam o sabor, Kazin lamentava-se com inteligência, até mesmo com uma certa ironia. A dada altura recorda que, uma vez, Einstein, ao restituir «O Castelo», de Kafka, a Thomas Mann (que lho tinham emprestado) lhe dissera: «Não consegui lê-lo. O cérebro humano não é complexo até este ponto!». E para encontrar uma oposição à moda do «New Criticism» citava nada mais nada menos que Wilson, um crítico comprometido, que sabia ligar a literatura à sociedade, e que a Einstein surgia como um sopro de uma nova esperança.

Mas se relermos hoje, de entre os ensaios de «O Castelo de Axel», o que se refere a Joyce, apercebemo-nos que Wilson - pelo menos segundo a perspectiva dos humanistas moralistas - era muito pior do que os «New Critics» (ou antes, na minha opinião, muito melhor). Explicava-nos que não se pode ler a nova literatura se não se tiverem presentes as novas teorias científicas, como a de Einstein. Isto é, Wilson era talvez o primeiro a afirmar que o valor cognitivo e moral de Joyce não residia tanto nos eventos narrados ou na psicologia das personagens, mas, antes, no modo como a própria estrutura do romance relatava uma nova maneira de conceber o mundo. Bem diferente da «close reading»... Penso que Wilson teria respondido a Einstein que, para compreender Kafka, era justamente necessário ter um cérebro complexo como o dele (Einstein) e que não se podia fazer uma boa crítica sem defrontar a complexidade das estruturas narrativas e linguísticas.

Umberto Eco

Kazin lamentava que os «New Critics» estudassem as estruturas da obra de Dante sem compreenderem o furor do exilado e o seu lancinante sofrimento. Como se Sílvio Pellico e Francesco Guerrazzi não tivessem, também eles, sofrido dores lancinantes e não tivessem, também eles, manifestado a sua forma de furor. A diferença entre estes e Dante não reside na quantidade de dor sofrida, mas na estratégia linguística e textual com a qual cada um a exprimia, e na complexidade do mundo que representavam.

E se, na «Divina Comédia», sofrimento e furor nos tocam mais que em «As Minhas Prisões», de Sílvio Pellico ou que em «O Cerco de Florença», de Francesco Guerrazzi, eis o que precisamente se nos revela através dos métodos da «close reading» - que hoje são mais elaborados e críticos do que aqueles, em suma, ainda artesanais, dos «New Critics» - e com perspectivas bastante afins àquela, esplendidamente interdisciplinar, de Edmund Wilson.

(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo DL/ L'Expresso

O 5.º OBJECTIVO

O último discurso do presidente dos Estados Unidos da América do Norte tem, de facto, algum rasgo da melhor tradição da oratória política daquele país.

Exprimir, em nome da nação mais poderosa do mundo, o empenhamento numa «nova ordem internacional», «livre de ameaças de terror», «mais forte na prossecução da justiça» e «mais segura na procura da paz», visionar um futuro assim, assumir o compromisso de uma luta por um mundo assim, evoca um Roosevelt e algum Kennedy.

Com efeito, para além da questão imediata da crise no golfo Pérsico, e dos eventuais problemas de compatibilização do fôlego moral deste discurso com várias implicações da presença dos EUA na região, esta proposta do presidente Bush abre uma hipótese extremamente interessante para o mundo.

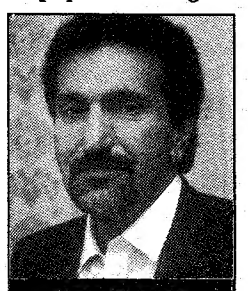
O problema estará em apurar em que medida uma nova ordem internacional com estes contornos políticos e morais pode ser tão fortemente protagonizada por um Estado, por um Estado que se assume como seu garante, sua tutela ética, seu braço armado.

Na verdade, se qualquer Estado só pode ter uma política coerente com os seus interesses, com as suas concepções do mundo e com a própria lógica do seu poder, o protagonismo fortíssimo dos EUA entrosado na presente proposta, torna-a problemática à partida.

Basta comparar o sentido e a lógica desta proposta com a lógica e o sentido de algumas intervenções norte-americanas nos últimos tempos, já sob esta administração, por exemplo, as realizadas no continente americano.

Tais contradições não retiram a este discurso o interesse que ele pode ter para a comunidade internacional e, mais latamente, para o futuro da paz. Impõem é a essa comunidade, aos estados, às regiões, às grandes organizações supranacionais, uma potenciação cuidadosa desta lógica, vertendo-a numa arquitectura de equilíbrios e de compromissos que contenha o protagonismo norte-americano.

Sendo óbvio que se trata de um trabalho a realizar por toda a comunidade internacional, com pólos nas grandes regiões deste planeta, e no rigoroso respeito das leis internacionais, é nítido que está aí uma ampla, uma obrigatória, oportunidade para a Europa. Porque a Europa está suficientemente perto e suficientemente longe dos EUA. E porque, não tendo a Europa por exemplo, assumido nesta crise do golfo Pérsico, a voz política, coesa, o peso político articulado, que minimamente se desejaria, precisa de encontrar, para o seu papel planetário, uma convergência mais fácil. Uma concepção europeia de uma nova ordem internacional, um trabalho conjunto e suficientemente autónomo por parte da Europa a favor dessa nova ordem, contribuiriam para a paz e a razoabilidade mundiais e para a própria afirmação da Europa, perante si própria.


Artur Portela

Este empenhamento europeu abriria a Portugal uma larga e muito interessante oportunidade. Pela singularidade da nossa logística geocultural. Pela nossa experiência política, nomeadamente de apoio a processos de paz e de aprofundamento da democratização de países africanos. Essa nova oportunidade portuguesa implicaria uma inflexão, se não nos objectivos fulcrais da nossa política exterior, pelo menos na nossa margem de manobra, no nosso grau de autonomia, na nossa criatividade e rapidez de resposta.

Falamos, não de qualquer colisão frontal com os nossos aliados tradicionais, mas do exercício pleno dos nossos direitos de um estado diplomaticamente soberano. Do abandono de alguns tiques de seguidismo ou de paralisada expectativa. O que, aliás, temos provado ser capazes de fazer. Por exemplo, no nosso papel nos processos de pacificação de Angola e de Moçambique. Precisa-se, neste domínio, de uma nova psicologia, de um novo estilo e de um novo ritmo: mais *élan* e mais autonomia.

Uma nova ordem internacional, feita de segurança e de expedita solidariedade, pode converter-se num dos dois ou três objectivos maiores do continente europeu. E, especificadamente, criativamente, corajosamente, de Portugal.

Em definitivo, não se trata de uma tarefa para chefes de gabinete. Com o devido respeito pelos chefes de gabinete. Quando não usam pseudónimos.

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Henrique Barrilaro Ruas:

(...) Tudo se passa como se o sistema universal hoje vigente estivesse senhor de uma verdade que é uma pseudoverdade: que basta para os homens serem felizes negociar acordos internacionais, Estado com Estado. Como se nada mais houvesse no mundo dos homens além dessas pesadas e artificiosas estruturas a que chamamos Estados. Enquanto as grandes, as médias, as pequenas potências encenam o surpreendente espectáculo da guerra no Golfo, há mais coisas no coração do homem. E é doloroso verificar (será apenas falta de informação) que nem sequer entre os canadianos de origem francesa - tão puramente depositários de uma altíssima tradição de valores cristãos - se levantem vozes de protesto, para reforço do inaudível protesto dos índios.

17.SET.90

CAPITAL

Da coluna «Língua Portuguesa», de Edite Estrela:

(...) Ler não é soletrar. Tão-pouco ligar as palavras na frase. Ler é compreender. Interpretar as diferentes mensagens que a sociedade moderna não cessa de produzir e aumentar, cavando mais o fosso entre as competências dos falantes e as necessidades. A multiplicação dos instrumentos de comunicação, a valorização da informação, a diversidade de serviços e formulários, a sofisticação dos electrodomésticos e as instruções de uso exigem maior desenvoltura no domínio da língua escrita.

O saber é emancipador e factor de socialização. O indivíduo que não acompanhou o avanço tecnológico e a modernização das empresas, desenvolvendo as qualificações profissionais, fica marginalizado no emprego. Os que não têm conhecimentos suficientes para lhes permitir progredir ou participar no progresso da comunidade são remetidos para as margens da sociedade. Uns e outros são analfabetos funcionais. (...)

17.SET.90

PÚBLICO

De um artigo de Eduardo Prado Coelho:

(...) É extremamente interessante verificarmos como a crise do marxismo e das experiências do «socialismo real» vem reactivar esta visão revolucionária de Walter Benjamin. De certo modo, o que vemos aqui é a separação do salto qualitativo, que passa a ser um gesto trágico de voluntarismo puro, de qualquer base quantitativa (seja ideológica, tecnológica ou científica). Este romper com o contínuo da História cria obviamente dois espaços: o espaço da política dos políticos, versão oportunista e aconchegada do quotidiano rançoso da politiquice, e o espaço da política heróico/revolucionária, momento absoluto em que a decisão apenas se fundamenta em si própria. (...)

17.SET.90

O DIA

De um artigo de Silva Resende:

(...) Todos os cálculos dos políticos e dos sociólogos têm resultado vãos em quanto se refere à obstinação belicosa dos povos e ao suscitar dos maníacos da violência e das hegemonias dos Estados. Em 1918, corria mundo o convencimento de que as guerras tinham acabado de vez. À custa de enormes sofrimentos, a Humanidade aprendera que as guerras possuíam inspiração demoníaca e o seu saldo afectava por igual os vencidos e os vencedores.

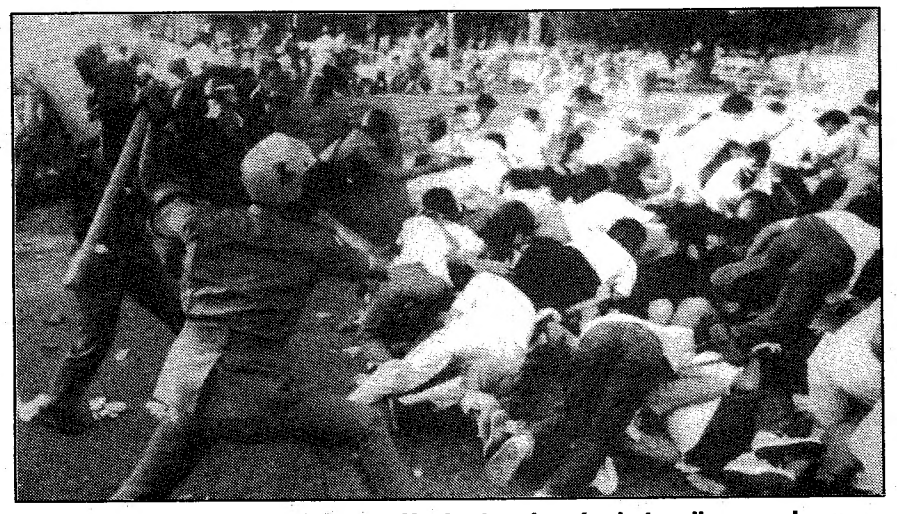
Melhor dizendo, a guerra tornara-a impossível pelos seus próprios elementos de discussão, entre os quais preponderava a reserva das armas químicas. Mas a terra, como no tempo do Galileu, continuava a rodar. (...)

17.SET.90

INTERNACIONAL

Início das conversações marcado por onda de agitação

EUA e Filipinas discutem retirada das bases



Polícia filipina reprime manifestantes depois de ter dispersado a concentração à frente da embaixada norte-americana em Manila

As conversações entre os EUA e as Filipinas para a manutenção das bases militares norte-americanas naquele país, iniciadas hoje em Manila, continuam a provocar agitação no país. Hoje, a poucas horas do começo das negociações sobre as bases, uma bomba explodiu num edifício onde está instalado um banco em Manila, mas já ontem outra engenho explosivo tinha deflagrado na torre de transmissão da rádio norte-americana «Voz da América» na província de Tarlac, na região Norte das Filipinas. Ambos os atentados ainda não foram reivindicados e as explosões provocaram apenas danos materiais não tendo chegado a afectar (no caso da torre de transmissão) a difusão dos programas de «A Voz da América». Com estes duas explosões, chega a 29 o número de atentados bombistas nas últimas cinco semanas.

Por outro lado, esta crescente onda de atentados bombistas, que o exército filipino atribui aos opositores da presidente Corazon Aquino, tem sido acompanhada por não menos violentas manifestações por parte de civis empenhados contra a renovação do acordo sobre as bases norte-americanas. No domingo e ontem vinte pessoas ficaram feridas na capital filipina após os recontros entre a polícia e manifestantes que exigiam o encerramento imediato das bases americanas.

O acordo de cedência das bases expira em Setembro de 1991 e a Presidente Corazon Aquino, num discurso transmitido pela televisão local, pediu ontem a «retirada ordeira» dos 17 mil soldados norte-americanos da antiga colónia dos EUA e o estabelecimento de novas relações com Washington, não mais baseadas sobre as condições ditadas pelo fim da II Guerra Mundial. Reconhecendo a importância das bases norte-americanas nas relações entre os dois Estados e na economia do seu país, Corazon Aquino admitiu que elas não poderão ser a única questão das futuras relações entre EUA e Filipinas. A base naval de Subic e base aérea de Clark, bem como as estações radar, constituem a maior instalação militar norte-americana fora das fronteiras dos EUA. As duas bases militares e as quatro instalações menores a elas ligadas empregam no conjunto 78 mil filipinos e injectam cerca de mil milhões de dólares por ano na economia filipina. Manila, actualmente com graves dificuldades financeiras, recebe 481 milhões de dólares dos EUA apenas pela utilização das bases.

A maioria dos membros do Senado filipino que se manifesta hostil à possibilidade da continuação da presença militar norte-americana, propõe um período transitório de cinco anos para a retirada do contingente norte-americano. Os EUA, por seu lado, manifestaram-se dispostos a abandonar as suas maiores bases militares mas pediram hoje na abertura das conversações no edifício do Banco Central em Manila que a retirada se efectue num período de transição de 10 ou 12 anos para garantir a segurança regional. «Deixem os eleitores do século XXI decidir se pensam que será útil a continuação da presença norte-americana» disse contudo o chefe da delegação norte-americana, Richard Armitage numa das suas primeiras intervenções para o debate do futuro das bases. «Os dias da presença em larga escala de marinheiros e aviadores norte-americanos nas Filipinas estão a chegar ao seu fim» afirmou Armitage acrescentando que o que resta determinar «é o ritmo a que essa presença será reduzida e a natureza do relacionamento que os dois Governos tencionam manter durante e após esta importante fase de transição».

Fora do edifício do Banco Central, porém, o acordo sobre o compasso a adoptar pelos soldados norte-americanos na sua retirada não parece uma questão pacífica. Enquanto o «The Washington Post» confirma a proposta norte-americana para um período transitório de 10 anos, a Imprensa filipina aponta para uma proposta de Manila para uma retirada norte-americana das instalações já no próximo ano, a troco da permanência na base de Subic por mais 10 anos.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Para a paz em Angola

URSS e EUA participarão nas próxima conversações

A proposta apresentada pelo Governo português nas últimas conversações para a paz em Angola que tiveram lugar em Lisboa no mês passado, propondo uma maior participação das duas superpotências na solução do conflito está a ser tomada em consideração pelas partes intervenientes. Os EUA e a URSS, anunciou ontem o Departamento de Estado norte-americano, estão dispostos a enviar delegações à próxima ronda de conversações de paz, marcada para o fim deste mês em Lisboa. A participação conjunta das duas superpotências para o desbloqueio das conversações entre a UNITA e o Governo angolano já fora discutida pelo secretário de Estado norte-americano James Baker e o ministro soviético Eduard Shevardnaze no seu encontro em Irkutsk, na Sibéria, no mês. Desse encontro em que os dois dirigentes estiveram a discutir o melhor contributo a dar para avançar com o processo de paz em Angola saiu a proposta conjunta de enviar peritos técnicos para participarem na próxima ronda de conversações. No último encontro entre Jonas Savimbi e José Eduardo dos Santos em Lisboa as negociações registaram mais um impasse não se tendo chegado a acordo sobre os pontos essenciais para o reestabelecimento da paz. A UNITA pedia o reconhecimento da sua organização como partido. Por seu lado, o Governo de Angola insistia na necessidade do cessar-fogo como condição essencial para a paz.

Em Washington, o chefe da delegação da UNITA aceitou a ideia da participação das superpotências nas conversações e congratulou-se com o facto, comentando que com essa participação as conversações terão um peso internacional capaz de poder garantir uma solução adequada. Já o Governo de Luanda não se manifestou com tanto entusiasmo acerca da proposta conjunta EUA/URSS, não tendo respondido oficialmente sobre a presença de delegados nas próximas conversações. Um representante das autoridades angolanas em Washington disse porém que o Governo de Luanda estava a estudar a sugestão inicialmente avançada pelo Executivo de Lisboa, que medeia as conversações.

As autoridades norte-americanas, contudo, parecem optimistas. O porta-voz Departamento de Estado norte-americano, Richard Boucher, realçando a possibilidade da adopção da proposta disse: «Nós continuamos a apelar às duas partes para fazer progredir o processo de paz e ainda não temos respostas definitivas de todas as partes». Entretanto, a recente aprovação pela Comissão dos Assuntos Secretos da Câmara dos Representantes da renovação da ajuda secreta à UNITA, poderá pôr em perigo as novas conversações e está já a causar a reacção dos opositores dessa ajuda que tencionam provocar um debate aberto em plenário sobre a questão.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

BREVES

Winnie Mandela acusada de rapto

Winnie Mandela, mulher do líder do Congresso Nacional Africano (ANC), Nelson Mandela, foi acusada hoje de rapto e espancamento premeditados, disse o procurador geral de Witwatersrand (região de Joanesburgo). Winnie Mandela será julgada pelo Supremo Tribunal de Joanesburgo, conjuntamente com outras sete pessoas já inculpadas, na sequência da morte, em Dezembro de 1988, do jovem negro Stompie Moeketsi Seipei.

França retira tropas da RFA

A França vai retirar mais de 30 mil soldados da RFA nos próximos dois ou três anos, segundo anunciou hoje uma fonte governamental alemã-federal. O efectivo francês em território germânico é constituído neste momento por cerca de 50 mil homens. O Conselho franco-alemão de Segurança e Defesa, reunido esta manhã em Munique no quadro da cimeira entre os dois países, decidiu deixar entre 15 a 20 mil tropas (aproximadamente uma divisão) na Alemanha, revelou a mesma fonte.

Walesa e Mazowiecki em disputa presidencial

O cardeal primaz da Polónia, Josef Glemp, reuniu-se hoje com o primeiro-ministro, Tadeusz Mazowiecki, e o líder sindical Lech Walesa, numa nova tentativa de evitar uma crise entre estes dois pretendentes à presidência da Polónia. Mazowiecki e Walesa - que anunciaram ontem, formalmente, a sua candidatura à presidência da Polónia - debateram a realização de eleições parlamentares e presidenciais, antecipadas para Dezembro, pondo termo ao acordo institucional com os comunistas, (entretanto desaparecidos) que permitiu a transição para a democracia, em Junho de 1989. Ainda na Polónia, numerosos manifestantes exigiram ontem a retirada das unidades militares soviéticas instaladas no seu país, depois da Segunda Guerra Mundial. Os manifestantes transportavam cartazes dizendo «soviéticos voltem para as vossas casas» e concentraram-se em frente ao consulado da URSS. A polícia não interveio.

Forças da CEDAO atacam posições de Taylor

A Força de Paz enviada para a Libéria pela Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) perdeu o seu carácter neutral, após a ofensiva lançada no passado domingo contra os rebeldes de Charles Taylor, consideraram os analistas. Segundo emissões de rádio captadas em Adidjan, Costa do Marfim, aviões ganeses e nigerianos bombardearam, no domingo, posições da Frente Patriótica Nacional da Libéria (FPNL) nos arredores de Monróvia, enquanto as forças de Taylor e as de Prince Johnson intensificavam os combates na capital liberiana. Fontes médicas em Freetown, capital de Serra Leoa, disseram que se eleva para 15 o número de mortos entre os quatro mil efectivos da Força de Paz da CEDEAO e acrescentaram que estão a tratar 40 feridos.

Coreias em desacordo

As duas Coreias mantiveram hoje posições divergentes quanto à sua representação conjunta nas Nações Unidas, depois das conversações tidas no início deste mês, em Seul, entre os chefes dos governos. Enquanto a Coreia do Norte defende uma representação rotativa para um único assento junto da Assembleia Mundial, Seul considera tal medida impraticável antes de um acordo sobre a abertura de fronteiras. As duas Coreias acordaram numa próxima reunião, mas não agendaram qualquer data para a sua realização.

Presidente do Gabão mantem liderança

O partido do presidente Omar Bongo, do Gabão, encontra-se à frente na primeira contagem de votos, das eleições parlamentares multipartidárias no país. O Partido Democrático de Bongo do Gabão (PDG), obteve 38 dos 52 lugares no hemiciclo, seguido do principal grupo oposicionista Morena, com sete lugares. O Partido do Progresso do Gabão, que domina Port Gentil, o centro económico do país, ganhou quatro lugares, principalmente naquela região petrolífera. Os restantes lugares foram atribuídos a um pequeno grupo de oposição.

INTERNACIONAL

Depois da CEE ter decidido expulsar diplomatas iraquianos

UEO estuda envio de tropas terrestres

Os países europeus parecem estar dispostos a uma participação mais activa na crise do Golfo. Depois da CEE ter ontem decidido expulsar os adidos militares iraquianos colocados nos países-membros, a UEO realiza hoje uma reunião extraordinária não só para coordenar as forças militares europeias presentes na região do Golfo, como também para estudar a possibilidade de envio de mais tropas terrestres. Tudo isto acontece quando a principal força na região, os EUA, sofrem um revés. Após declarações è Imprensa revelando que o bombardeamento de Bagdad e do palácio de Saddam Hussein estava a ser preparado, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea norte-americana, Mike Dugan, foi demitido do cargo.

A reunião extraordinária da UEO, a segunda desde o início da crise do Golfo, foi convocada pela França após, na sexta-feira, tropas iraquianas terem invadido representações diplomáticas de diversos países europeus. Para além de tentar estabelecer uma maior coordenação entre as forças navais europeias presentes no Golfo, sobretudo no que diz respeito ao embargo, a reunião de hoje vai estudar a possibilidade de enviar tropas terrestres dos países da UEO que ainda não o fizeram, juntando-se ao já numeroso contingente francês e britânico.

Portugal, que estará representado pelo ministro da Defesa, Fernando Nogueira e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, poderá, mais uma vez, ser chamado a prestar uma contribuição «simbólica».

UEO revitalizada

A UEO aparece assim revitalizada como instância militar europeia, após anos de declínio, precisamente no momento em que o Presidente das Comissões Europeias, Jacques Delors, apela à constituição de uma força de intervenção da CEE (dos doze países comunitários, só Irlanda, Grécia e Dinamarca não pertencem à UEO) pronta para enfrentar crises como a do Golfo.

Por sua vez, o Conselho dos Ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE decidiu ontem que os países-membros devem expulsar todo o pessoal militar das embaixadas iraquianas, como retaliação pela invasão das representações diplomáticas francesa, belga e holandesa no Kuwait. Mesmo antes da reunião, França, Itália, Grã-Bretanha e Holanda tomaram unilateralmente a decisão, estendendo-a a cidadãos do Iraque residentes no país e a estudantes com bolsas de estudo. A CEE decidiu também limitar também os movimentos dos diplomatas iraquianos, confinados à aérea capitais.

Enquanto na Europa se caminha para uma unidade de esforços na crise do Golfo, nos EUA surgem algumas divisões. O secretário da Defesa, Dick Cheney decidiu ontem exonerar das suas funções o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, Mike Dugan, por este, «sem autorização», ter revelado em entrevistas ao «Washington Post» e ao «Los Angeles Times» que, em caso de guerra, a aviação norte-americana iria bomabardear Bagdad e a residência da família de Saddam Hussein.

Segundo Cheney, Dugan «teve falta de critério num período crítico», divulgando «informações que não deveriam ser reveladas». O secretário da Defesa recusou-se a confirmar as declarações de Dugan sobre um ataque visando a eliminação de Saddam Hussein, mas lembrou que um decreto presidencial proíbe às forças armadas e aos serviços secretos norte-americanos o assassinato de líderes estrangeiros.

Embargo aéreo

Na ONU, os EUA e os restantes membros permanentes do Conselho de Segurança continuam a efectuar consultas para a eventual adopção de uma resolução que estenda o embargo ao tráfego aéreo. A ideia, que conta com o apoio dos EUA, Grã-Bretanha e França, é verificar os planos de voo dos aviões que se dirijam para o Iraque. Não está previsto o uso da força para impedir a continuação de um voo.

A questão do embargo ao Iraque continua a levantar polémica. Depois de ter dado indícios que poderia ajudar o vizinho e ex-inimigo Iraque a romper o bloqueio, o Irão mostra agora disposição de cumprir as sanções da ONU. A prova do volte-face da posição de Teerão, poderá ser o facto de, desde sábado, o Iraque ter interrompido o envio de prisioneiros de guerra iranianos, conforme estava previsto. Os analistas consideram que o atraso no repatriamento dos prisioneiros é uma resposta de Bagdad às declarações do chefe de Estado iraniano Rafsanjani, segundo o qual «é necessário cumprir o embargo económico contra o Iraque para o obrigar a retirar as suas tropas do Kuwait».

Mas as posições de Rafsanjani, representante da ala moderada do regime, estão longe de conseguir unanimidade na república islâmica. Hoje, no parlamento iraniano, diversos deputados «duros» criticaram violentamente a presença de tropas norte-americanas «nas terras sagradas do Islão», defendendo um alinhamento com Saddam Hussein.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

O general Mike Dugan foi demitido por ter revelado que, em caso de guerra, Bagdad seria bombardeada

ACRESCER — CONSULTORES DE GESTÃO, LIMITADA: SEDE: Lisboa, Rua Castilho, n.º 211-1.º

FERNANDA MARIA TAVARES, 2.º Ajudante da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, certifica para efeitos de publicação, que entre César Armando Medalha Pratas, Francisco Vicente do Carmo e Fernanda Cândida da Fonseca Matos Rodrigues Dias, foi constituida a sociedade em epígrafe, que se rege pelo seguinte contrato:

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «ACRESCER-CONSULTORES DE GESTÃO, LIMITADA», e tem a sua sede em Lisboa, na Rua Castilho, número duzentos e onze, primeiro andar, freguesia de São Sebastião da Pedreira.

ARTIGO SEGUNDO

O objecto social consiste na prestação de serviços de consultadoria de gestão empresarial.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de quatrocentos mil escudos, está integralmente realizado em numerário e corresponde à soma das quotas seguintes: uma de duzentos e quarenta mil escudos, do sócio César Armando Medalha Pratas, e duas, iguais, de oitenta mil escudos, pertencentes, aos sócios Francisco Vicente do Carmo e Fernanda Cândida da Fonseca Matos Rodrigues Dias, uma a cada um deles.

ARTIGO QUARTO

A sociedade poderá exigir dos sócios prestações suplementares, até ao montante máximo correspondente ao triplo do capital social.

ARTIGO QUINTO

UM — No caso de falecimento de qualquer sócio, pode a sociedade deliberar a aquisição da respectiva quota pelos sócios sobrevivos, ou a sua transmissão para os sucessores do sócio falecido.

DOIS — Na hipótese de a sociedade deliberar a aquisição de quotas, nos termos anteriores, o sócio ou sócios adquirentes deverão pagar aos herdeiros do sócio falecido o respectivo preço, calculado de acordo com o balanço efectuado expressamente para o efeito.

TRÊS — O preço referido no número anterior deverá ser pago no prazo de um ano, contado a partir da data da deliberação sobre a aquisição.

QUATRO — Se a sociedade deliberar não adquirir a quota, continuará com os sócios sobrevivos ou capazes e os herdeiros ou representantes legais do falecido, devendo ser nomeado um, de entre si, que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.

ARTIGO SEXTO

UM — A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio no caso de exclusão, interdição, falência ou insolvência do sócio titular, arresto, arrolamento, penhora ou qualquer outro acto que afecte à disponibilidade da quota.

DOIS — A contrapartida da amortização será o valor da quota, apurado em balanço a efectuar expressamente para o efeito.

ARTIGO SÉTIMO

UM — No caso de algum sócio pretender ceder a sua quota, deve comunicá-lo por escrito à sociedade, que fica com o direito de preferência, a exercer nos trinta dias posteriores à comunicação.

DOIS — Se a sociedade não pretender exercer o seu direito de preferência, ou não responder no período previsto no artigo anterior, pode, nos oito dias seguintes, qualquer dos sócios exercer tal direito.

ARTIGO OITAVO

A administração e representação da sociedade incumbem à sócia Fernanda Cândida da Fonseca Matos Rodrigues Dias, que fica, desde já, designada gerente, não remunerada, se assim for deliberado em assembleia geral, vinculando-se a sociedade com a sua assinatura.

A presente certidão compõe-se de 4 folhas.
Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, 1.ª Secção
Em 29 de Agosto de 1990

O 2.º Ajudante,
Fernanda Maria Tavares

«DL» — 18/9/90

Portugal não tem nenhum iraquiano para expulsar

Do nosso correspondente em Bruxelas

O Iraque não dispõe de pessoal militar na sua embaixada em Portugal, pelo que o nosso país está dispensado de cumprir a decisão conjunta dos Doze tomada ontem, em plenário ministerial. A maioria dos países não foi tão longe como os franceses e os ingleses que optaram pela expulsão dos diplomatas e outros cidadãos oriundos do Iraque. No caso português, não se chega até a saber, quantos são os diplomatas iraquianos que estão entre nós.

Segundo informação de Vítor Martins, secretário de Estado da Integração Europeia, a movimentação dos iraquianos no nosso país será restringida, desconhecendo-se ainda em que termos. No caso belga, foi anunciado ontem que os diplomatas do Iraque devem limitar as suas deslocações a um perímetro de 30 quilómetros em redor da capital.

Os Doze voltaram, mais uma vez, em comunicado conjunto, a condenar as acções do regime de Saddam Hussein e a solidarizar-se e empenhar-se no esforço internacional que está a ser feito para isolar o Iraque. Entretanto, coincidiu com este plenário ministerial a presença em Bruxelas de David Levi, vice-primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel. Um encontro de alto nível regular entre a CEE e Israel esteve na origem da deslocação. O governante israelita não deixou de proferir uma mensagem e responder a duas questões colocadas pelos jornalistas em pleno edifício do Conselho. David Levi disse que Israel não dá conselhos nem à Europa nem aos Estados Unidos. «Dizemos apenas que será inaceitável que Hussein saia vencedor deste conflito. Israel cumprirá o seu dever.» Levi acrescentou que para os israelitas, «perder uma batalha é perder a existência».

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Itália, que ladeava David Levi, disse que a troca de impressões entre a CEE e Israel mostrara o estado de tensão que se vive neste país. Gianni Di Michelis afirmou ter confirmado a «nossa decisão de resolver o problema de forma pacífica» e encontrar soluções para um clima de segurança na zona, quando terminar este conflito.

Entretanto, o plenário dos Doze decidiu recusar a proposta da Comussão europeia relativa aos quantitativos destinados ao auxílio aos países mais afectados pela crise do Golfo Pérsico. A posição do Conselho foi de admitir uma verba mais substancial, pelo que solicitou uma nova proposta ao executivo comunitário.

José Rui Cunha

QUOTIDIANO

A sociedade anónima a constituir para a construção e exploração do gasoduto Setúbal-Braga incluirá capital do Estado. O júri do concurso terá representantes do Ambiente

Construção de gasoduto aberta a empresas da CEE

O regulamento dos concursos para adjudicação da construção e concessão da exploração do gasoduto e do terminal de gás natural liquefeito (GNL), que ligará Setúbal a Braga foi publicado na edição de hoje do Diário da República.

A legislação pdetermina que «o adjudicatário do concurso e a concessionária são entidades distintas, consignando-se a obrigação, para aquele, de constituir uma sociedade anónima que outorgará no contrato de concessão».

De acordo com o diploma, o Estado deve fazer parte da sociedade concessionária com uma participação de 10 por cento no capital social.

O concurso decorrerá na dependência do Ministério da Indústria e Energia e será aberto às empresas estabelecidas em qualquer Estado membro da CEE que deverão fazer, na altura da apresentação da proposta, um depósito de caução no valor de um milhão de contos.

Como determina o diploma «o acto público do concurso decorrerá na sede da Direcção-Geral de Energia, em Lisboa, perante uma comissão de avaliação composta por cinco membros, quatro dos quais a designar por despacho conjunto dos ministros das Finanças, do Planeamento e da Administração do Território, da Indústria e Energia, das Obras Públicas, e do Ambiente e Recursos Naturais», sendo presidida pelo director-geral da Energia.

O decreto-lei estipula que constituem «factores de preferência» para o concurso os seguintes princípios: «nível técnico-económico do projecto do empreendimento, grau de satisfação dos requisitos financeiros do concurso, soluções encontradas para garantir o aprovisionamento de gás, planeamento da execução do empreendimento e, em especial, a data prevista para a entrada em funcionamento do terminal de GNL e gasoduto, medidas propostas para minimizar os eventuais impactes negativos gerados pelo empreendimento, limite temporal proposto para o exclusivo aprovisionamento pela concessionária às redes de distribuição regional e aos grandes consumidores.

Concessão por 35 anos

As bases de concessão de exploração do terminal de gás e do gasoduto estão igualmente regulamentadas projectando-se que a concessão dure «pelo prazo de 35 anos contados da data da celebração do respectivo contrato, nele se incluindo o tempo dispendido com a construção das infra-estruturas».

Caberá à concessionária, a construção das antenas e «correspondentes postos de redução de pressão até ao limite urbano» de Setúbal, Almada, Lisboa, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria, Marinha Grande, Figueira da Foz, Coimbra, Aveiro, Vila Nova de Gaia, Porto e Braga.

O diploma estabelece também que a concessionária obriga-se a manter armazenado permanentemente em território nacional, como reserva estratégica «um quantitativo de gás natural, ou o equivalente em gás natural liquefeito, igual a 20 vezes o consumo médio diário nas áreas abrangidas pela concessão no ano anterior».

Estipula-se ainda que a concessionária instituirá, em Portugal, centros de formação especialmente dedicados às tecnológias de liquefacção, armazenagem, transporte e utilização final do gás natural, destinados à investigação e à formação de pessoal.

Após a publicação deste legislação, no Diário da República, o Governo deverá fazer, muito brevemente, o aviso público do concurso internacional e a apresentação das propostas deverá fazer-se no prazo de 120 dias.

Gado nas fronteiras sob inspecção

O Ministério da Agricultura e Pescas instruiu já as Direcções-Gerais da Pecuária e das Alfândegas no sentido de ser realizado um «total levantamento da situação» que se vive em torno da entrada de gado em Portugal, uma medida que, segundo afirmou ao «DL» uma fonte ministerial, «apenas foi tomada por precaução».

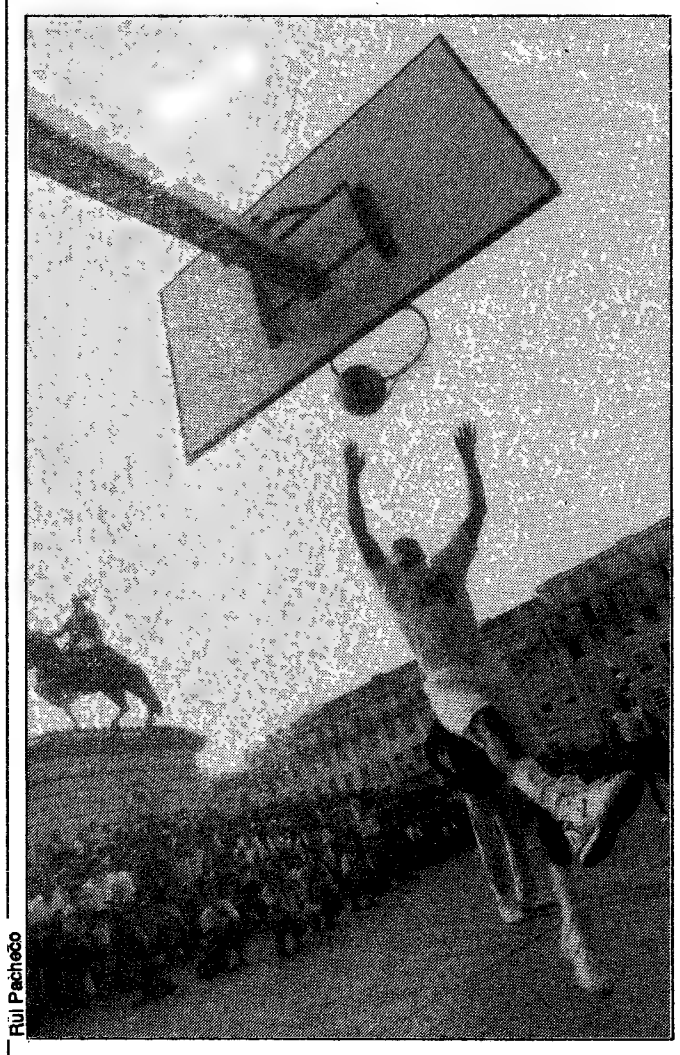
Esta iniciativa surgiu em consequência das afirmações do presidente da CAP, Rosado Fernandes que, em entrevista hoje mesmo publicada no jornal «O Diabo», denuncia a entrada em Portugal de carne com hormonas e a existência de contrabando de gado tuberculoso.

«Sei que há importação organizada da peça de vaca que se apresenta à porta do talho mais barata», sustenta Rosado Fernandes, que afirma ser por «corrupção pura e simples das fronteiras que se permite a entrada de gado clandestino tuberculoso».

Mas o presidente da Confederação dos Agricultores Portugueses vai mais longe e acusa os nossos vizinhos espanhóis de serem os principais responsáveis pela entrada de carne com hormonas no nosso país. «Está a importar-se tudo de uma forma indiscriminada, sem haver um controlo sanitário eficaz. Sabemos que uma parte da carne espanhola que vem para cá também contém hormonas - fontes fidedignas disseram-me que tem havido prisões no país vizinho de indivíduos que fazem a engorda com hormonas. E nós não efectuamos um combate eficaz a essa situação, que coloca em risco a saúde dos portugueses».

Apesar das medidas de «precaução» tomadas pelo Ministério da Agricultura, esta situação não é confirmada pelos seus responsáveis.

«As declarações do presidente da CAP são da sua inteira responsabilidades», sublinhou ao «DL» uma fonte ministerial, que acrescentou «não haver conhecimento de nada que aponte para a existência de uma rede de contrabando de gado e de falta de controlo sanitário», esta última uma actividade que, segundo afirmou, «está activada e funciona».



Rúi Pacheco

Globetrotters em Lisboa A exibição dos célebres Harlem Globetrotters, na Praça da Figueira, deixou ontem frustrados os muitos lisboetas que aí se deslocaram. Foram apenas três minutos de passes e lançamentos praticados pelos basquetebolistas norte-americanos, nem todos equipados a rigor. A demonstração constituiu chamariz para uma série de quatro desafios em Portugal, um dos quais se efectua na noite de hoje, no Pavilhão Carlos Lopes.

BREVES

Clandestinos argelinos encerrados em camarote

Dois indivíduos de nacionalidade argelina foram, ontem à noite, forçados a abandonar o navio «Galp-Setúbal» ancorado em Leixões, por estarem a viajar clandestinamente, soube-se de fonte portuária. A presença dos clandestinos foi detectada no percurso entre Arvew, na Argélia, e Leixões, onde o barco atracou sexta-feira. A agência responsável pelo navio tentou que os clandestinos o abandonassem mas a Guarda Fiscal impediu o desembarque. Na base desta situação estará a legislação portuguesa, considerada «ultrapassada» e que não contempla estes casos, o que levou as autoridades a recusarem assumir responsabilidades «com medo de infringir qualquer lei».Em causa estava a segurança do navio, alegou a referida fonte. Acrescentou que os indivíduos partiram tudo no camarote onde estavam encerrados. e rasgaram as roupas que lhes foram dadas, o que motivou a colocação de algemas. Na circunstância, a autorização de saída do barco teve de ser dada pelo próprio comandante da Guarda Fiscal, general Hugo dos Santos, que colocou como condição a apresentação de bilhetes de avião com destino à Argélia.Assim, os dois clandestinos partem hoje, sob escolta da Guarda Fiscal, com destino a Argel.

Joaquim Letria hospitalizado em Santa Maria

O jornalista Joaquim Letria encontra-se hospitalizado, desde a noite de domingo, no Hospital de Santa Maria, onde está a ser submetido a teste e análises devido a suspeita de ter sido atacado por uma virose. Uma médica do Serviço de Neurologia informou esta manhã o «DL» de que Letria não está pior, sendo ainda imprevisível a evolução da doença. Por esta razão, pode estar comprometido o seu reaparecimento na Televisão, a 3 de Outubro, com o programa semanal «Talk Show».

FIL mostra avanços nas telecomunicações

O Primeiro Salão Intercontinental das Telecomunicações, Electrónica e Serviços (Expotelecom) abre hoje na FIL, com sessões diárias entre as 15 e as 23 horas, até sexta-feira. Entre os expositores figura a Telecom Portugal que inclui as novas tecnologias utilizadas pela Rede Digital com Integração de Serviços (RDIS). Amanhã, esta empresa inaugura o serviço internacional de videoconferência com a Europa, em sessão que ligará Lisboa a Madrid.

Editores garantem fornecimento de livros escolares

A Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL) anunciou ontem que o abastecimento de livros escolares atingirá este ano o melhor nível de sempre. Segundo a organização, o abastecimento das livrarias está assegurado, «havendo apenas casos pontuais de livros esgotados mas que estarão repostos dentro de uma ou duas semanas».

Cartão Jovem 1990-91 alarga âmbito do desconto

O novo Cartão Jovem 90/91 apresenta como novidade descontos no acesso a salas de cinema de todo o País, em viagens de comboios e avião em Portugal e no estrangeiro, bem como no acesso a actividades desportivas, anunciou o secretário de Estado da Juventude, Miguel Macedo. A edição deste ano do Cartão Jovem, que foi já colocada à venda e é válida em 17 países da Europa.

LOTARIA POPULAR

1º - 189311	**3 000 000$00**
2º - 439517	**1 000 000$00**
3º - 238695	**500 000$00**
4º - 343799	**250 000$00**
Terminações em 9311	**85 000$00**
Terminações em 311	**60 000$00**
Terminações em 517	**10 000$00**
Terminações em 695	**3 500$00**
Terminações em 799	**1 500$00**
Terminações em 00,06,09,19,56,57 e 93	**500$00**

Reunião internacional de críticos de teatro em Lisboa (I)

Um congresso (quase) feliz

Durante os dias 13, 14 e 15 de Setembro decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian e integrado nos Encontros ACARTE o XI Congresso Internacional de Críticos de Teatro, organizado pela Associação Portuguesa que teve o apoio das entidades citadas e ainda da SPA, SEC, CML, Fundação do Oriente, «Expresso» e ainda a colaboração do Museu Nacional do Teatro, Instituto Franco-Português, Teatro Nacional, Teatro O Bando, e Teatro Maria Vitória.

Com o tema proposto — *O Teatro e a Indagação do Real* — pretendeu a APCT criar um espaço de informação, reflexão e discussão sobre as mutações que ocorrem no teatro numa época histórica de tão formidáveis mudanças políticas, sociais e culturais.

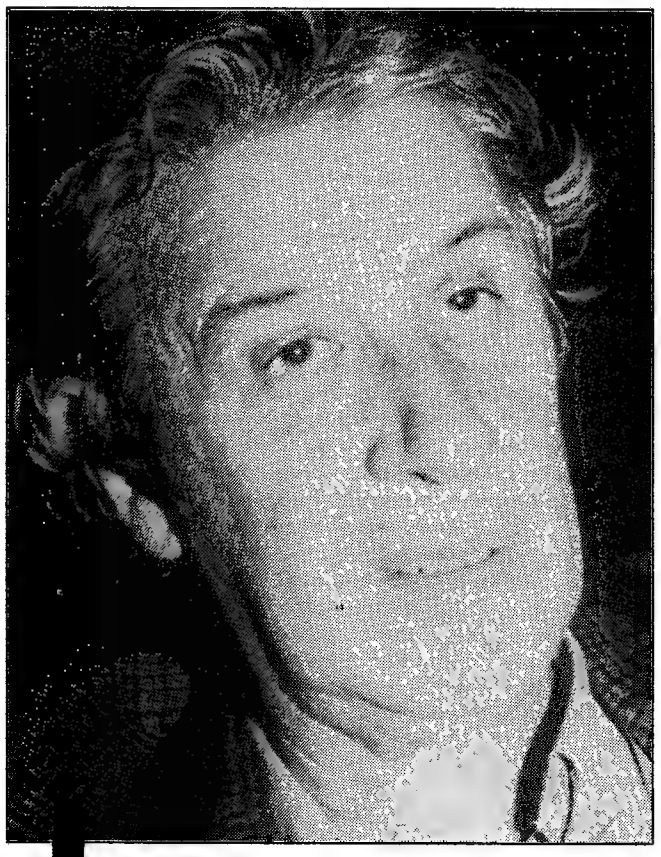
Os títulos de algumas comunicações jogavam com esse tema, caso do romeno Valentim Silvestru, intitulado «... Mas il existe un dialogue de la realité avec le théâtre?», ou do trabalho de Jaime Salazar Sampaio «Os teatros e a realidade e as realidades e o teatro»; ou, mais abertamente questionante, o título da comunicação do actor e encenador Paulo Filipe, «O real muda e a sua interpelação?», na qual o autor punha em dúvida o teatro como interpelante do real já que ele faz parte desse mesmo real, numa das mais densas, polémicas e interessantes das comunicações apresentadas no congresso.

Foi no entanto de realidades políticas que mais se falou, como era inevitável num tempo tão fortemente contaminado pela política. Dessas realidades políticas, foi a da censura, das várias censuras, que provavelmente mais se falou, como fantasmas ainda a pairar sobre o desejo da assumpção em absoluto da liberdade que não é mais do que uma bela utopia. Contra a censura toda a gente se mani-festou, como não podia deixar de ser, mas foi Geor-ges Banu, numa aliás notável comunicação, quem sugeriu, secundado por outros comunicantes, que há uma relação não casual entre censura e criatividade, sendo que as dificuldades agora sentidas pelos artistas de teatro têm a ver com a ausência de obstáculos a ultrapassar: *A Censura é útil na medida em que permite que o teatro a vença, graças à astúcia e à imediatidade das reacções da sala.*

Várias foram as reacções opostas a esta tese, entre elas a de José Monleón (ver texto) que evocou, com muita emoção, a situação do teatro na era franquista e salazarista.

Se este tema esteve no centro dos debates, devemos ter em conta a contribuição dos congressistas na sua globalidade. Para isso convém dividir as comunicações apresentadas que cobriam várias zonas de conhecimento teatral. Além das propostas mais directamente políticas, relacionadas ou não com aspectos históricos da prática teatral, surgiram propostas de divulgação das actividades teatrais dos respectivos países, de carácter global ou parcelar, assim como reflexões mais directamente relacionadas com o tema proposto ou com problemas de dramaturgia. Em relação a este primeiro ponto, lembremos a comunicação da brasileira Carmelinda Guimarães com o título «A Dramaturgia brasileira encontra seu próprio modelo», síntese de carácter histórico e crítico sobre a evolução da dramaturgia e do espectáculo teatral. Dada a inesperada ausência de Carmelinda, o texto foi lido por Eugénia Vasques; a comunicação de Eteri Gugusbvilli (URSS) que falou das tradições nacionais e do papel do teatro da Georgia na cultura moderna; do trabalho da crítica Kazuko Matsuobo (Japão) que, com o apoio de gráficos falou de tradição e drama clássico no teatro japonês contemporâneo.

Eugénia Vasques traçou um interessante panorama do teatro português dos anos 80, sublinhando a importância do trabalho dos jovens. A crítica do «Expresso» chamou a atenção, e só ela o fez, para a necessidade da AICT/IATC se interessar pelo apoio aos actores e críticos jovens; além de sublinhar problemas da crítica teatral em Portugal: ... *O valor e o prestígio social da crítica de teatro reduz-se às dimensões de um utilitarismo inconsequente. Face à perplexidade de uma prática crítica em permanente mutação, cabe, em nossa opinião, à Associação Internacional dos Críticos de Teatro um papel de dinamizadora do diálogo estético entre os seus pares, que não existiu até hoje.* A essa responsabilização respondeu Georges Banu que lembrou as realizações da Associação nesse campo; João Galvão (Brasil) chamou a atenção para a importância do alargamento às artes cénicas da Bienal Internacional de S. Paulo. Carlos Porto apresentou uma comunicação em que analisou um aspecto particular do teatro do Bando, o que se refere aquilo a que chamou antropologia da morte. Curiosamente e por pura coincidência O Bando foi o grupo português que esteve em foco neste Congresso: além desta comunicação, João Brites falou de «O Barro e o Cimento Armado», notável ensaio no qual não se referiu ao trabalho do grupo mas em que naturalmente o teorizou; além disso, os congressistas puderam assistir a uma sessão dos «Bichos» que os deixou bastante surpreendidos.



Anabela Loureiro

José Monleón (Espanha): «O teatro, como simples cerimónia social, foi substituído por outros pretextos mais cómodos e simples; como montra do Poder, é caro e de eficácia insegura; como entretenimento, não tem possibilidades de vencer a concorrência; como inércia, é aborrecido; como indústria, é deficitário. Só lhe resta voltar a ser do seu tempo»

Anabela Loureiro

Luiz Francisco Rebelo (Portugal): «Eduardo Scarlatti faleceu nos primeiros dias deste ano, deixando uma vasta e notável obra —em parte ainda inédita— nos domínios da investigação das leis que regem o fenómeno teatral. Apesar dos seus 90 anos, estaria aqui hoje connosco se a morte o não tem levado. Este congresso é, vai ser, o que ele tinha querido que fosse o congresso de 1931. Penso que é um acto de justiça dedicá-lo à sua memória»

Destaque ainda para a comunicação de Natália Correia («A vingança das Euménides e o teatro actual»), uma justa defesa do papel do dramaturgo no xadrez da criação teatral, isto dito no seu verbo inconfundível que provocou algumas dificuldades na tradução directa: *Incessantemente reclamado o teatro pela exigência de novas realidades mantiveram-se, mais ou menos visíveis, os pilares que o ergueram: o desafio que o homem lança ao mandado dos deuses ou à ordem constituída que comprime a sua liberdade; e a punição com que as forças divinas ou as autoridades estabelecidas castigam os que põem em causa a sua validade. Oferece assim verosimilhança a ideia de que foi a luta contra a iniquidade que fez nascer a arte dramática.*

Polémica

No entanto, deste bloco de comunicações, a mais polémica foi a de José Valentim Lemos, certeiramente intitulada «Zona não oficial de catástrofe»: *Aquilo que eu vou dizer vai ser talvez chocante para muitos colegas portugueses e não-portugueses. Porque muito seguramente se espera que num encontro como o nosso, ainda que sublinhando problemas e dificuldades, caiba aos representantes do país de acolhimento realçar as qualidades e a real especificidade do seu Teatro. E eu quero precisamente dizer que em Portugal o Teatro não existe.*

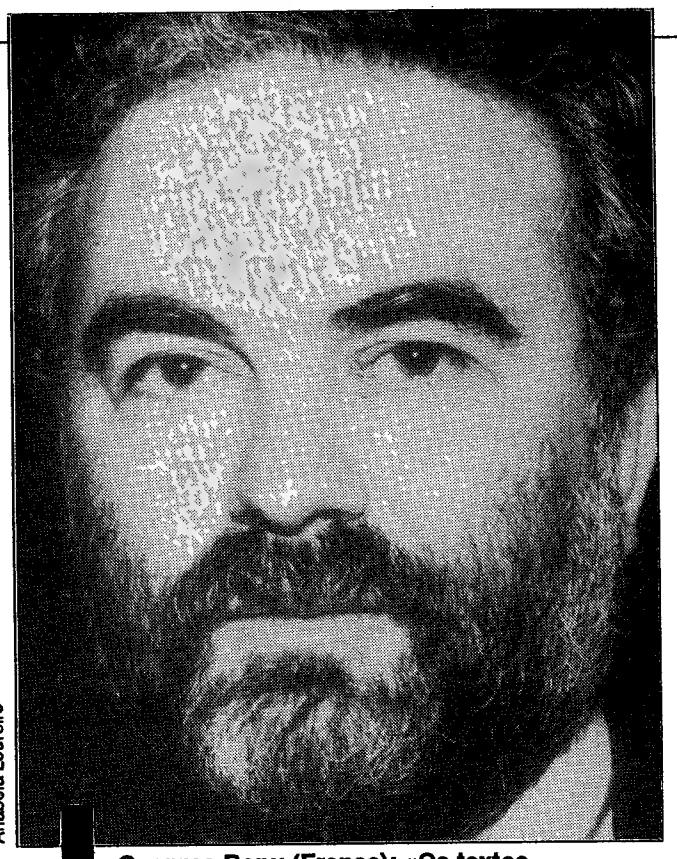
As declarações de Valentim Lemos, provocatórias por gosto do risco mas também por processo metodológico, levantaram grande emoção nos dramaturgos portugueses presentes que viriam a responder-lhe, o que motivou declarações mais precisas do crítico, professor e encenador. Também Carlos Porto contrapôs uma imagem positiva à imagem negativa que aquele trouxera.

É preciso salientar o facto da participação portuguesa no Congresso ter atingido um nível bastante interessante, não só por parte dos críticos presentes como dos artistas teatrais, de que já referi os trabalhos de alguma densidade teórica de João Brites e Paulo Filipe, mas de que ainda falta referir as intervenções numa zona de humor inteligente de Luiz Francisco Rebello, que traçou o paralelo entre este Congresso e o de 1931 em que esteve presente Luigi Pirandello, paralelo demolidor para o congresso de 31; de Jorge Listopad que falou, no seu estilo único e inconfundível, dos amigos dos congressos; de Jaime Salazar Sampaio que, na sua forma tão pessoal, apresentou uma comunicação com intervenções a cargo do autor Canto e Castro, o que deu ao texto um outro sabor; atenção ainda para as interpelações, na plateia, de Jaime Gralheiro, no seu estilo dinamizador de sessões como esta, entre o advogado que defende e ataca e o actor que interpreta. Ele, Hélder Prista Monteiro e Jaime Salazar Sampaio respon-

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Anabela Loureiro

Kasuko Matsuoka (Japão): «Os dramas tradicionais e clássicos são importantes fontes criativas para o teatro japonês contemporâneo»



Anabela Loureiro

Georges Banu (França): «Os textos teatrais...falaram sempre depois dos acontecimentos: têm necessidade de distância»

deram a José Valentim Lemos.

Para voltarmos à teoria, ainda em português, convém lembrar a comunicação do dramaturgo e ensaísta Pedro Barbosa que defendeu, contra um teatro tecnológico, a verdade de um teatro vivencial, na sequência dos seus trabalhos teóricos e práticos de escrita teatral.

Para voltarmos à relação entre a história e a política, lembremos as prestações de Jonatham Abarbanel (EUA) sobre «Dramaturgies and the Social Imperative», Lamice-El-Amari (Argélia) — «Theatre and Society»; Ivo Osolsobé (Checoslováquia) — «The role of Theatre in the Czechoslovak Revolution and the role of theatre criticisme: before and after»; Giora Manor (Israel) — «Israeli dance theatre looking for expressions of political reality», texto ilustrado com um vídeo em que se viam cenas de um bailado inspirado na Intifada; Anna Foldes (Hungria) — «Theatre in the whirl of history: tasks and limits in a transicional period of a peaceful revolution»; Mikail Shydkoy (URSS) — «Theatre in the new reality»; Lothar Ehrlich (RDA) «Theatre and reality in GDR before and after Octobre 89»; Milos Mistrik (Checoslováquia) «Un exemple du théâtre de l'opposition en Slovaquie» (num vídeo via-se uma personagem abraçada a uma estrela que substituía a cruz de Cristo; John Elsom (Inglaterra) — «Criticism and the Cold War». Devemos ainda referir as comunicações de Aysegul Yuksel (Turquia) — «Limits and potentialities of Turquish Theatre»; Raymod Temkine (França) — «Des Theatres sans le mot»; Soila Lehtonen (Finlândia) — «Dialogue with realism».

No entanto, a mais impressionante das comunicações — digamos, a única dramática — foi a de Ernst Schumacher, crítico e historiador e um dos grandes brechtólogos da RDA. Ele lembrou as consequências nas artes e na cultura da recapitalização da RDA. O modelo da produção da RFA vai ser introduzido na do teatro do outro lado, o que parece ser inadequado. Lembrou como "a sobreposição dos valores do dinheiro podem ser perigosos para a arte. Citou números terríveis: actualmente regista-se na RDA uma diminuição de 50% a 80% no número de espectadores em relação a Outubro de 1989. Falou também da insegurança em que vivem agora os artistas da RDA que visavam, cito, o melhor socialismo e receberam o pior capitalismo.

Um Congresso histórico

Por razões extrínsecas e intrínsecas este congresso de Lisboa, a que Pedro Tamen chamou o congresso dos críticos da crise, foi um congresso histórico. Sobretudo porque foi o primeiro em que um tão grande número de delagações veio de países nos quais houve até há pouco certas formas de repressão política, como as houve na península, embora se tratasse de realidades diferentes, como lembrou oportunamente José Monleón.

Foi histórico também porque a sua realização permitiu que a AICT/IATC ultrapassasse certos problemas conjunturais que tinham a ver com a não realização do congresso na data marcada. Mas congresso histórico também pela qualidade da sua organização, se é permitido o elogio de um trabalho de portugueses. Foi possível, por uma série de circunstâncias felizes, que o congresso fosse produtivo sob o ponto de vista de trabalho, só prejudicado pelo pouco tempo que houve para debates; foi possível conseguir equipas (de tradução simultânea, de apoio) não só de grande eficiência como extremamente simpáticas e dedicadas. Além disso, acrescente-se a troca de impressões, os espectáculos, a boa-vontade constantemente manifestada para que o congresso e todas as actividades fossem um êxito. A visita ao Museu de Teatro permitiu que alguns dos críticos se interessassem pelo fenómeno da revista à portuguesa. Como puderam ver a revista *Vitória! Vitória!*, no Maria Vitória, confirmaram a singularidade do género (Georges Banu referiu-me o interesse que o espectáculo lhe despertou). Também com o espectáculo do Bando «Bichos», a que assistiram quase todos os congressistas, os nossos hóspedes puderam verificar as diferenças, ou seja a identidade do nosso teatro, na qual José Valentim Lemos não acredita.

Outras oportunidades de convívio permitiram que os congressistas estreitassem os seus laços de amizade. Foi o caso dos jantares ou beberetes na SPA, onde esteve presente Maria Barroso; no Castelo de S. Jorge, onde o vereador da Cultura, João Soares, deu as boas-vindas aos congressistas; no restaurante do Centro de Arte Moderna com a presença de Pedro Támen e José Sasportes, no Instituto Franco-Português. Gostaria de referir, a propósito, as intervenções, na abertura do Congresso, de Pedro Támen (ver caixa) e de José Sasportes que lembrou o seu tempo de crítico de teatro e falou do papel, das funções e dos objectivos da crítica. Gostaria ainda de referir a participação, nessa abertura, de Maria Helena Serôdio de que separo: *Um congresso é, em sua própria natureza, um lugar plural pelas presenças nacionais e internacionais que convoca, mas nós pretendemos que particularmente este se afirme dinamicamente como raiz fundadora de um diálogo aberto e sem fronteiras, fecundo na diversidade de opiniões avaliativas e de preposições teóricas, ou seja: efectivamente um diálogo a várias vozes (por isso polifónico) que não exclua a diferença, que não anule as falas opositoras, enfim, que não reduza a conversa a monólogos paralelos, nem as intervenções a sucedâneos do mesmo. Para que seja vivo o debate e o nosso saber se construa na travessia dos outros dizeres.* Salvo erro, esses objectivos foram cumpridos.

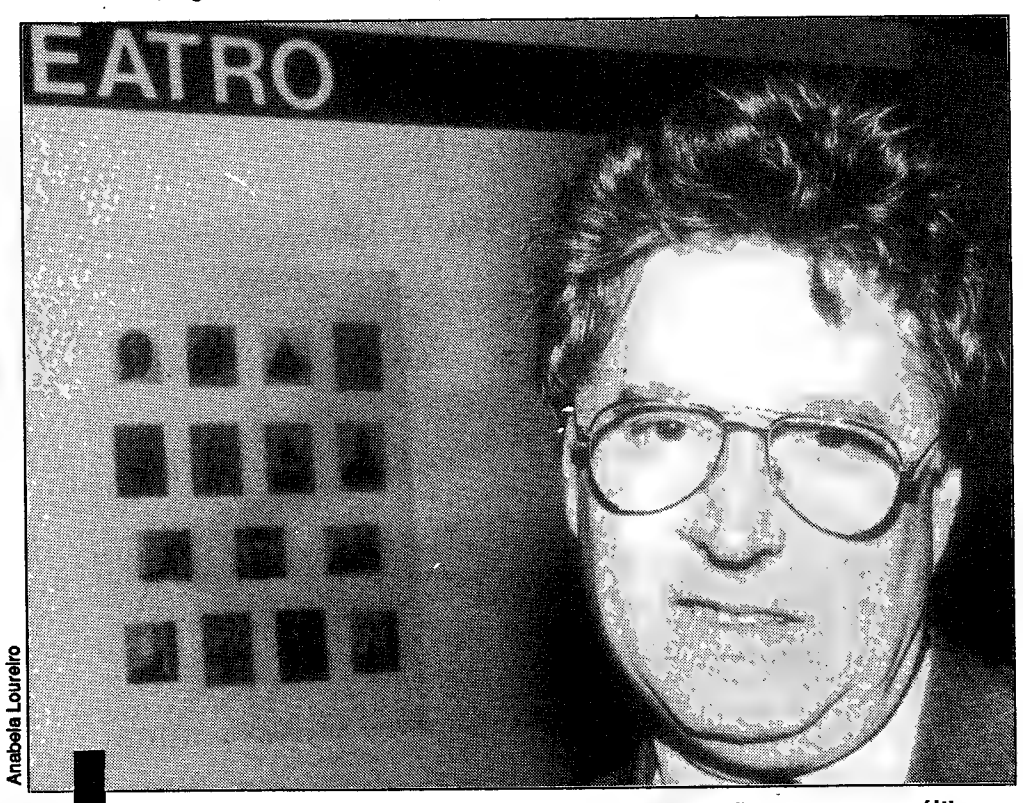
Quase

Um congresso (quase) feliz. Não se pode dizer que este XI Congresso da AICT/IATC tenha sido o do nosso contentamento. O *quase* pesa nele bastante. Registemos, em primeiro lugar, a quase total ausência dos países da América Latina, com excepção do Brasil, o que traduz as dificuldades vividas nesses países não só pelos críticos como pela própria actividade criadora. Lembremos, a propósito que este 11.º Congresso deveria ter-se realizado na Argentina em 1989, acabando por ser anulado por dificuldades políticas e económicas.

Outro acontecimento lamentável, embora seja consequência de acontecimentos políticos de grande transcendência, tem a ver com a revelação dos perigos que ameaçam a prática teatral na RDA e como o facto se reflectirá no trabalho dos críticos de Leste. Sobre esses factos, lembremos, as informações trazidas ao congresso por Ernst Schumacher que nos deixaram um travo de amargura e explicam o apoio que lhe foi dado pelo Congresso, que não foi propriamente constituído por comunistas ou ex-comunistas. Apoio que já fora dado por Giorgio Strehlar que declarou que o teatro da RDA não deve perder a sua identidade e que as suas conquistas são irreversíveis. A nível mais caseiro e modesto, pareceu-me lamentável a diminuta participação dos agentes teatrais portuguesas. Os horários profissionais não bastam para explicar esse desinteresse. Registe-se a presença, continuada ou episódica, dos dramaturgos Natália Correia, Jaime Salazar Sampaio, Hélder Prista Monteiro, Jaime Gralheiro, Luiz Francisco Rebello, do historiador António Reis, dos actores e/ou encenadores João Brites, Paulo Filipe, Antonino Somer, Rui Madeira e Ana Bustorff (vindos de Braga), Canto e Castro, Carlos Santos, Glicínia Quartin, Fernando Casaca (peço desculpa por alguma falha de memória), e ainda Joaquim Carvalho, presidente do Centro Português de Teatro; de uma representante do secretário de Estado da Cultura, de Maria Helena Nóbrega. E de Maria Manuel Pinto Barbosa, directora-geral da Acção Cultural. Não será, no entanto, de estranhar a ausência da gente de teatro, já que gente da escrita crítica, sócios ou não da APCT, também não abundaram.

Outro caso triste, mas não surpreendente, foi o do desprezo, com excepções, da Comunicação Social. É certo que a RTP deu alguns minutos aos organizadores (para o Bom Dia e para o Ponto por Ponto); é certo que várias estações da Rádio (entre elas a Antena 1, Informação e Imaginário, Antena 2 e TSF) se interessaram em informar os seus ouvintes; é certo que alguns jornais (e em especial «O Público») se interessaram pelo acontecimento. Não se poderá, no entanto, deixar de estranhar que a presença de alguns dos melhores críticos de teatro não interessasse à nossa Comunicação Social, que a presença de intelectuais que têm estado no centro de acontecimentos que têm abalado o mundo, e que tantas páginas mecerem, tenham deixado a nossa Comunicação Social indiferente. Critérios.

Caso sintomático pareceu-me ser o do «Expresso». Considerado o mais importante órgão da Imprensa portuguesa, o Expresso-Redacção esteve desta vez contra o Expresso-Administração. De facto, enquanto o dr. Pinto Balsemão concedeu um subsídio ao Congresso, o jornal simplesmente ignorou o facto. No entanto, o Congresso foi no seu campo um acontecimento. Desta vez, e como é costume quando se trata de teatro, e apesar de ter dois críticos de teatro - como colaboradores, sendo um deles, por acaso, na minha opinião, o mais categorizado dos actuais críticos da especialidade (refiro-me a Eugénia Vasques, claro), desta vez o «Expresso», além de usar um processo censório como outro qualquer, procedeu como um pequeno e provinciano órgão de informação.



Anabela Loureiro

John Elsom (Inglaterra): «Muitos de vós lembrar-se-ão que o nosso último congresso se realizou em Berlim Leste, há perto de três anos; a simples menção deste lugar evoca para nós as vastas mudanças que aconteceram deste o nosso último encontro»

Futuro

Depois de Portugal, o Congresso da AICT/IATC vai ser hospedado pela Polónia (1992), Estados Unidos (1994) a Finlândia (1996). Encontros, estágios para jovens críticos, festivais vão ser realizados por várias associações nacionais.

Carlos Porto

QUOTIDIANO

Técnicos de contas aderem a greve

«Podemos adiantar que a greve dos trabalhadores da Direcção Geral de Contabilidade Pública tem tido uma adesão maciça já que, do total de cerca de 600 trabalhadores, 90 por cento estão em greve», afirmou ao «DL», PauloTrindade, membro da direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores.

Segundo aquele responsável, a greve de dois dias ontem iniciada resulta da «falta de negociações com o Ministério das Finanças sobre a aplicação do Novo Sistema Retributivo (NSR) da Função Pública aos técnicos de contabilidade» e vai afectar, não apenas todos os trabalhos de preparação do Orçamento Geral do Estado mas também retardar o processamento do pagamento a alguns trabalhadores da Função Pública.

Paulo Trindade adianta que o diploma do NSR foi aprovado em Outubro do ano passado mas que, «desde essa data, o Governo está em dívida para connosco pois não aprovou ainda o diploma regulamentar para que o Novo Sistema Retributivo nos possa ser aplicado».

«Temos um processo de desenvolvimento de carreira específico, dentro da Função Pública e sabemos que o projecto, a que demos já parecer, está pronto desde Junho. A secretária de Estado propôs-nos uma reunião para amanhã -- reunião essa que tínhamos solicitado há dois meses -- mas, caso não venha a concretizar-se, os trabalhadores da Direcção Geral da Contabilidade Pública vão estudar formas de endurecimento da sua luta» afirmou o responsável sindical.

Depois de oficializada a abertura do ano lectivo, o «estado-maior» da Educação fez o balanço do sector e apresentou novidades

Alunos na escola em dia de S. Roberto

Provar que «é possível fazer uma grande reforma educativa sem a injecção, nas escolas, de verbas que não podemos comportar», parece ser, de acordo com as palavras do ministro Roberto Carneiro, a modalidade de eleição para o «normal» funcionamento do ano lectivo que, oficialmente, teve ontem início nos estabelecimentos de ensino do nosso país.

E isto porque, apesar de considerado pelo ministro da tutela como «altamente satisfatório», o orçamento de 1991 a atribuir à Educação - cerca de 450 milhões de contos para despesas correntes e 53 milhões de contos provenientes do PIDDAC - enferma igualmente da contenção generalizada a todos os sectores públicos.

«Não podemos fazer um orçamento demasiado expansionista, mesmo em ano eleitoral», afirmou Roberto Carneiro ao nosso jornal, justificando a necessidade dos cortes orçamentais (cerca de 20 por cento) que os estabelecimentos de ensino sofreram para as suas despesas correntes e projectando a possível recessão económica que se poderá fazer sentir em consequência da crise que se vive no Golfo.

No entanto, as dificuldades que se avizinham no horizonte da economia portuguesa não parecem assustar o estado-maior da Educação nacional. Isto, a avaliar pelo ponto da situação que ontem foi feito pelos responsáveis máximos do sector, em conferência de imprensa que igualmente assinalou a abertura oficial do ano lectivo 1990/91.

Pela mão de Roberto Carneiro e seus mais directos assessores - os secretários de Estado da Reforma Educativa, Adjunto do Ministro da Educação e do Ensino Superior e a directora Regional de Educação de Lisboa - as perspectivas para o novo ano escolar foram apresentadas com assinalável optimismo, tendo como «pedra de toque» a regularidade do funcionamento das diversas actividades de todo o sistema educativo nacional.

A meta, traçada para toda a década de noventa, é, segundo Roberto Carneiro, a da «plena recuperação, para Portugal, dos níveis educativos dos parceiros europeus».

E, apesar dos esforços resultantes da «prioridade primeira» que o Governo coloca na Educação, Portugal continua a revelar índices muito críticos quando comparados com os outros países comunitários: uma taxa de analfabetismo superior em mais do dobro à da Europa meridional, uma escolarização a nível do 2º e 3º ciclos dos ensinos básico e secundário inferior a metade da média comunitária (relação que desce para um terço no ensino superior) e taxas de repetência que, em alguns casos, são três ou quatro vezes superiores aos valores europeus.

Reformar apetrechando

Confrontado com algumas das críticas que a abertura antecipada do ano lectivo já suscitou, sobretudo por parte dos sindicatos afectos à classe docente - atrasos na colocação de professores, degradação das instalações escolares, cortes de verbas para despesas correntes, regulamentação do estatuto da carreira docente e gestão escolar, entre outros - e que apontariam para um funcionamento irregular dos estabelecimentos de ensino, Roberto Carneiro considerou não passarem de puras «especulações».

Em ano de expansão da reforma curricular - que agora se estende a todos os níveis de ensino - a equipa da gestão educativa do nosso país apresentou ontem um leque de medidas tomadas e de projectos na forja que, segundo sustentam, são tributárias «de um clima de maior exigência e qualidade» na educação.

A construção e o equipamento de cinquenta e oito novas escolas do ensino preparatório e secundário, a formação e profissionalização dos corpos docentes dos diferentes níveis de ensino, a conservação e o reapetrechamento das escolas - com especial pendor para as do ensino técnico profissional e artístico - e os investimentos na área da acção social escolar (que atingirão os dois milhões de contos) foram algumas das «novidades» ontem anunciadas.

Relativamente à reforma curricular dos ensinos básico e secundário, pedra basilar da reforma de todo o sistema educativo, o respectivo secretário de Estado adiantou que foi já enviado às escolas, para discussão e parecer, um projecto de alteração do sistema de avaliação.

De acordo com Pedro da Cunha, este novo sistema é «totalmente inovador, terminando com a avaliação punitiva». Pelo que adiantou, trata-se de um projecto que, a entrar em vigor com a generalização dos novos currículos, visa uma avaliação somativa no final de cada ciclo escolar, e que só excepcionalmente se realizará antes desse prazo, «nomeadamente quando os resultados não forem bons». Isto implica a existência, para cada disciplina, de «níveis introdutórios», ou seja, estabelece níveis diferentes em cada disciplina como «alternativa à retenção ou ao programa sem competência». Tanto quanto pudemos apurar, o 9º ano de escolaridade passará a ter um exame de avaliação global de conhecimentos, o 12º ano testes por disciplina.

Em relação ao novo modelo de gestão escolar, projecto já anunciado no ano lectivo passado, Pedro da Cunha revelou que apesar de ainda se encontrar em fase de revisão, permite que se realizam já em Maio eleições para os órgãos de gestão das escolas de acordo com o novo modelo.

Mas tarefa dura terão, nos próximos meses, os sindicatos do sector docente. É que, segundo afirmou o secretário de Estado Adjunto do Ministro, o Ministério da Educação tem já preparados vinte e sete diplomas que regulamentam o estatuto da carreira e que serão «oportunamente» enviados àquelas organizações.

Alarcão Troni referiu que entre estes documentos se encontram as novas leis quadro dos concursos de colocação dos professores, da formação em serviço, da licença sabática para os ensinos básico e secundário e do apoio à fixação na periferia.

«A esperança mora nas escolas portuguesas», rematou Roberto Carneiro, à laia de «súmula» de todas as perspectivas apresentadas para este novo ano lectivo. Um ano que, assinale-se, arrancou no seu dia mais apropriado neste pequeno recanto luso, o dia de S. Roberto, à luz do velho calendário gregoriano.

M. A. M.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$45	50$45
ALEMANHA FED. (marco)	87$75	88$95
ÁUSTRIA (xelim)	12$50	12$70
BÉLGICA (franco)	4$081	4$331
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	117$75	120$45
(notas de 5 a 1000)	118$45	120$95
DINAMARCA (coroa)	23$00	23$40
ESPANHA	1$359	1$479
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136$60	140$10
(notas de 5 a 1000)	137$10	140$60
FINLÂNDIA (marka)	37$15	37$75
FRANÇA (franco)	26$20	26$90
HOLANDA (florim)	77$85	78$95
IRLANDA (libra)	237$05	241$05
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$953	1$008
NORUEGA (coroa)	22$70	23$20
REINO UNIDO (libra)	261$35	265$85
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	106$25	107$75
VENEZUELA (bolívar)	2$394	3$194

OBSERVAÇÕES:

Respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Enfermeiros lutam vigiando a saúde

Em Lisboa, uma equipa de enfermeiros instalou-se, ontem, no Rossio e mede a tensão arterial, faz despiste de diabetes e pesa as pessoas. Até sexta-feira, entre as oito e as 20 horas, a propósito da mensagem «Vigie a sua saúde», estes profissionais vão dando conta das reivindicações. E a julgar pela adesão dos traseuntes, são já muitos os que apoiam esta forma de luta.

Apesar do calor, as pessoas, depois de se informarem do que se passa na tenda, entram e esperam pacientemente a sua vez. Os enfermeiros que os atendem, de uma forma simpática, dão conselhos sobre a saúde e contam as dificuldades com que se debatem no dia a dia, no trabalho.

Alguns dos utentes, como é o caso de Alfredo Marques, 70 anos, nunca fizeram estes testes. Outra visitante, Fernanda Fonseca, 50 anos, é dadora de sangue e vigia regularmente a tensão arterial. Sobre os profissionais da enfermagem salienta: «Acho que eles sofrem muito e precisam do nosso apoio. É uma profissão que deve ser respeitada».

Rui Pacheco

Até os mais jovens aderiram à iniciativa. Um, aproveita para medir a tensão, o outro, colabora com a mãe, distribuindo comunicados

O decreto-lei 34/90, publicado em Janeiro, tirou algumas regalias aos enfermeiros. Desde essa altura, o Sindicato tem mantido negociações com o Governo, sem perspectivas de resolução dos problemas laborais. Daí, a semana de luta, ontem iniciada em todo o País.

Um dois primeiros pontos a merecer o protesto dos enfermeiros é o regulamento do exercício da clínica privada, publicado em Julho.

Este prevê que os médicos possam tratar os doentes da medicina privada nos hospitais. O que, segundo Augusto Jacinto, dirigente do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, contraria a filosofia do serviço social.

Por outro lado, e este é o aspecto mais importante para aquele sindicalista, o enfermeiro tem que tratar estas pessoas. Para além de não se poder recusar a exercer clínica privada, não ganha mais pelo acréscimo de trabalho.

Houve também perda de regalias. Foi eliminado o regime de exclusividade e reduzido o subsídio para quem trabalhe 45 horas semanais. Em ambos os casos, o subsídio é 40 por cento do ordenado. Na carga horária, propõe-se, ainda, um limite de trabalhadores nesta situação. «O que se torna discriminatório, porque há instituições que podem ter todos os enfermeiros neste regime e outras que, por hipótese, só podem ter 35 por cento», disse ao «DL» Augusto Jacinto.

C. N.

A bica paga-se, em Lisboa, aos mais diversos preços, consoante seja servida nas suas catedrais *ou em simples pastelarias de bairro. Tomar café é ainda um capricho dos portugueses, envolto em centenas de anos de história e em décadas de tradições*

Cafés antigos preços novos

Mais quatro biquinhas por favor...

O hábito do café e da bica (mais recentemente) faz parte da nossa história, e são muitos os nomes de intelectuais, de homens da ciência, do jornalismo e da política que associaram os seus nomes a casas que têm vindo a fechar uma a uma, ocupadas sobretudo por bancos e companhias de seguros. Desde há algumas décadas, estes novos senhorios disputam as melhores esquinas e outros locais da cidade para montar balcões quase todos iguais, todos sem graça.

A memória, também ela cansada de ser só memória, fixa as tradições do Café Martinho e do Suísso, no largo D. João da Câmara, que Eça frequentava; a Brasileira do Rossio; o Chave D'Ouro também naquela praça; o Montanha na rua de Santa Justa, que Pessoa frequentava aos fins de semana porque o Martinho da Arcada estava fechado nesses dias; o Nacional e o Café da Itália, na rua 1º de Dezembro; o Palladium, nos Restauradores e o Royal e o Gibraltar, no Cais do Sodré.

São raros os sobreviventes e, por razões comerciais, todos ostentam preços elevados. A bica na Versalhes ou no Colombo, no Martinho da Arcada ou na Brasileira do Chiado ou no Nicola é cara.

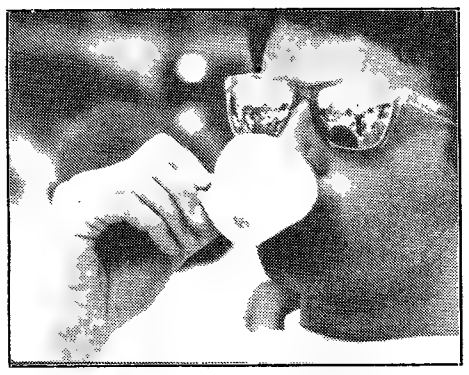
As esplanadas destes dois últimos estabelecimentos praticam preços «para turistas» e é exactamente por isso que quase só se vêem estrangeiros sentados à mesa, deliciados com o clima e a correria da multidão. Cem, cento e vinte escudos são preços comuns nesses locais.

Mas não é preciso sentarmo-nos na esplanada. No recém restaurado Martinho da Arcada, onde finalmente colocaram algumas mesas para café, depois de muitos protestos, ninguém paga menos de 75 escudos por um café. O mesmo que na esplanada, acrescente-se.

Há certamente razões fortes para levar os proprietários destas casas a praticar preços tão altos.

O gerente do Nicola, por exemplo, lembra-nos que há clientes que, se pudessem, ocupavam uma mesa, uma tarde ou manhã inteiras, com uma bica sobre o tampo. João Lacerda vai mesmo mais longe, assegura que a exploração do seu estabelecimento, mesmo com o serviço de restaurante, não tem grande interesse comercial.

O Nicola mantém-se porque «é uma imagem de marca» da «terceira empresa nacional de cafés». Essa razão, arriscamos acrescentar, será mais importante do que a estátua de Bocage, impecavelmente conservada no interior do café.



Tomar a bica em Portugal é um capricho barato para os estrangeiros

João Lacerda sublinha ainda que o seu pessoal está instruído para que o café seja tirado «com a mais elevada qualidade, exactamente porque sabemos que há muitos potenciais novos clientes da nossa marca que vêm, de propósito, ao Nicola, provar o nosso café».

Outro factor ligado directamente ao preço da bica tem a ver, como é evidente, com a forma moderna que a nossa sociedade encontrou para substituir o antipático letreiro da «reserva do direito de admissão». Não é certamente qualquer um que pode dar-se ao luxo de pagar uma pequena fortuna por umas gramas do precioso líquido negro, nem sempre bem tirado.

Mesmo assim, há cafés que têm segurança privada para manter a *tranquilidade* do espaço. Um empregado de mesa explicou-nos que «o segurança está ali só para não deixar os mendigos virem pedir esmola e incomodarem os clientes».

Uma jornalista, assídua frequentadora da Brasileira, defende que é justo pagar caro o café, em casas que são «autênticos templos». À semelhança de outros jornalistas, defende o recurso a preços elevados para garantir «um lugar sentado para tomar a bica» e acredita que uma das causas que contribuiu para o encerramento de muitas casas deste tipo se deveu precisamente a campanhas que a imprensa, no passado, e de forma regular, fazia contra o aumento do preço das bicas, o que veio a contribuir para o inscesso comercial de muitos cafés. E dá-nos um exemplo: no Caffé Florian, o mais antigo da Praça de S. Marcos, custa o equivalente a mil escudos. Só que não estamos em Veneza...

Hoje, em Lisboa, a maioria destas casas antigas é frequentada, durante o dia, por gente de idade. Casos há em que é possível ver amigos idosos aguardar pela abertura do café para ocupar logo a mesa e ficar toda a rica manhã na conversa, jornal na mão e muita má língua nas conversas.

Pereira de Almeida

Ah rico preço livre!

Tínhamos acabado de beber a bica, por 30 escudos, no café do bairro, ali à Calçada de Santana, e pago por ela trinta escudos, quando iniciámos a procura de uma mesa vaga numa esplanada da rua Augusta. A tarde estava risonha e o loiro dos(as) turistas dava ao recinto um cheirinho internacional.

Pura ilusão. Sem lugar, descemos a rua, decididos a tomar café sentados, apesar de sabermos que luxos deste tipo, em Setembro, só com muita sorte.

Esperámos a observar António Gomes dos Santos, um jovem da Nazaré de 27 anos, que é o novo «homem estátua» da rua Augusta. De fraque negro e ao som de música, estava envolto de uma multidão curiosa que se interrogava sobre a veracidade do letreiro que tinha ao lado do palanque preto onde escreveu, «*Relax-in, stress-out*». Afirma ser o recordista do «Guinnes-Book» com o feito de ter conseguido estar 15 horas, 2 minutos e 3 segundos imobilizado no Centro Comercial das Amoreiras, no preciso dia 30 de Julho de 1988.

Arrepiámo-nos e voltaámos à caça de bicas. Conseguimos lugar e depois de prolongada espera um empregado mal humorado perguntou-nos o que queríamos. Trouxe uma bica fria e pediu cem escudos e ainda por cima adiantados, porque, mesmo com a careca avermelhada, não temos ar de estrangeiros e apenas esses têm o direito de pagar após consumir.

Descemos a bonita artéria e escolhemos outra esplanada, igualmente cheia. Fizemos tempo a observar a venda de artesanato, agora já arrumado nos prometidos toldos amarelos da CML e, voltámos ao local. Acabámos por ser atrevidos e pedir licença para nos sentarmos na mesa de um cavalheiro de ar perfeitamente lusitano. Francisco Gouveia, contabilista, morador em Almada, resolveu abrir uma excepção e tomar a bica na esplanada, hábito que não tem porque não pode pagar tanto dinheiro por cada café que toma, e ele bebe muitos. Quatro por dia, mas já chegou a consumir oito.

Preparávamo-nos para voltar a pagar a bica com uma nota de Fernando Pessoa quando o empregado trouxe a conta. Apenas sessenta escudos!

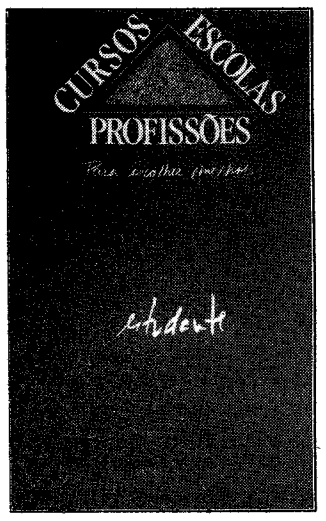
Não quisemos acreditar e Armando Pedreira, que é reformado da marinha mercante e trabalha ali, «só para ajudar os amigos que são donos do café» acabou por explicar-nos que o maior negócio da esplanada nem sequer é o café.

Os estrangeiros, assegura, bebem-no habitualmente misturado com leite e consomem mais outro tipo de produtos. A venda de bicas, tal e qual, tem pouco significado.

Já sabe portanto a receita. Em matéria de café, na rua Augusta é assim. Ao cimo paga cem escudos, perto no Terreiro do Paço desembolsa só sessenta. Ah rico preço livre!

P. A.

À procura de emprego ? Vá procurar no «Anuário»



Queixam-se os jovens da falta de acesso aos postos de trabalho. Até que ponto estarão esses jovens informados das hipóteses de frequentarem um curso que lhes abra as portas da actividade profissional.

Cursos, possivelmente aliciantes, mas que ninguém sabe que existem e estão aí somente à espera de alunos, com muito boas abertas para inserir os jovens no mundo dos homens. Desconhecidos, uma boa parte deles.

Quem pretenderá passar o resto da sua vida na actividade de desengrossador, encastelador, grampeador ou guilhotineiro se a grande maioria da população desconhece a existência de tais profissões?

E se preferir transformar-se em geral de rolheiros, ou em balneoterapista, até mesmo em técnico de maquinação ou de bolbosas? Como fazer para atingir uma qualificação nestas ignoradas, e, certamente, muito dignas profissões?

Um denso volume de quase 1 300 páginas recentemente publicado explicita aos jovens candidatos ao estudo e à profissionalização que espécie (e quantos) cursos se lhes oferecem presentemente em Portugal.

O «Anuário Forum Estudante – 1990» (ampliação de uma edição semelhante realizada no ano anterior) explica que em Portugal existem, presentemente, cerca de 1 800 cursos, ministrados por 500 instituições, que vão das universidades públicas e privadas às instituições de cooperação e desenvolvimento, às associações juvenis e profissionais.

Em oferta, há de tudo um pouco: da agricultura à construção civil, do direito à hotelaria, dos têxteis aos sapatos, da informática à protecção civil. Aparentemente, só faltam, para um enciclopedismo total, cursos de astronáutica ou de ecologia, as «vedetas» do nosso tempo.

Pode, porém, experimentar-se outras hipóteses, como a do fabrico artesanal de queijos, o de bateria-jazz e um último para o qual não faltarão candidatos: a modelagem de senhoras, que não sabemos muito bem o que seja, mas cujo título é aliciante.

R. A.

«CAFÉ-BAR AQUI E AGORA, LIMITADA»

CERTIFICO, para efeitos de publicação que por escritura de 23 de Novembro corrente, lavrada de folhas 145 a folhas 146 verso, do livro de notas para «escrituras diversas», N.º 72-F, do 23.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. Gabriela Costa da Palma Martins, foi elevado o capital social para 900 000$00, tendo a importância do aumento de 840 000$00 sido subscrita em dinheiro por ambos os sócios na proporção das suas quotas, e em consequência foi alterado o Artigo 3.º, do pacto social, que ficou com a seguinte redacção, constante da presente fotocópia.

«TERCEIRO

O capital social é de NOVECENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma das seguintes quotas:

Uma de trezentos mil escudos pertencente ao sócio Vítor Manuel Silvestre Correia, e outra de Seiscentos mil escudos pertencente à sócia Regina Maria Esteves da Silva Correia.»

Foi depositado na pasta respectiva o teor actualizado do contrato.

ESTÁ CONFORME

Lisboa, 23 de Novembro de 1989

O Ajudante

Messias de Carvalho Marques

«DL» — 18/9/90

CULTURA

BREVES

Mário de Sá-Carneiro homenageado em Setúbal

Depois de Bocage, eis Mário de Sá-Carneiro homenageado em Setúbal pelo TAS. Uma homenagem que começa amanhã com leitura de poemas do autor de «Dispersão» por Mário Viegas. Ocorre isto no Forum Municipal Luisa Todi, pelas 21 e 30. No dia 24, pelas 18 e 30, mais poemas de Mário de Sá-Carneiro em Setúbal, desta vez no Teatro de Bolso.

Entretanto, no Forum Municipal, O Bando apresenta hoje «Os Bichos», encenação de João Brites, a partir do texto de Miguel Torga. É o 15º Festival de Teatro de Setúbal com -para além de outros- o seguinte mérito: a apresentação de vários espectáculos sediados em Lisboa. Assim, «Os Bichos», hoje; assim «O Regresso de Bucha e Estica», amanhã; assim «A Bela dos Olhos de Seda», no dia 21; assim, «Carmen», do Fatias Cá de Tomar, no dia 22; assim, «E Vão Dois», no dia 23; assim, «Ai Cavaquinho», a revista do ABC, no dia 24.

Paralelamente, no Teatro de Bolso, representa-se amanhã o «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente; depois de amanhã, «Assim Se Fazem As Coisas dentro das Tripas do Paço», também a partir de Gil Vicente; e no dia 22, «Mais Um para O Caminho», de Harold Pinter. No dia 25, no Forum Municipal, encerra-se o festival com À Coca», um espectáculo do TAS, que está de parabéns. Merecidos.

Café Concerto Faltas Tu

Estreia esta madrugada e tem um título do tamanho da légua da Póvoa. Assim: «Apontamentos de Insurreição e Protesto ante Os Libertários do Presente e do Futuro àcerca das Capitulações de 60 Seguido de Autocrítica da Corporidade Metafórica» (ufff...). É um espectáculo da Ópera Segundo São Mateus e, com um título assim nem se percebe como cabe num bar. Mas é mesmo num bar -Café Concerto Faltas Tu (ao Castelo)- que este espectáculo se estreia 30 minutos depois da meia-noite de hoje. Posteriormente, percorrerá alguns bares do Bairro Alto -anunciam os autores desta criação colectiva, que tem como base textos de Raul Ball.

Falar de cinema

Os leitores ter-se-ão apercebido e Lauro António ter-nos-á perdoado, mas importa que se corrija o erro de ontem no Falar de Cinema do nosso crítico. Foi a foto, ou melhor a legenda da dita que nada tinha a ver com «Dick Trace». Tinha a ver, sim, com um dos Prémios Emmy , e eis como Candice Bergen «entrou» inopidamente no filme de Warren Beatty. Claro que Lauro António está inocente, nós é que não. As nossas desculpas.

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA TECTO, CRL

SEDE: Lisboa, Rua Professor Luís Reis Santos, n.º 5

FERNANDA MARIA TAVARES, 2.º Ajudante da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, certifica, para efeitos de publicação, que foram alterados os estatutos, quanto à redacção do número dois do artigo segundo; e são aditados os números três e quatro ao artigo segundo, o número quatro ao artigo quarto, assim como é aditado o novo artigo quarenta e três, nos seguintes termos e com a seguinte nova redacção:

ARTIGO 2.º;

Um — mantém-se.

Dois — A Cooperativa poderá praticar qualquer um dos seguintes regimes de propriedade dos fogos:

a) Propriedade individual;

b) Propriedade colectiva, com manutenção na Cooperativa da propriedade dos fogos, na modalidade da atribuição do direito de habitação.

Três — No regime de propriedade individual dos fogos o direito de propriedade é transmitido pela Cooperativa aos cooperadores mediante uma escritura pública de compra e venda.

Quatro — Os cooperadores podem alienar os fogos da sua propriedade após o integral pagamento do respectivo preço.

ARTIGO 4.º:

Um — Mantém-se.

Dois — Mantém-se.

Três — Mantém-se.

Quatro — A administração dos fogos de que a Cooperativa seja proprietária, bem como a administração do condomínio dos fogos pertencentes a sócios que se encontrem no regime de propriedade individual.

ARTIGO 43.º:

As normas constantes dos artigos décimo, décimo primeiro e trigésimo quinto e das alíneas b), d) e e) do artigo décimo terceiro dos presentes Estatutos não se aplicam aos cooperadores titulares do direito de propriedade individual dos fogos.

Ficou depositado na pasta respectiva o teor actualizado do contrato.

O 2.º Ajudante
Fernanda Maria Tavares

«DL» — 18/9/90

Para «ver o que é possível»

Mandingas da Guiné tentam Lisboa

Vieram da Guiné-Bissau para tentar a sorte e são mandingas de sangue azul, todos eles parentes próximos ou afastados, e todos, como é costume milenar, desde sempre dedicados à música. Creêm que Lisboa pode ser a plataforma intermediária para apresentarem na Europa a cultura musical da tradição, já que outros embaixadores de renome (Mory Kanté, Salif Keita, ambos do Mali) se esqueceram dela e ainda isso não tinham tentando outros mandingas guineenses.

Álvaro Tavares

Mandingas em Lisboa para entrar na Europa

Sadjo Djolo (à esquerda, na foto) é tocador de kora, a harpa africana. Baba Djebata (no meio) é um virtuoso do balafon, antepassado da marimba. Baba Canute (à direita) canta, tão bem quanto esses famosos que se converteram à pop. São os três pilares de um grupo que ainda não tem nome mas já foi «descoberto» - a Fata Morgana Produções está a pensar em concertos e num possível disco.

Outros músicos mandingas, e guineenses, intervêm no projecto. Mamadu Camara vai tocar a flauta mandinga, única no género, e um segundo balafon estará sob a responsabilidade de Mamadu Saliu Canute. Falam mal o português, têm um crioulo mais cerrado do que os cabo-verdianos, conversam entre si em mandinga mas também conhecem a língua fula. São muçulmanos, não comem porco nem bebem vinho, escrevem da direita para a esquerda, à maneira árabe, e jejuam no Ramadam.

Na Guiné têm prestígio de sobra. Sadjo Djolo é considerado o melhor korista daquele país. Até há pouco foi o solista do Ballet Nacional «A Nossa Pátria Amada» e era ele, sempre, que o Ministério da Cultura guineense enviava em digressões pelos países socialistas, de Cuba à Coreia. Baba Canute, pelo seu lado, foi membro dos populares Super Mama Djombo, com os quais também tocava guitarra, e os balafonistas Djebata e Mamadu Saliu passaram pelos Colia e os Tabaton, respectivamente. São profissionais e a isso obriga a sua linhagem aristocrática - um mandinga só pode fazer música, nada mais.

«Os nossos pais, mães, avós, tios, e até os nossos filhos, são todos artistas», dizem-nos. Baba Canute, aparentemente o porta-voz do grupo, adianta: «A música não tem fronteiras. Somos mensageiros da nossa tradição, queremos mostrar a nossa música. Somos mandingas mas somos também guineenses. A nossa música "fala" guineense, não tocamos só a música mandinga, sabemos como bater em todo o coração humano, fula ou balanta.»

São criadores espontâneos, adaptam-se às circunstâncias, mas obedecem rigorosamente àquilo que «está definido» há muitas gerações. «Só em ambientes de grande festa podemos fugir um bocado», confessa Sadjo, para todos os efeitos.

Da pura tradição mandinga sabemos pouco, por aqui. Tantos anos de colonialismo «evangelizador» preservaram-nos, apesar de tudo, algumas novidades. Mory Kanté, que canta com exóticos fundos de sintetizador, pouco contribuiu, também, para que a conhecêssemos: «Ele já largou o kora. Estragou a história», comenta o korista número um da Guiné, agora entre nós. Temos finalmente a oportunidade de escutarmos uma música verdadeira. Não podemos perdê-la.

Rui Eduardo Paes

Pelo fim da tarde de hoje

Isaac Holly evocado na Galeria Holly

Ao fim da tarde de hoje, na Galeria Holly (próxima do Teatro da Trindade) procede-se ao lançamento de um livro de homenagem a Isaac Holly (egípcio que se radicou em Portugal) fundador daquele espaço, com a inauguração simultânea de uma exposição de todas as suas obras editadas, exposição que poderá ser visitada até dia 4 de Outubro.

O livro em questão inclui textos de Manuel Cargaleiro, João Cutileiro, David Feldman, João Hogan, Alberto Holly (irmão do homenegeado), António Inverno, Simone Loliée, Maluda, José manuel Rebelo, José Sommer Ribeiro, Edouard Roditi, Joaquim Rodrigo, Maria de Lourdes Salgado e Ventura Tobias.

Alberto Holly, no seu texto, evoca os aspectos da vida do irmão relacionados com a sua actividade de

editor de obras de arte. Acentua também a sua paixão pela literatura, e também pela poesia, sentimento que o levou a publicar álbuns de poemas ilustrados com serigrafias, como, por exemplo, «Endechas a Bárbara», de Camões, acompanhado de uma tradução em inglês por Edouard Roditi e ilustrado com serigrafias de Cutileiro - e também o poema «Sombra de Almagre», de Cesariny, acompanhado de uma serigrafia do mesmo autor, bem como «Fabeltier» e a recolha «Être Un Autre», de Edouard Roditi, enriquecidos por serigrafias de Cargaleiro. Que se mencionem igualmente os poemas «Urgências» e «Persiana para uma janela de Maluda», de Alexandre O'Neill, ilustrados, respectivamente, com uma serigrafia de Cargaleiro e de Maluda.

«Nestes álbuns - pormenoriza-se -, graças, sobretudo, ao talento de António Inverno, estabelece-se um jogo entre a beleza do texto, da imagem e do grafismo.»

Emocionantes são as palavras, no livro acima mencionado (simplesmente intitulado «Isaac Holly»), de João Cutileiro:

«Isaac Holly morreu. Perdi um amigo.

Foi o primeiro amigo da minha geração a morrer próximo. E essa morte veio criar um vazio na vida artística portuguesa. Um espaço que ele mal tinha tido tempo para criar, que não existia de todo, voltou a fechar-se pela brevidade da sua passagem. Só no fim da sua vida veio a abrir uma galeria...»

Como facilmente se depreende, trata-se da galeria em que hoje é apresentado o livro de homenagem a Isaac Holly em simultâneo com a inauguração de uma exposição que exibe todo o amor de um egípcio pela cultura portuguesa.

Paris prestou-lhe homenagem, com uma grande retrospectiva, em 1981; Veneza lembrou, no ano passado, que ele era italiano e, este ano, inclui quadros seus entre as obras-primas do século XX; a Suíça recorda-o agora, numa mostra de mais de cem telas e desenhos. É Modigliani no esplendor da glória que em vida desconheceu.Todavia, há um crítico, o do «Le Monde», que visivelmente não morre de amores por ele. Setenta anos depois de falecer, o pintor de Montparnasse encontra um detractor

Retrato do pintor em negativo

Amadeo Modigliani morreu jovem. Teve uma vida miserável e um fim mais lamentável ainda. Bebia e drogava-se. A sua companheira suicidou-se no dia a seguir à sua morte. Portanto, a sua pintura é célebre. Todos aqueles que defendem — e são um sem-número — que um artista que não é louco nem maldito não é verdadeiramente um artista, todos os que consideram Van Gogh o arcanjo negro da arte moderna, veneram igualmente Modigliani, como o seu irmão italiano do século XX.

Os coleccionadores japoneses que, como se sabe, compram todos os Van Gogh que aparecem à venda neste planeta, compram também todos os Modigliani que conseguem encontrar. E, visto que é célebre e caro, a sua pintura tem necessariamente de ser admirável. De resto, ela aparece em todos os dicionários de arte. O sistema mitológico e a sua comercialização funcionam às mil maravilhas e fizeram de Modi --como lhe chamam os fiéis-- um herói extremamente rentável.

A Fundação Gianadda sempre se distinguiu por não andar ao sabor das modas. É por isso que esta retrospectiva do pintor de Livorno é mais enganosa do que parece à primeira vista. Pensávamos ir assistir à sua segunda grande missa expiatória do ano, tendo o local de culto sido transferido de Amesterdão para a Suíça.

Com efeito, não faltam nem as T-Shirts impressas, nem os «posters» em quadricomia, que são hoje em dia os índices mais seguros do valor de uma obra. Mas há também os quadros, muitos quadros e outros tantos desenhos, cento e vinte ao todo, de forma que podemos avaliar com alguma frieza a importância do pintor e esquecer a exasperante lenda.

Jeanne Hébuterne retratada em 1919 por Modigliani, a escassos meses do falecimento do artista e do suicídio da sua companheira (segundo o crítico do «Le Monde», praticamente são os retratos de Jeanne os únicos que do pintor se aproveitam...)

Um singular modernista

Modigliani nasceu em 1884 em Livorno, no seio de uma família judia culta, mas pouco endinheirada. Segundo consta, frequentou pela primeira vez aulas de desenho em 1898, ainda em Livorno, depois em Florença, em 1902, e no ano seguinte em Veneza. Deste período, ficaram apenas estudos a lápis, extremamente banais. Em 1906, instala-se em Paris, na Rua Caulaincourt. Começa então uma iniciação à arte moderna que o leva a imitar, sucessivanmente, Carrière, os neo-impressionistas, os Fauve, Cézanne e, a partir de 1911-12, um certo cubismo --não exactamente o cubismo, se por cubismo entendermos Picasso e Braque-- mas antes um cubismo melhorado, comedido, simplificador mas não analítico.

Esta cronologia sumária comporta algumas excepções, se constatarmos que a «Mulher de Chapéu» foi pintada em 1911, embora resulte de um método pós-impressionista considerado anacrónico.

Desta desordem de referências --de que a amizade de Brancusi não pôde certamente ajudá-lo a escapar — ressaltam apenas duas constantes: a destreza da mão e a indecisão do gosto. É evidente que Modigliani tenta aproximar-se do movimento cubista, cujo vigor apreende, mas não sabe como fazê-lo. Sob a influência de Brancusi e do primitivismo então em voga, Modigliani esculpe as suas primeiras mulheres em pedra, que, a bem dizer não são mais do que imitações elegantemente polidas. É inspirado, simultaneamente, pelos «negros», pelos egípcios e pelos celtas, sem que opere a síntese destes exotismos.

Os retratos contemporâneos desse período, como os do pintor Diego Rivera, são de uma diversidade ainda mais desconcertante. Em 1914, Modigliani representa-o, sucessivamente, em estilo Lautrec, em estilo Derain e em estilo Matisse, antes de começar um óleo em que emprega uniformemente a pincelada característica do estilo Seurat.

Este ecletismo modernista só irá ser resolvido --e assimilado-- durante a Guerra. A partir de 1915, as formas alargam-se, o estilo varia menos violentamente e Modigliani fixa-se como retratista de Montmartre e Montparnasse. Alguns efeitos de estilo, que constituem a sua individualidade, caracterizam a sua técnica: desenho curvo, um cada vez mais rigoroso achatamento dos volumes, pincelada leve e ligeiramente espessa, simplificação quase sistemática dos olhos e do nariz e um não menos obssessivo alongamento das mãos e do pescoço.

Com estas técnicas — que aplica sistematicamente sem se importar demasiado com a personalidade do modelo— Modigliani pinta figuras em bistre, castanho e vermelho, compostas de idênctica maneira, o homem ou a mulher sentados numa cadeira ao centro do quadro, com o rosto geralmente inclinado para a esquerda.

Modigliani príncipe de Montparnasse (do catálogo que,em 1981, o Museu de Arte Moderna de Paris dedicou ao pintor, a quando da grande retrospectiva da sua obra)

As melhores obras: os retratos de Jeanne Hébuterne

A sua elegância é incontestável. Segundo Parmesan, Modigliani introduz maneirismo em Césanne, que aliás tinha horror a isso. Imitador de Derain --cujo período dito «gótico» copia sem escrúpulos-- Modigliani joga habilmente com a bizarria destes rostos cegos e destes pescoços de cisne, por forma a criar estranhos híbridos, meio máscaras, meios pássaros. Embora não varie muito o seu cromatismo, arrisca por vezes uns ruivos e uns açafrões perfeitamente decorativos e uns cintilantes fundos turquesa. Ele é de facto tão hábil que consegue fazer passar as fraquezas do seu desenho por subtilezas, o incompleto por charme, a indecisão da linha por qualidade.

Quando pinta Jeanne Hébuterne, a sua companheira, ou as mulheres dos seus amigos, muito bem. Faz «Modigliani», estiliza à sua maneira e a obra resulta geralmente equilibrada e plena de suavidade. Por vezes imprime mesmo um toque de ironia e de misantropo que perverte a aparente ternura do retratista. Os retratos de Germaine Survage, conhecidos por «A Italiana» e «A Mulher do Leque» têm vigor e acidez.

Mas quando os modelos são homens notáveis e de talento, pintores e poetas com quem Modigliani se dava em La Coupole, a sua técnica revela as suas fraquezas. Excelente retratista de desconhecidas, Modigliani não pode impunemente representar Appolinaire, Picasso, Max Jacob, Cocteau ou Derain, porque nestes casos ele mede-se com os seus contemporâneos, a começar por Picasso. A situação é terrível. Nem o género desenvolto, nem o género aplicado resultam e é nessa altura que se revela, de forma incómoda e penosa, a vacuidade dos seus esboços.

Este burguês de cabeça oblonga e olhos vazios é Appolinaire ? E este homem de sorriso afectado é Max Jacob ? Quem viu os seus rostos pintados por Picasso tem dificuldade em convencer-se.

Nestas obras, que a glória do modelo chegou para tornar famosas, o pintor permanece à distância: põe uma cabeça no quadro, não a descreve nem evidencia o seu carácter. O seu auto-retrato de 1919, o último, não escapa a esta regra. O que vemos é um«dandy», um belo homem que faz pose e tira partido do oval do seu queixo e da linha recta do seu nariz. O pintor, porém, está ausente da obra.

Philippe Dagen
Serviço exclusivo «Le Monde» / DL
Tradução de Maria Otília Moreira

Fundação Gianadda, Martigny (Suiça), das 9 às 19 horas, até 28 de Outubro.

Quirologia

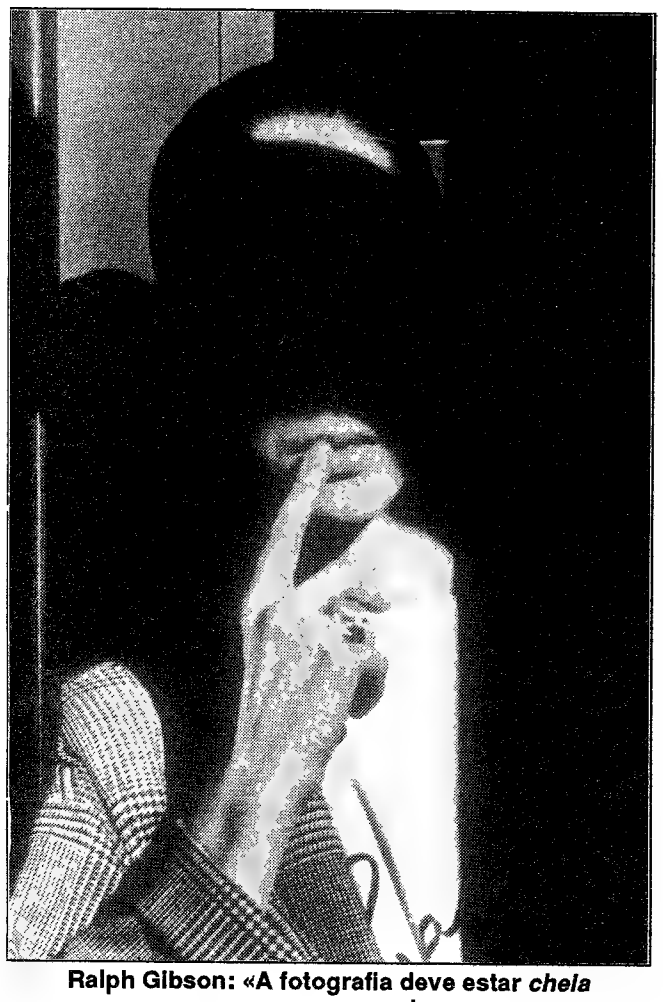
APRENDA A LER AS SUAS MÃOS, ATRAVÉS DE UM CURSO DE QUIROLOGIA EM VÍDEO CASSETES

TRATA-SE DE UMA COLECÇÃO DE CASSETES DE 1 A 10, CUJOS NÚMEROS PODERÃO SER ADQUIRIDOS MENSALMENTE.

FAÇA O SEU PEDIDO, PELO CORREIO PARA:
Rua Dr. Ricardo Jorge, n.º 1-13.º
VENDA NOVA ★ 2700 AMADORA
ou pelo Telefone 474 87 58

ENCOMENDE, HOJE MESMO, E APRENDA A LER O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO, NAS SUAS MÃOS.

Em cerca de 30 anos de carreira, Ralph Gibson atingiu um dos mais elevados estilos pessoais na fotografia contemporânea. Cyborg continua ligado a uma máquina criadora de imagens. A Galeria Valentim de Carvalho revela-nos um fotógrafo que vê assim: «De cada vez que queremos fazer falar uma fotografia, ela diz uma coisa diferente»



Ralph Gibson: «A fotografia deve estar *cheia* com o seu assunto»

O assunto como pretexto

A recente vaga de exposições de fotografia em Portugal (a dois dias do Fotoporto, na Casa de Serralves), e quando a Galeria Valentim de Carvalho propõe para a abertura da nova temporada, «*After Schock of Perception*», uma selecção de três séries editadas em livro, parece constituir uma resposta para as preocupações de Ralph Gibson: «a fotografia precisa de uma geração nova que não seja influenciada pelos americanos».

A fotografia de Gibson é sempre *a abrir*. Paradoxos e contradições, realismo e surrealismo, sonhos e solidez, minimalismos e complexidades, cruzam-se no seu trabalho com a mesma rapidez com que o velho senhor da fotografia norte-americana joga ténis e observa o mundo.

Conhecido por um sentido exacerbado do detalhe, ao contrário das pessoas que procuram ver um acontecimento numa fotografia, Gibson afirmou em entrevista concedida a Patrick Roegiers («*L'Oeil Flottant*», *Éditions Paris Audiovisuel*, 1986), que a primeira coisa que faz «é não ver NADA, mas olhar a parede ou o pormenor de um cortinado que pode fazer um plano». Interessa sobretudo, «o sentimento que anima as coisas».

Uma das bases do seu trabalho é reconhecer que uma fotografia pode funcionar em diversos sentidos. Quando, no estado actual da história da fotografia, se põe a questão de saber como falam as fotografias, Ralph Gibson responde: «Há fotografias num livro, nas paredes, no chão ou na mão, e, segundo a sua posição, elas falam de maneira diferente».

Embora admitido em pintura, ainda não se concede que a fotografia possa ter um conteúdo comparável, porque se estabeleceu que ela produz um efeito de consumo imediato. Gibson insurge-se contra essa defesa do efémero, e defende que «a fotografia deve estar *cheia* com o seu assunto».

Assim, em cada fotografia, fracciona o assunto, apanha fragmentos, *enche-a* com *assemblages* de bocados de coisas. Os objectos, os volumes e a luz formam um conteúdo a partir de um detalhe. Com o fim de ultrapassar a realidade tangível (documental e efémera) Gibson abre para a exploração do espaço onírico. O detalhe é o caminho para a universalidade. A originalidade da sua visão é flagrante. Ao escolher aspectos da vida quotidiana ou ao fixar imagens inesperadas, a sua objectiva ensina-nos a ver o que julgávamos familiar.

Assistente de Dorothea Lange e Robert Frank, no início dos anos 60, Gibson recorda quando fez o seu primeiro grande livro, «*The Somnambullist*»: «O meu pai era assistente director da Warner. Assisti desde sempre a filmagens e fui actor entre os dez e os catorze anos. Impressionou-me o contraste particular da película *waterchromatic* dominada pelo azul. O azul podia aparecer branco e o vermelho era quase negro. Quando a televisão passa um desses velhos filmes, podemos ver os valores de contraste que me fascinavam quando era criança. Basta recordarmo-nos do clima no «*Citizen Kane*». A intensidade do negro acentua o aspecto dramático e isso influenciou-me muito. Quando fiz «*The Somnambullist*», procurei encontrar a intensidade desse negro e na impressão ainda pus mais negro na página».

Trabalhando sistematicamente a preto e branco, recentemente Gibson voltou-se para a cor, escolhendo como tema a França. O resultado é «*L'Histoire de France*», com edição simultânea em França e nos Estados Unidos, por ocasião das exposições de fotos coloridas de 51x61, na Leo Castelli Gallery e no International Center for Photografy, em Nova Iorque.

Para o artista, «preto e branco é como um desenho, e a cor é como literatura. O impacto alegórico da cor é maior. A preto e branco o elemento abstracto é muito mais enfático. Mas ao construir imagens para este projecto, descobri que o modo como trabalho é o meu modo. Não há grande diferença».

Organizada a partir das séries publicadas nos livros «*The Black Series*», «*L'Oeil Flotant*» e «*In Situ*», a exposição que esta noite inaugura a nova temporada da Galeria Valentim de Carvalho é uma viagem onde cada fotografia toma um sentido confessional, de um segredo arrancado à personalidade profunda de Ralph Gibson.

Jorge Fallorca

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO DE MÚSICA

Temporada de Música e Dança 1990/1991

1 de Outubro às 21.30 e 2 às 18.30 no Grande Auditório

COMPANHIA NACIONAL DE ARTES DO ESPECTÁCULO
(República da Coreia)

História de Ch'unhyang (excertos)
Pela Companhia Nacional Ch'Angguk
A Mulher de Tomi (dança dramática)
Pela Companhia Nacional de Dança
Em colaboração com a Embaixada da República da Coreia

4 de Outubro às 21.30 no Claustro do Convento do Beato (Rua do Beato, 44)

Répons
de Pierre Boulez
Obra para solistas, grupo instrumental, computador 4X em tempo real e dispositivo de espacialização

Assistente Musical: Andrew Gerszo
ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN
PIERRE BOULEZ, direcção
Solistas:
PIERRE-LAURENT AIMARD, piano
FLORENT BOFFARD, piano e órgão electrónico
MARIE-CLAIRE JAMET, harpa
MICHEL CERUTTI, cymbalum
VINCENT BAUER, vibrafone
DANIEL CIAMPOLINI, xilofone e glockenspiel

Dialogue de l'ombre double
de Pierre Boulez
(versão «algarismos romanos»)
Obra para clarinete, fita magnética e dispositivo de espacialização
Assistente musical: Andrew Gerszo
Solista:
ALAIN DAMIENS, clarinete

Realização Técnica IRCAM
Som: Daniel Raguin, Didier Arditi, Xavier Bordelais
Régie 4X: François Gibouin
Controlo 4X: Andrew Gerszo
Controlo MATRIX 32: Denis Lorrain
Régie geral: Alain Jacquinot, Marthe Souris
Luz: Eric Benoît

Apoios: CREDIT LYONNAIS PORTUGAL — Nacional

Bilhetes à venda para ambos os Espectáculos a partir de 19 de Setembro
Apoio Publicitário: Rádio Comercial, Correio da Manhã Rádio, Antena 2.

CINEMA DE PARIS

Fingimentos literários

Ficou célebre em França, ou pelo menos em Paris, a mistificação literária dos anos 70: o prémio Goncourt atribuído a um romance de Romain Gary, autor famoso e já premiado das «Racines du Ciel» (de que houve filme), que, para o efeito, usou de pseudónimo inventando o pretenso autor na pessoa de um sobrinho seu, que fez chamar Emile Ajar.

Assim «La vie devant soi» foi prémio e escândalo com muitas reviravoltas mediáticas, um milhão de exemplares vendidos e uma adaptação cinematográfica. Muita vida diante de si não teve, porém, o autor autêntico que cinco anos depois se suicidou, deixando inédita uma confissão literária que teve, por seu lado, largo êxito editorial. Não foi por causa da mistificação que Romain Gary se matou mas por outros males de viver que a sua obra literária, valha a verdade, não levou muito além de uma mediania mundana.

Mas a história da pseudo-autoria e do resto deu agora um filme também mundanamente discutido, com o seu relento literário: «Faux et usage de faux», de Laurent Heynemann — curiosidade a não faltar, no começo da temporada...

Sem dúvida que o tema é excelente, dramático e psicológico, algo policial também no seu mistério cheio de contradições; sem dúvida também uma coisa é a história em si, cronista literário parisiense, outra a história que por detrás dela se esconde, de aflições e fugas do «eu» e do «outro que era eu», como costuma dizer-se...

Caso trágico de Pigmalião, criador e criatura confundidos, ou «canular», partida feita ao pequeno e cruel meio literário, por quem já não tinha muito a perder — uma coisa e outra certamente acontece, em dose variada de credibilidade, que no filme não é muita, por hesitação ou fraqueza da realização.

Onde o cerne da criação podia ser questionado, o drama interior do criador torna-se jogo pretenciosamente perverso — e a originária «alma russa» de Romain Gary, tão evocada, não chega bem à altura de Dostoiewsky, infelizmente...

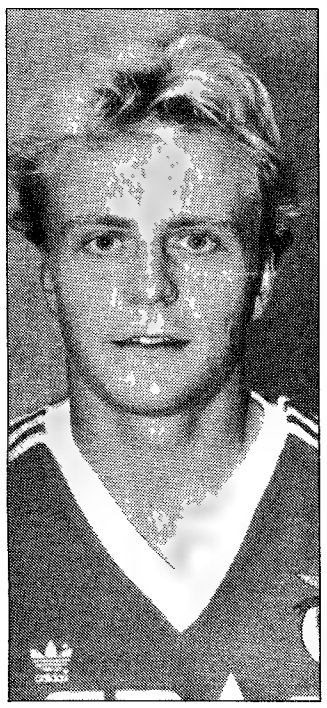
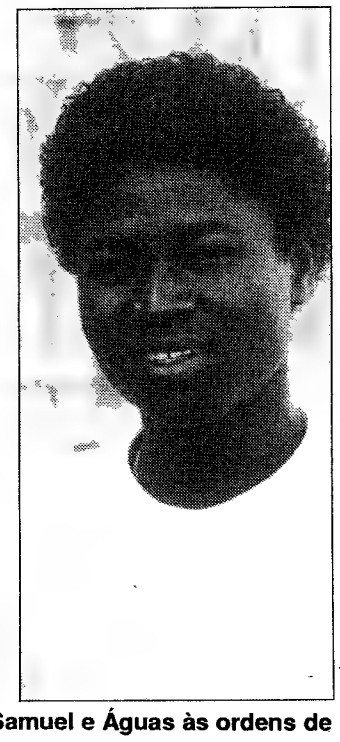
Resta a interpretação, confiada ao grande comediante que é Philippe Noiret — e aí os defeitos do filme mais se revelam numa actuação exagerada em seus tiques, por composição demasiada. O que, afinal, para desconto de tantos pecados, se acorda com a personalidade do responsável primeiro, o dito Romain Gary...

J.— A. França

DESPORTO

Chove e troveja sobre o Benfica

Neves de Sousa
Enviado especial

Thern, Samuel e Águas às ordens de Eriksson

ROMA — Trovejou e choveu durante toda a noite e o tempo a cada minuto ameaça fazer desabar uma ainda maior carga de água sobre a capital italiana, que acordou com todos os «média» falando largamente no futebol uefeiro.

Na Imprensa, são páginas e mais páginas dando até ao pormenor mais ínfimo tudo o que rodeia os seus oito clubes envolvidos em competições europeias, feito inédito em qualquer dos países que, neste velhinho continente, praticam futebol ao mais alto escalão. Obviamente que o Roma-Benfica assume especial relevância para os «tiffosi» da colectividade presidida pelo já quase lendário Dino Viola, uma espécie de respeitável dinossauro do futebol transalpino: e a crítica não poupa o 0-3 sofrido pela formação de Ottavio Bianchi, que veio de Génova curvada ante uma humilhante derrota.

— *Muito esquisito, esse jogo. Não o entendo e já vi um resumo filmado de 30 minutos. Espero agora que o Toni* (que foi «espiar» o Roma) *me dê pormenores em relação ao comportamento da equipa.*

Isto nos dizia Eriksson, no avião que trouxe de Lisboa a embaixada oficial, jornalista e adeptos, numa viagem que saltou fora do esquema planeado, pois a partida de Portugal estava programada para as 14 e 45 e, afinal, só levantámos da Portela pelas 16 e 25, porque o corredor aéreo francês estava saturado em virtude de estarem a seguir forças militares para o golfo.

O certo é que a chegada do bloco a Roma apenas ocorreu às 20 horas, com os jogadores, técnico e dirigentes a seguirem imediatamente para um local distante da capital cerca de 40 quilómetros. Portanto, o Benfica totalmente isolado dos seus adeptos (o que bem se compreende depois da confusão que se viveu em Viena de Áustria) mas também afastado da Comunicação Social que, para cúmulo, tem os seus vinte e tal representantes separados, conforme a agência que tratou das suas viagens ou onde se alojaram os companheiros que vieram ao «Europeu» de Hóquei ou andavam em passeio por outros países.

Para contrabalançar esse isolamento do exército benfiquista, sem nenhum de nós saber o que pode acontecer a qualquer jogador (só há ordem de telefonemas para o quarto de Shéu e ele já avisou a recepção do seu hotel que não está para ninguém das 23 às 7 da manhã), a direcção do clube da águia forneceu a indicação de que também não haverá qualquer treino no Estádio Olímpico («porque ainda há pouco lá jogámos, tem excelentes instalações e óptima relva»), reservando os jogadores para duas sessões de preparo físico, hoje e na manhã de amanhã.

Thern, Águas e Samuel foram dados como «aptos»

Thern, Samuel e Rui Águas foram dados como aptos pelo dr. Amílcar Miranda e, por isso, viajaram até Itália. Mas, como nos afirmou Gaspar Ramos, «o técnico teve o cuidado de fazer avançar 19 atletas, porque qualquer elemento do trio que tem estado lesionado pode sofrer uma recaída». Assim se justifica a extensa embaixada: Silvino, Neno, José Carlos, Samuel, William, Veloso, Paulo Madeira, Fernando Mendes, Valdo, Schwarz, Thern, Vítor Paneira, Sanchez, Paulo Sousa, Pacheco, César Brito, Isaías, Rui Águas e Lima, o brasileiro que completa amanhã 28 anos de idade.

Evidentemente que, no Aeroporto de Fuimicino, as maiores atenções dos jornalistas italianos foram para Eriksson e Eusébio, com o técnico falando das lesões de Hernâni e Magnusson, comentando a falta que lhe faz Ricardo (castigado pela EUFA) e sempre perguntando:

— *Berthold? Joga ou não?*

Os nossos colegas romanos fizeram-se convidados para jantar connosco (perto da meia-noite, quandos saíam dos seus jornais...) e logo contaram como está o Roma:

— *Há dois guarda-redes com o mesmo poder: Zinelti e Guilliani, mas o primeiro é que deve jogar. O «back» direito* (Tempestili) *gruda-se ao terreno e é fraco no corte do contra-ataque. O «central«* (Piacentini) *vai sentir dificuldades perante Águas ou Isaías. Aldair ainda não está adaptado. Carloni sobe muito pela esquerda. Salsano é «muleta» de Giannini, o «motor» do Roma. Desideri é incerto no passe. Carnevale ainda não está completamente curado da sua lesão. Rizzitelli arranca para o golo de trás para a frente.*

— Quer isso dizer que o Benfica tem possibilidades de vencer?

— *É 60 para 40, porque o Roma ou ganha ou os «tiffosi» partem tudo... E lá estarão 80 mil pessoas, pois a lotação está quase esgotada e os poucos bilhetes que restam* (a 16 contos portugueses) *são para os topos do estádio.*

Gente «ilustre» na comitiva

Viajaram com o Benfica o antigo presidente Fernando Martins («venho matar saudades da rapaziada») e António Simões, duas vezes candidato à chefia sportinguista, que nos confirmou:

— *Exactamente. Adiantei ao Sporting cinco mil contos para «segurar» alguns juniores (como o Peixe) e até hoje ainda ninguém amortizou um centavo desse dinheiro que emprestei ao meu clube na hora em que excelentes valores se preparavam para deixar Alvalade por falta de pagamentos de ordenados.*

Muitas senhoras também vieram com o Benfica (casos das mulheres de Silvino e Rui Águas) e, nos três aviões que já chegaram a Roma, surgiu mais gente conhecida, como é o caso do empresário Manuel Barbosa, que não confirma nem desmente o interesse que alguns clubes ainda têm por Valdo, o que (face a duas propostas italianas que persistem, porque em Outubro reabre o mercado das transferências) pode obrigar o centrocampista camisa dez a fazer amanhã uma exibição confirmativa do seu valor.

À chegada do «onze» apareceu o dr. José Manuel Arsénio (conselheiro de estudos junto do Colégio de Defesa da NATO, em Roma) que, sendo «leão» pelo coração, estará com o nosso embaixador em Itália e outras personagens de relevo na tribuna do «Olímpico» romano para incentivar o Benfica.

Algumas dificuldades terão (também) de ser ultrapassadas pelos jornalistas que estamos albergados num hotel em pleno cento de Roma, a dois minutos do Coliseu e de Santa Maria Maior, mas na «zona mais quente de Roma»: «carabinieri» em patrulhas a pé e carros ou motos da Polícia assustando as dezenas de «travestis» que se misturam com «raparigas de vida difícil» aqui mesmo à nossa porta, neste «Massimo d'Azeglio» que tem quatro estrelas na porta mas corredores com um metro de largura quartos adequados a pouca permanência e, embora com pessoal permanente, que só facilita telexes ou faxes das 10 às 18 horas, o que obriga os «escribas» portugueses a longas (e dispendiosas) conversas telefónicas ou esperarem que a porta do escritório abra para o despacho diário.

Resta dizer que o Roma-Benfica será um dos sete jogos italianos a transmitir amanhã pela RAI (o Milão salta de eliminatória automaticamente, por ser campeão da Europa) e, logo à noite, todos iremos ver em directo o Sporting-Malines através da Tele-Montecarlo que, como comentadores, fez deslocar a Lisboa um jornalista muito credenciado (Mássimo Caputti) e o antigo grande jogador José Altafini, glória do futebol a quem Eusébio remete, por nosso intermédio, «um enorme abraço».

B R E V E S

«Ronda» da última hora pelo círculo lusitano

Porto: Semedo, Branco e Couto acusam algumas mazelas

Já se sabe que Artur Jorge não poderá contar com Jaime Magalhães, Bandeirinha e Abílio para o confronto de amanhã (18 horas) no Bonfim, frente aos irlandeses do Portadown. Quanto aos restantes registam-se algumas mazelas de Semendo, Jorge Couto e Branco, mas o dr. Domingos Gomes não se mostra alarmado, sendo previsível que estejam em condições para ser utilizados por Artur Jorge.

Dada a circunstância do encontro se disputar a mais de 300 quilómetros da cidade do Porto — por determinação da UEFA — e porque o valor do opositor não assusta a vasta legião de «dragões», as bilheteiras têm tido escassa procura.

No que se refere ao onze inicial, Artur Jorge reserva a decisão para mais tarde estando em estágio os seguintes 18 elementos: Vítor Baía, Padrão, João Pinto, Paulo Pereira, Aloísio, Geraldão, Fernando Couto, Morgado, Branco, Kostadinov, Madjer, Kiki, Semedo, Pille, Domingos, Jorge Couto e Jorge Plácido.

Estrela: debutante sem complexos

Dirigentes, técnicos e jogadores do Estrela da Amadora estão optimistas quanto ao confronto com o Neuchatel, marcado para as 21 e 30 de amanhã com honras de transmissão directa pela RTP. Manuel Fernandes apenas conta com a ausência de Álvaro — operado ontem com pleno êxito na Clínica de S. João de Deus — e para o seu lugar convocou o jovem Abel. Em estágio estão: Melo, Vital, Rui Neves, Duílio, Valério, Dimas, Alexandre Nunes, Agatão, Rebelo, Baroti, Miranda, Marito, Abel I, Paulo Jorge, Pedro Xavier, Ricky, Paulo Bento e Abel II.

Guimarães: crise do golfo faz elevar a tensão

Primeiro foi o atraso de várias horas para sair de Portugal e depois foi uma demorada escala em Madrid em virtude do controlo aéreo da capital espanhola estar encerrado à aviação civil, em virtude da crise do golfo. A chegada a Istambul prevista para as 23 horas de ontem apenas se concretizou pelas quatro horas de hoje. Paulo Autuori mostra-se apreensivo devido ao desgaste físico e psicológico criado por esse facto mas, no seio da comitiva, reina a convicção de que o Fenerbahce será o derrotado no confronto de amanhã. Sobre o onze inicial tudo indica que será este: Jesus; Bené, Hermano e Jorge; Alberto, Soeiro e Basílio; Basaúla e N'Dinga; Chiquinho e Ziad.

Sporting: Silas em «stand by»

Durante o dia de hoje continuará a vigorar o «estado de alerta» junto da Federação Portuguesa de Futebol, na esperança que surja a autorização da federação uruguaia quanto à possível utilização do brasileiro Paulo Silas que se mantém em estágio com os demais companheiros escalados por Marinho Peres. São eles: Ivkovic, Carlos Xavier, Venâncio, Luizinho, Leal, Oceano, Litos, Douglas, Careca, Cadete, Fernando Gomes (muito provavelmente serão estes que formarão o onze inicial), João Luís I, Sérgio, João Luís II, Miguel, Bozinovsky, Lima e Filipe.

Roma-Benfica renderá 240 mil contos

Os dirigentes do Roma esperam obter uma receita de 240 mil contos no jogo com o Benfica, da primeira «mão» da eliminatória inaugural da Taça UEFA, a realizar amanhã, no Estádio Olímpico da capital italiana.

Após o entusiasmo causado pelo sucesso caseiro do Roma (4-0 à Fiorentina) na primeira jornada do Campeonato italiano de Futebol, a derrota da equipa de Bianchi, em Génova (3-0 na 2.ª jornada) fez com que a venda de bilhetes diminuísse.

Apesar de já terem sido vendidos bilhetes no valor de 120 mil contos, ainda se encontram disponíveis muitos dos 82 mil lugares do Estádio Olímpico. Todavia, ainda assim os dirigentes do Roma afirmam-se optimista, calculando que a receita do jogo com o Benfica possa chegar aos 240 mil contos.

I Série N.º 216
Dia 18 de Setembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no actual orçamento de Encargos Gerais da Nação, no montante de 198 109 contos.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 283/90:
Estabelece o novo regime jurídico do seguro agrícola de colheitas (revoga o Decreto-Lei n.º 395/79, de 21 de Setembro).

Portaria n.º 846/90:
Estabelece que sejam beneficiadas com os níveis de ajudas previstos na Portaria n.º 205/88, de 31 de Março, as intenções de investimento apresentadas e aprovadas pelo competente organismo regional até 31 de Dezembro de 1987 que tinham nesta data contrato celebrado com a EDP para a rede de distribuição de energia eléctrica às explorações agrícolas.

Portaria n.º 847/90:
Estabelece as medidas de protecção fitossanitária consideradas indispensáveis para combate à doença do cancro americano do castanheiro, por forma a limitar ao máximo a possibilidade da sua incidência no território nacional.

Portaria n.º 848/90:
Sujeita ao regime especial os prédios rústicos situados na freguesia de Abitureiras, concelho de Santarém.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e da Indústria e Energia

Portaria n.º 849/90:
Estabelece o prazo de 120 dias para a actualização do registo de todos os estabelecimentos industriais instalados nos anos de 1987, 1988 e 1989.

Ministério da Indústria e Energia

Decreto-Lei n.º 284/90:
Estabelece o regulamento do concurso para adjudicação da construção e concessão da exploração do terminal de gás natural liquefeito (GNL) e do gasoduto de gás natural (GN).

Decreto-Lei n.º 285/90:
Aprova as bases da concessão de exploração do terminal de gás natural liquefeito (GNL) e do gasoduto de gás natural (GN).

Ministério da Educação

Portaria n.º 850/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Lisboa, através da sua Escola Superior de Educação, a ministrar o curso de formação complementar a que se refere o n.º 16.º da Portaria n.º 352/86, de 8 de Julho, na variante de Português e Francês, aprova o respectivo plano de estudos e fixa as vagas para o ano lectivo de 1990-1991.

Portaria n.º 851/90:
Aprova o modelo de carta de curso do grau de bacharel do Instituto Politécnico de Faro.

Portaria n.º 852/90:
Aprova a nova estrutura curricular do curso de licenciatura em Biologia Marinha e Pescas da Universidade do Algarve. Altera a Portaria n.º 505/87, de 23 de Junho.

Portaria n.º 853/90:
Autoriza a Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões — UAL a ministrar o curso de Relações Internacionais.

N.º 198
Dia 28 de Agosto

SUPLEMENTO

Ministérios das Finanças e da Educação

Portaria n.º 760-A/90:
Cria novos estabelecimentos de ensino não superior e reestrutura alguns dos já existentes.

Portaria n.º 760-B/90:
Cria os quadros privativos do pessoal docente dos ensinos preparatório e secundário para o ano lectivo de 1990-1991.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: Céu geralmente pouco nublado. Vento Leste. Neblina matinal.

Regiões do Centro e Sul: Céu pouco nublado apresentando períodos de muito nublado durante a tarde nas regiões do interior, onde há possibilidade de trovoadas. Vento geralmente fraco. Neblina matinal.

Mar encrespado a de pequerna vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado apresentando períodos de muito nublado durante a tarde nas regiões do interior Centro e Sul, onde há possibilidade de trovoadas. Vento geralmente fraco. Neblina matinal.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado por nuvens altas na região do Sul. Vento em geral fraco. Neblina e nevoeiros pela madrugada e manhã e, em especial, no litoral Oeste.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento de Nordeste fraco a moderado. Aguaceiros pouco frequentes.

Mar encrespado a de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

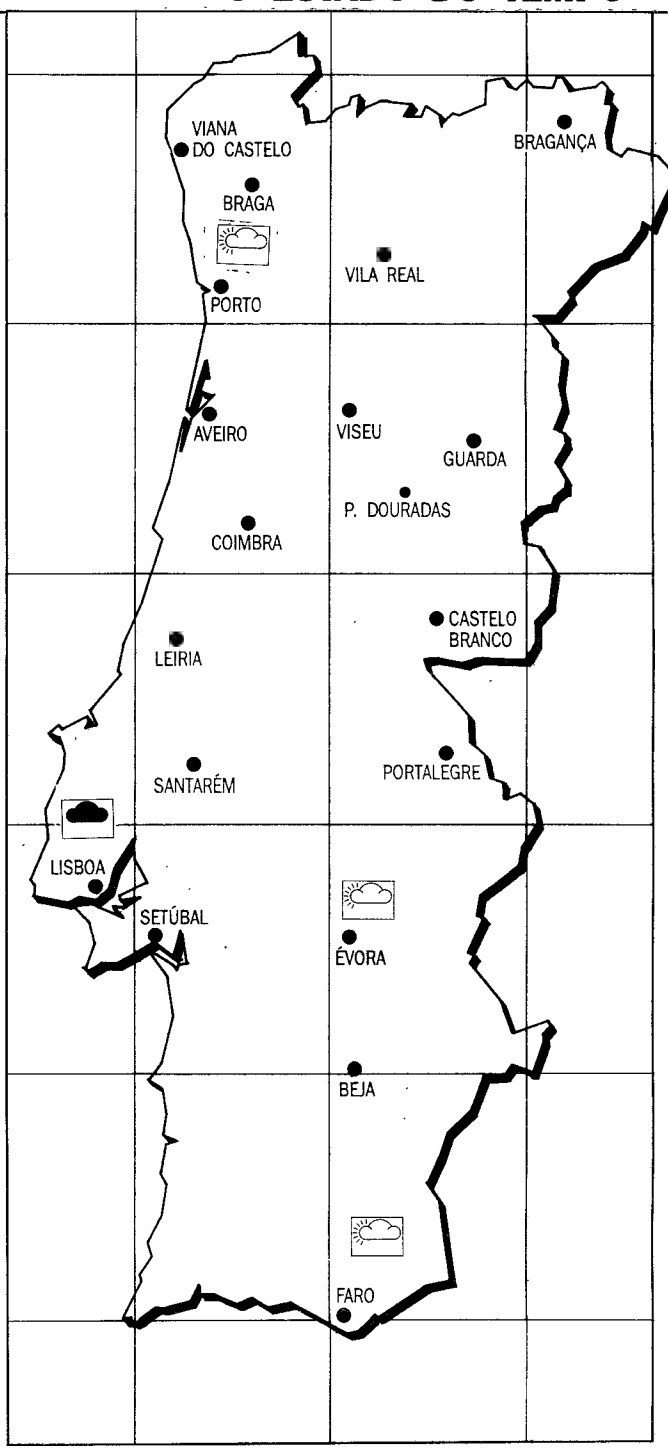
Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros pouco frequentes.

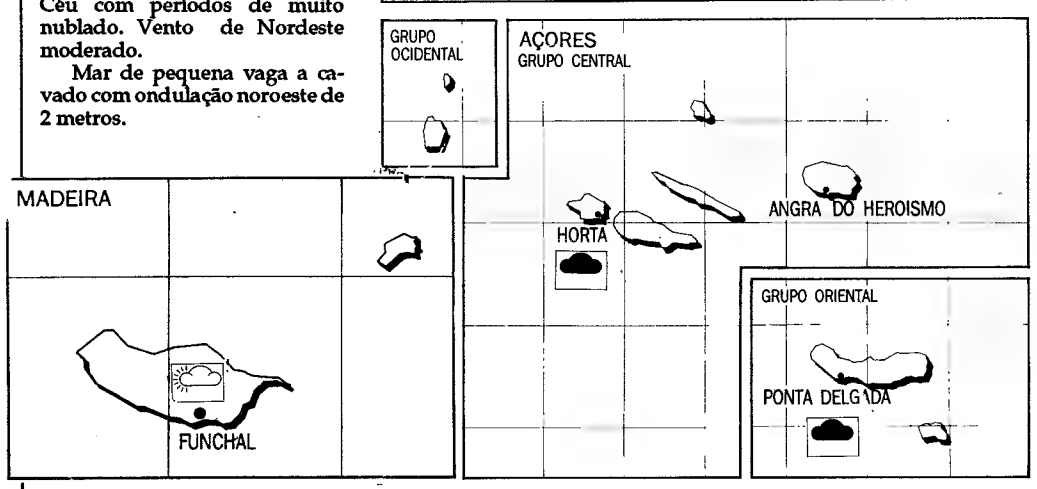
AÇORES

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento de Leste em geral fraco.

Grupos Central e Oriental: Céu com períodos de muito nublado. Vento de Nordeste moderado.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros.





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.23	3,6m	09.01	0,7m
15.39	3,9m	21.28	0,6m

Amanhã

04.00	3,7m	09.35	0,6m
16.16	3,9m	21,58	0,6m

PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	14	14	M. nub.
V. Castelo	18	19	P. nub.
Vila Real	18	18	Limpo
Porto	19	21	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	19	21	P. nub.
C. Carvoeiro	18	18	Limpo
C. Branco	18	19	P. nub.
Portalegre	20	20	P. nub.
Lisboa	19	19	P. nub.
Évora	18	18	P. nub.
Beja	16	16	Neblina
Sines	-	-	-
Faro	17	17	Limpo
Sagres	17	17	P. nub.
P. Delgada	18	18	Aguaceiros
Horta	18	18	P. nub.
Funchal	20	20	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 29; Porto, 28; Faro, 26; P. Delgada, 24; Funchal, 25.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	13	15	Limpo
Londres	8	12	Chuva
Paris	10	11	M. nub.
Bruxelas	6	6	P. nub.
Amesterdão	8	10	Aguaceiros
Genebra	13	14	M. nub.
Roma	18	18	Neblina
Oslo	7	7	P. nub.
Copenhaga	10	11	M. nub.
Estocolmo	6	10	M. nub.
Berlim	10	10	Chuva
Viena	10	13	Chuva
Varsóvia	3	6	M. nub.
Atenas	17	21	Limpo
Moscovo	6	8	Aguaceiros

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	9	21	Nublado
Caracas	19	27	Nublado
Hong Kong	27	30	Limpo
Joanesburgo	13	28	Limpo
Los Angeles	17	28	Nublado
Montreal	4	14	-
Nova Deli	25	33	Nublado
Nova Iorque	14	21	Limpo
Rio de Janeiro	13	25	Limpo
São Francisco	13	25	Limpo
São Paulo	-	-	-
Tóquio	21	26	Nublado

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

À Av. Estados Unidos N.º 9: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 887721; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; **Estefânia:** Mundial, Largo D. Estefânia, 10, Tel. 545578; **João XXI:** Onilda, Av. João XXI, 13-A, Tel. 886848; **Lumiar - Quinta do Lambert:** Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; **Martim Moniz:** Ferrão, Rua da Mouraria, 12-16, Tel. 860464; **Mercado do Chile:** Alcalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Olivais Norte:** Central Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Tel. 315539; **Palhavã:** Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 7260934; **Parque Eduardo VII:** Gomes, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A, Tel. 682333; **Rato - Marquês Pombal:** Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28-30, Tel. 520536; **Santo Amaro:** Correia Azevedo, Rua Luís Camões, 42-B, Tel. 3638625; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Nabais Vicente, Rua A, Lote 19-A, Loja E (Urb. Codivel), Tel. 9816803; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4, Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Ajuda: Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170, Tel. 3637318; **Alvalade:** Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C, Tel. 897958; **Avenidas Novas:** Valle, Av. Visconde Valmor, 60-B, Tel. 773043; **Benfica - Igreja:** Marques, Estrada de Benfica, 648, Tel. 700096; **Camões:** Andrade, Rua do Alecrim, 125-127, Tel. 322328; **Campo Santana:** Peninsular, Campo Mártires da Pátria, 117-118, Tel. 527308; **Campolide:** Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, Tel. 680627; **Lapa:** Rodrigues & Aires, Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; **Penha de França:** Central da Penha, Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 8149245; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Vale Formoso - Poço Bispo:** Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B, Tel. 8595180; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Caxias:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A, Tel. 2432839. Permanente; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Permanente; Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Até às 22 h; **Queluz:** Azeredo, Av. Quinta Mirante, Lote 47-I, Tel. 4350879. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bomb. Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.º Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2400020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Moderna, R. D. Henriqueta G. Araújo, 12, Tel. 2073443. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — A MOSCA

ENQUANTO PROSSEGUEM OS COMBATES EM AMÃ

Nasser propõe um plano de paz

BONECAS ESPANHOLAS RETIDAS NA FRONTEIRA

NIARCHOS NÃO SERÁ JULGADO

HUSSEIN NOVO NERO

REVISÃO DO SISTEMA DE ESCOLHA DOS PAPAS

Marcelle Caetano em Compostela para o doutoramento «honoris causa»

Nasser propõe um plano de paz

O jornal «Al-Ahram» publica hoje o conteúdo da mensagem dirigida pelos presidentes Nasser, Kadhafi e Nimeiri ao rei Hussein e ao dirigente palestiniano Yasser Arafat, por intermédio do general Mohamed Sadek, na sua qualidade de chefe de Estado-Maior das Forças Armadas egípcias - anuncia a agência de informações do Médio Oriente. A mensagem tem por objectivo um plano de paz que termine com os combates em Amã.

Niarchos não será julgado

Uma comissão judicial composta por três juízes decidiu hoje, em Atenas, não processar o armador e milionário grego Stavroas Niarchos sob a acusação de ter causado ferimentos mortais a sua mulher Eugénia.

A revisão do sistema de escolha dos Papas

O Congresso de Teologia organizado em Bruxelas pela revista «Concilium», que milita a favor de uma actualização acelerada da Igreja, terminou ontem com a votação das «orientações» que os congressistas apresentaram à meditação da Igreja.

EFEMÉRIDES

1499

• Vasco da Gama entra solenemente em Lisboa, onde é recebido pela corte, no regresso da sua viagem à Índia.

1865

• É inaugurado o Palácio de Cristal, no Porto.

1952

• Morre a actriz Maria Matos.

1970

• É fundado o Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (MRPP).

1985

• O procurador-geral argentino pede ao tribunal penas de prisão perpétua contra cinco antigos militares, incluindo dois ex-presidentes, pelo seu papel na chamada «guerra suja».

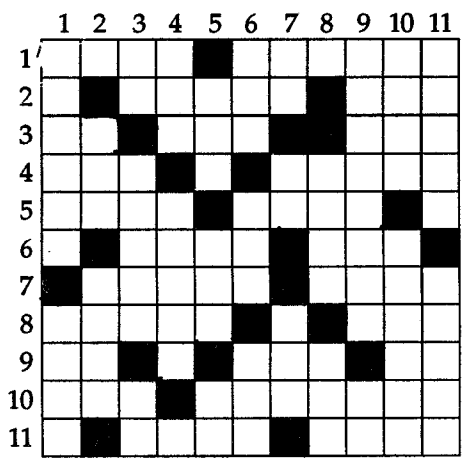
1986

• O adido militar da embaixada francesa em Beirute, coronel Goutiere, é assassinado a tiro defronte da sua representação diplomática na capital libanesa.

1988

• Os militares birmaneses tomam o poder no país através de um golpe de Estado.

PALAVRAS CRUZADAS



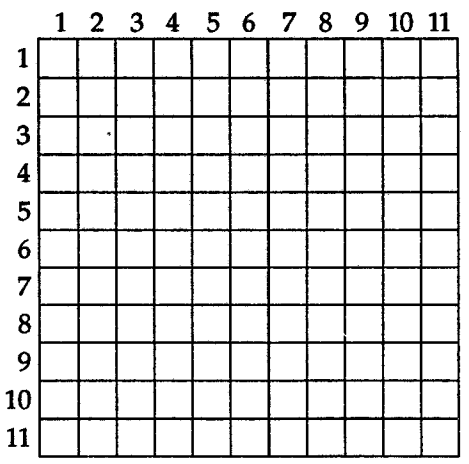
PROBLEMA N.º 18 005

HORIZONTAIS:

1 - Limite. Mulheres sujas.
2 - Baús. Base aérea portuguesa.
3 - Níquel (s.q.). Rio da Suíça. Rio da Europa central que atravessa a Áustria e desagua no Dravo.
4 - Rio da Rússia. Cobrir.
5 - Membros de aves. Remuneração.
6 - Taramela. Arara.
7 - Azedos. Caruma.
8 - Pronome relativo (pl.). Freguesia do concelho de Penafiel.
9 - Nome antigo da nota musical dó. Catedrais. Zomba.
10 - Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Libertar.
11 - Rogou. Lodo.

VERTICAIS:

1 - Governar. Procura.
2 - Uma das Cíclades. Composição dramática.
3 - Basta! Fronteira. Em o.
4 - Lavra. Sensata.
5 - Cabelos brancos. Vês. Compaixão.
6 - Igual. Utensílios domésticos. Pronome possessivo.
7 - Ósmio (s.q.). Basta! Catedrais.
8 - Nome de letra (pl.). Chiste.
9 - Confrontar. Basta!
10 - Trata por tu. Poisam no mar (os aviões).
11 - Rio de França. Agarrara.



PROBLEMA N.º 16 815

HORIZONTAIS:

1 - Freguesia do concelho de Guimarães.
2 - Nome de mulher. Mulheres do filho em relação aos pais.
3 - Gargalhada. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
4 - Ordinários. Tombas.
5 - Freira.
6 - Primeiro dos dois nomes do romancista francês autor de Bel-Ami. Ligara.
7 - Frutos secos. Senhor.
8 - Miriare. Bruxularia.
9 - Tálio (s.q.). Assaltado.
10 - Vale espanhol nos Pirenéus. Reze.
11 - O mesmo que uma (ant. e pop.). Romper.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho de Sintra. Aoro (s.q.).
2 - Despacha. Negra.
3 - Cidade da Birmânia. Nota musical.
4 - Antes de Cristo. Abreviatura que se usa em música. Em a.
5 - Região ao S. da Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir.
6 - Fazes doação a. Filho de Neleu, rei de Pilo, o mais idoso dos príncipes que assistiram ao cerco de Tróia.
7 - Érbio (s.q.). Níscaro.
8 - Rachar. Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço.
9 - Ruínas. Batráquio.
10 - Senhor em inglês. Ant. Sirtes, golfo do Mediterrâneo na costa de Tripolis.
11 - Deus dos pastores. Serrano.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 004

HORIZONTAIS: 1 - Adora. Masca. 2 - Pecar. Ariel. 3 - Avós. Roga. 4 - Re. Pê. Cu. Op. 5 - Camarão. 6 - Suar. Mo. Ror. 7 - Irás. Ain. 8 - Ar. Aaro. 9 - Mie. Vis. 10 - Orgia. Elar. 11 - Roo. Remas.
VERTICAIS: 1 - Aparas. AMOR. 2 - DEVE. Ui! Iró. 3 - Oco. Carrego. 4 - Raspara. 5 - Ar. Em. Samas. 6 - Am. 7 - Ma. Croa. SER. 8 - Arrua. Ia. Lê. 9 - Sio. Ornavam. 10 - CEGO. Rirá. 11 - Alapar. Os.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 814

HORIZONTAIS: 1 - Manteigas. 2 - Acará. Sul. 3 - Dó. Picado. 3 - Arica. Li. No. 5 - Marchal. 6 - Écano. Arena. 7 - Nó. Amadas. 8 - Ar. Sabe. Asi. 9 - Dá. Rasoeira. 10 - Palmares. As. 11 - Rói. Mas. SS.
VERTICAIS: 1 - Madalena. Pr. 2 - Açor. Cordão. 3 - Na. Imã. Ali. 4 - Tricanas. 5 - Ea. Aromaram. 6 - Abará. 7 - Guilhadeses. 8 - Ciara. Os. 9 - SS.ª Lesai. 10 - Udo. Sr.ªs 11 - Alongarias.

PROVÉRBIO:
O AMOR DEVE SER CEGO.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
O ANJO DAS SOMBRAS
Filme de William Friedkin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
Filme de John Mctiernan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Vaiman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
ALVOS HUMANOS
Filme de Menahem Golan
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
DUELO IMORTAL
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serlons
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
DOUTORA SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO FEDERICO FELLINI
L'AMORE
Às 18.30
L'AMORE IN CITTA
Às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otar Iosseliani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
O DEDO DA JUSTIÇA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
FÚRIA SILENCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

«Jules e Jim», um filme de François Truffaut

LAS VEGAS 2
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
JACKINFE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
O INVENCÍVEL
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
DESEJOS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
JACKNIFE
M/12 anos - Às 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
ROSALIE VAI ÀS COMPRAS
Filme de Percy Adlon
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
OS RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
JACKNIFE
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
DICK TRACY
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
PESADELO EM HELM STREET IV
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CAFÉ CONCERTO FALTAS TU
R. de S. Tomé, 13 - T. 866471
Às 24.00
APONTAMENTOS DE INSURREIÇÃO E PROTESTO ANTE OS LIBERTÁRIOS DO PRESENTE E DO FUTURO ÁCERCA DAS CAPITULAÇÕES DE 60 SEGUIDO DE AUTOCRÍTICA DA CORPORIDADE METAFÓRICA
Uma criação colectiva do, Ópera Segundo São Mateus. Teatro, Animação e Produções Artísticas CRL.

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
De Fernando Gomes, pela Companhia Persona

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE
R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

TEATRO INFANTIL TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - T. 3639974
Sáb. e Dom. às 16.00
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

MONTE ESTORIL TEC
Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação de Carlos Avilez

PORTO

AUDITÓRIO CARLOS ALBERTO
R. das Oliveiras - T. 2008659
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
COMBATE DE NEGRO E DE CÃES
De Bernard-Marie Kolfès.

COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE
R. Camões, 578 - T. 382131
De 3ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00 e 21.45
PLAY STRINDBERG
Pela Companhia Seiva Trupe

SÁ DA BANDEIRA
R. de Sá da Bandeira, 108 - T. 2003595
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00 e 21.30
O HOMEM DO VESTIDO LILÁS
De Badaró. Encenação de Moirais e Castro
Interpretações de Badaró, Maria Dulce, Linda Silva, João Rodrigo e Carlos Areias.

SETÚBAL

FORUM MUNICIPAL LUISA TODI
Av. Luisa Todi - T. 522127
Às 21.45
OS BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de Teatro «O Bando»

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

15.00: Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** Noite Desportiva. Malines - Competições Europeias; **23.00:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

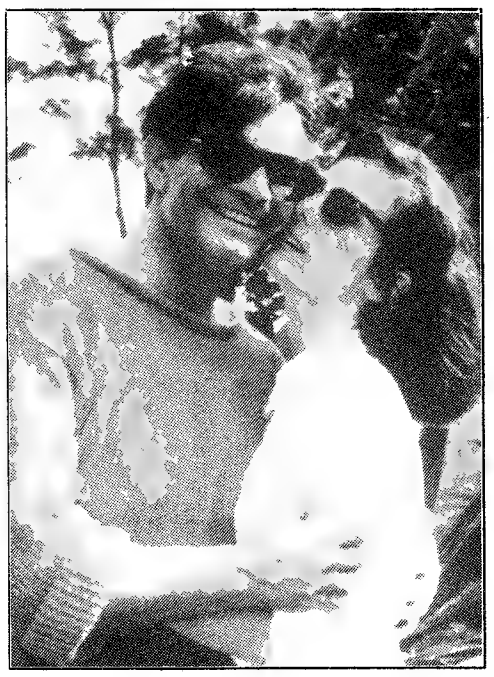
SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.00 - PONTO POR PONTO
16.50 - O MUNDO ANIMAL
Este episódio retrata o progresso dos primeiros hominídeos no seu habitat original na África equatorial.
17.20 - BRINCA BRINCANDO
Com «Os Segredos de Mimix» e «Caderno Diário»
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - BOLETIM AGRÁRIO
18.50 - RODA DA SORTE
(2ª Sessão)
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - RODA DE FOGO
62º Episódio
21.05 - DESENHOS ANIMADOS/ BOA NOITE
21.15 - MODELO E DETECTIVE
1º Episódio
22.10 - PRIMEIRA PÁGINA
23.10 - ALLÔ, ALLÔ
1º Episódio
23.35 - 24 HORAS
00.10 - O TEMPO



No 1º canal às 20.10, mais um episódio da telenovela «Roda de Fogo»

«Ao Sol de Satanás» em Cinemadois, no 2º canal às 21.50

00.15 - REMATE

RTP-2

15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO
1º Episódio
16.25 - OS HENDERSON
3º EPisódio
16.50 - BRINCA BRINCANDO
Com «Paulus o Duende»
17.30 - ETERNO FEMININO
2º Programa
18.35 - A IRMÃ KATE
11º Episódio
19.00 - TI-TI-TI
22º Episódio
19.30 - CIRCO
19.45 - VIA RÁPIDA
19.55 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
20.45 - DICK TRACY
2º Episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
«Ao Sol de Satanás» (Sous le Soleil de Satan): Palma de Ouro no Festival de Cannes em 1987 «Ao Sol de Satanás» é uma realização de Maurice Pialat construída a partir de uma adaptação do romance de Georges Bernanos, autor de obras de cariz espiritual sobre grandes crises de Fé como é o caso de uma outra obra da sua autoria de onde Bresson extraíu o célebre «Diário de Um Páraco de Aldeia». Trata-se de um trabalho de extrema sobriedade onde Pialat foi fiel ao texto de Bernanos apesar de reduzir muito da sua riqueza descritiva e introspectiva a um jogo algo árido, ascético e estático entre personagens que se cruzam e se reconhecem atormentados e torturados por um imponderável «mal de viver» que a todos afecta de forma quase insuportável. Filme polémico e muito discutido «Ao Sol de Satanás» conta com soberbas interpretações de Gérard Depardieu, Sandrine Bonnaire e do próprio Pialat que mais uma vez num filme da sua autoria se junta ao elenco. Duração: 99 minutos

23.40 - UNIVERSIDADE ABERTA

PARABÓLICAS ALBA
• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado
AUDIMAX T. 4106275 Algés

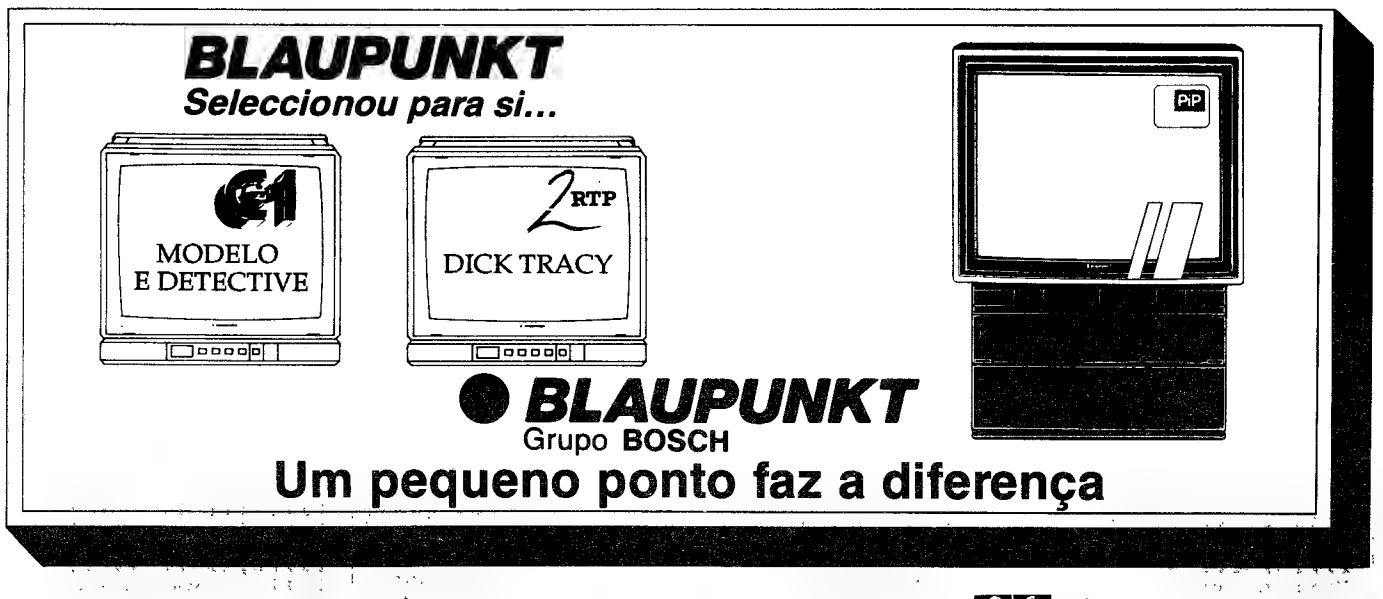
AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.45 - CULINÁRIA
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - O TEMPO
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - SEM LEGANDAS
14.25 - PRIMEIRA MATINEE
«O Testa de Ferro»
16.00 - PONTO POR PONTO
16.50 - O CORPO HUMANO
17.20 - CADERNO DIÁRIO
17.25 - RUA SÉSAMO
17.55 - FUTEBOL
19.45 - A RODA DA SORTE
20.30 - TELEJORNAL
21.00 - BOLSA DIA A DIA
21.05 - O TEMPO
21.15 - RODA DE FOGO
22.05 - DESENHOS ANIMADOS
22.20 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
22.40 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Selvagem e Perigosa»
00.50 - 24 HORAS
01.20 - O TEMPO
00.25 - REMATE

RTP-2

12.02 - OS CENTURIÕES
12.25 - FILHOS E FILHAS
12.50 - LIVROS JOVENS
13.05 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
16.00 - MADEIRA CÁ ENTRE NÓS
16.50 - BRINCA BRINCANDO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
18.55 - TI-TI-TI
19.20 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.25 - TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS
ESTRELA DA AMADORA / NEUCHATEL
23.30 - XINGU



«Um casal de professores precisa de três casas!»

Hermínio Marques, professor, «Público», 18.Setembro.1990

A PERGUNTA DO DIA

Rui Vasco

Maria Helena Serôdio
crítica de teatro

Foi eleita para o Comité Executivo da Associação Internacional de Críticos de Teatro. Que pensa fazer nessa qualidade?

Penso participar o mais activa e empenhadamente que me é possível nas reuniões do comité executivo, tentando descortinar o contributo que a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro pode dar à sua congénere internacional em termos de operacionalidade, dinamização, por exemplo com o mundo da América Latina (que me parece um pouco suspenso nas suas relações com a Associação Internacional) e, talvez mais que tudo, chamar a atenção para a realidade teatral e cultural portuguesa. Este foi já de resto um dos objectivos da promoção do 11º Congresso da AICT, em Lisboa, e podemos ficar um pouco orgulhosos pelo facto de vários escritores, encenadores e actores, além de críticos portugueses, terem tomado parte activa nos trabalhos. De tal modo, que foi voz corrente que este não tinha sido um congresso virado exclusivamente para fora, mas tinha, pelo contrário, conciliado a vertente internacional própria de um convénio desta natureza, com uma efectiva vinculação à realidade cultural portuguesa. Estiveram presentes representantes de 26 países, mas é com satisfação que recordo as intervenções portuguesas como as de: Natália Correia, Luís Francisco Rebelo, Jaime Salazar Sampaio, Carlos Porto, Jorge Listopad, Pedro Barbosa, Eugénia Vasques, Valentim Lemos e Paulo Filipe Monteiro.

Quarta-feira no
Diário de Lisboa
As Relações da Europa com a África
Iraque: berço da civilização
Canal da crítica de Mário Castrim

ENTREVISTA

Um pato que é Drácula, e vice-versa, uma história do mundo desde 45, um telejornal feito por miúdos para miúdos são alguns dos programas da nova grelha do Canal 2 da RTP. Teresa Paixão, chefe do Departamento de Infantis e Juvenis, explicou ao D.L. como vai ser o espaço p'ros putos. E — atenção professores do básico! — também vai aparecer um sapo que ensina música

O 2 também é p'ros putos

D.L. — O Canal 2 da RTP vai passar a ter programação infantil. Porquê só agora?

Teresa Paixão — Não é a primeira vez que há programação infantil no 2. A novidade está na criação de um Departamento de Infantis e Juvenis. Havia, com a Clara Alvarez, programas dedicados principalmente a adolescentes, séries estrangeiras. Como sabe, os dois canais separaram-se, cada um deles tem agora a sua política e a sua autonomia. O 2 decidiu criar o seu próprio departamento de infantis e juvenis.

D.L. — Dizem-me que tem grandes projectos em curso...

T. P. — Antes de tudo, deixe-me dizer-lhe que não há projectos geniais porque não trabalham lá génios e...

D.L. — Nem maus génios?

T.P. — Maus génios há alguns. Como ia dizendo, não há génios no departamento. Há, sim, alguns riscos que vamos correr.

D.L. — Por exemplo?

T.P. — São riscos de audiência. Que vamos fazer? Vai haver uma história do mundo a partir de 1945 até agora, para contar aos miúdos como é que isto era, o que foi a guerra, a grande evolução subsequente...

D. L. — Feito por vós?

T.P. — Sim, é produção nacional. Cerca de metade dos programas são nacionais. Haverá um noticiário feito por gente muito jovem, por adolescentes alunos liceais. São eles que fazem as peças, que lançam o seu olhar sobre o mundo. O objectivo é mostrar aos miúdos o que realmente se passa no mundo, por que é que o Iraque invadiu o Kuweit, quais as consequências da reunificação da Alemanha, em linguagem simples e com um olhar jovem para jovens. Não queremos impingir-lhes nada; queremos que pensem e transmitam aos outros as suas ideias. Este programa de informação chama-se Lentes de Contacto e vai para o ar em 7 de Outubro. Vai haver um magazine para os mais pequenos chamado Ícaro, sempre com um tema — o recomeço das aulas, as estações do ano, o Natal, o Carnaval... A equipa também é muito nova, desconhecida.

D. L. — Tem muita gente a trabalhar consigo?

T. P. — Tenho muitos colaboradores, não muita gente efectiva. Vamos correr alguns riscos, repito. Por exemplo, com o programa de informação feito por miúdos.

D.L. — E dispõe de meios para esses riscos todos?

T. P. — Não são programas que envolvam muitos meios. Não pensámos em muitos meios. Para quê pensar em vinte câmaras se nós só temos dez? Não vale a pena, não faz sentido.

D.L. — Quer dizer que se adaptam aos meios existentes?

T. P. — Sim, mas há algumas coisas que vamos tentar fazer fora desse raciocínio. No geral, adaptámo-nos aos meios disponíveis. Não são precisos muitos meios, não temos muitos meios. Nunca chegam. Os meus colegas de outros departamentos queixam-se do mesmo. Os meios são escassos em todo o lado, implicam muito dinheiro. Claro que não se podem fazer Rolls Royces pelo preço de Minis; mas, às vezes, com uma ideia simples, com poucos meios, é-se capaz de fazer qualquer coisa. A preocupação do Departamento de Infantis e Juvenis do Canal 2 não é fazer coisas geniais. O que pretendemos é que as pessoas olhem para o produto final e sintam que nos preocupámos com elas, que não procedemos levianamente.

D.L. — Qual é a periodicidade do espaço infantil e juvenil?

T. P. — Todos os dias meia hora, das 17 às 17,30, numa rubrica que se chama Recreio do 2, ao sábado entre as 12 e as 13 e ao domingo entre as 11,30 e as 12,30.

D.L. — Acha um bom horário esse da semana?

T. P. — Provavelmente não é o melhor, é muito cedo, na cidade. No campo, a essa hora os miúdos estão em casa.

D.L. — Quer dizer que o programa não é exclusivamente dirigido aos meninos urbanos...

T. P. — Não é essa a nossa intenção, embora seja difícil pensar em termos de miúdos do campo. Eu nunca vivi no campo. De qualquer modo, o ritmo da televisão é muito mais urbano que rural. O tempo é diferente na cidade e no campo. Bem, os meninos do campo também podem ver o que se passa na cidade. E os desenhos animados têm muito a ver com animais, que os meninos da cidade raramente vêem.

D.L. — Vai haver algum desenho animado especial?

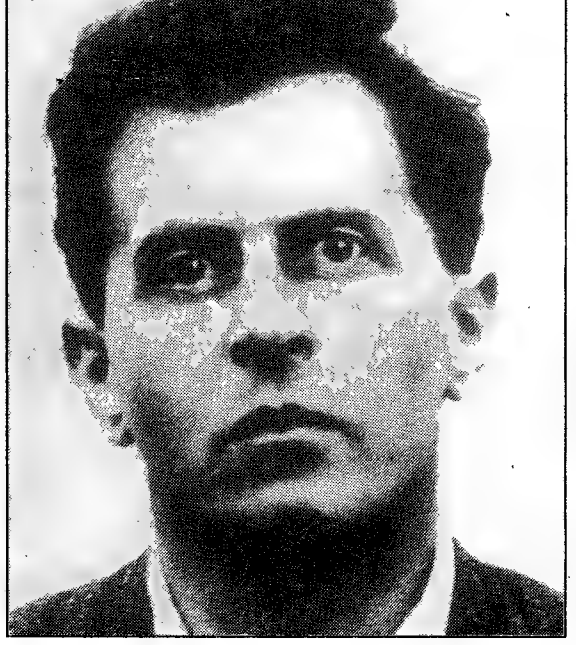
T. P. — Vai e tem imensa graça. Chama-se Patrácula. É um pato que é Drácula e um Drácula que é pato. E, a partir de 17 de Novembro, teremos o Papa-Notas, um sapo que ensina música aos miúdos. Penso que terá muito interesse para os professores do ensino básico que têm que ensinar rudimentos de música. Pode ser que recomendem às crianças o Papa-Notas. Gostava muito de fazer essa ligação com a escola. Vamos tentar divulgá-lo com esse intuito

J.P.O.

Rui Vasco

Teresa Paixão: «Pode ser que recomendem às crianças o Papa-Notas...»

meteorologia



Wittgenstein off

Wittgenstein Encorporated, o recente espectáculo dos Encontros da Acarte, *off off* pelo modo de agir contra a corrente, numa cadeia filosófico-teatral a uma voz e a um corpo, durante três horas, fez reviver esse filósofo, ou melhor, pensador. Wittgenstein, vestígio da velha Áustria imperial, é um homem especial para quem as palavras deviam ser escoradas para que a instituição da vida não se desmoronasse; personagem joyceana, herói dos romances de Musil, para ele o grande tempo está a chegar. (+)

Filósofo, professor universitário, mestre-escola, dandy inglês, patriota austríaco, industrial contra a sua vontade, arquitecto quase, sempre à beira do suicídio, confessou aos seus anfitriões ingleses, antes de morrer: *«Digam-lhes que tive uma vida maravilhosa.»*

Quem são aqueles *«lhes»*? Talvez alguém, talvez também a humanidade inteira. A procura da identidade desses *não nomeados* daria por si uma outra peça de teatro. A frase é grande e queria sê-lo. Wittgenstein insistia sempre na importância da responsabilização pelas palavras, até, profeticamente, à agonia.

Vida *maravilhosa...*

E nós? Não podemos ser felizes ao compreendermos essa grandeza, a grandeza do destino, de todos os destinos? Não poderemos ter pelo menos uns *momentos* também maravilhosos ao *reviver* um ou outro espectáculo, ao entendê-lo, libertando assim a nossa disponibilidade quantas vezes soterrada? Mas do que se não pode falar, é melhor calar... Citação W.

Jorge Listopad

(+) Foi também a Fundação Calouste Gulbenkian que editou o seu Tratado Lógico-Filosófico (Tractatus), em 1987. A discrição que envolveu esta edição, embora uma qualidade louvável neste mundo barulhento, foi, nesta circunstância, demasiada. O público do Acarte talvez gostasse de a folhear.

Mea culpa

Uma partida informática fez-nos ontem incorrer num lapso lamentável: publicámos pela segunda vez uma crónica de Jorge Listopad, «Adeuzinho com Hrabal». Aos leitores e ao nosso colaborador pedimos desculpa.

A.M.A. Auto Monumental de Aveiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

TERÇA-FEIRA, 18 SETEMBRO 1990

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

As poucas realizações são desconhecidas das agências de viagens e de turismo e associações rurais alentejanas consideram que se está perante uma forma de manter terras improdutivas

Turismo cinegético ainda é miragem

O turismo cinegético é uma actividade que, em determinados países, constitui uma fonte de receita apreciável. Espanha, para não irmos mais longe, que o diga. Em Portugal é algo que, a existir, será no papel, nas intenções expressas por alguns grupos de o desenvolver e pouco mais.

Por enquanto sabe-se que, se por um lado as agências de viagens e turismo pouco (nada) conhecem sobre este mercado, por outro, algumas asssociações ligadas aos trabalhadores rurais, com destaque para as do Alentejo, afirmam que esta é uma das formas assumidas por agrários que, tendo retomado a posse de terras, têm o objectivo de as manter improdutivas.

Pelo que é dado saber, está quase tudo por fazer, desde a reflorestação ao aumento da fauna cinegética, passando pela criação de infra-estruturas apropriadas e divulgação, interna e externa, desta forma de turismo que muitos consideram exclusivista. Mas que pode motivar a entrada de divisas ou uma movimentação de dinheiro a não desprezar.

Páginas centrais

Turismo cinegético virá a ser uma realidade?

Governo facilita a vida à banca nacionalizada

O novo regime de contrapartidas para a instalação de novos bancos ou alargamento da rede de balcões, que obriga à aquisição de crédito malparado, tem três vantagens: permite responder às instantes solicitações para abertura de novos estabelecimentos e balcões, facilita o saneamento financeiro da banca nacionalizada e proporciona um ambiente propício para que esta se adapte mais facilmente à forte concorrência que se adivinha a partir de 1 de Janeiro de 1993. O crédito malparado, travão à consolidação dos bancos nacionalizados, cifrava-se no final de 1989 em 195 milhões de contos.

Pág. 8

Golfo: anti crise em reflexão
Pág. 3

Economia brasileira vive mau momento
Pág. 6

Os países pobres analisam ajuda das nações ricas
Pág. 7

Discurso terceiro-mundista não chega para japoneses

Uma delegação de empresários e de parlamentares japoneses deslocou-se a Portugal na passada semana. Querem investir no nosso país. Três ministros ofereceram-lhes clima ameno, mão-de-obra barata e simpatia. O Governo português, para atraí-los, entre outras realizações, organizou no Mosteiro dos Jerónimos, através do ICEP, Instituto do Comércio Externo, um seminário sobre economia portuguesa.

Três ministros e um secretário de Estado foram destacados para entusiasmar os japoneses de cuja delegação se destacava o ex-primeiro-ministro Noboru Takeshita, mas ficaram-se por um discurso terceiro-mundista. A desconfiança dos japoneses aumentou quando Hiroshi Nishihara, director do Banco de Tóquio, em Portugal, lhes chamou à atenção para os custos do dinheiro no nosso país e os aconselhou «a pensarem bem antes de investir».

Pág. 3

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Após escândalo da falência das Caixas Económicas de Reagen, parlamentares vêem futuro com olhos negros

Sector bancário americano à beira de nova crise

O sector bancário corre o risco de sucumbir se uma recessão for declarada nos EUA, fragilizado que está pela queda do mercado imobiliário, pelos empréstimos ao Terceiro Mundo e pela aquisição de empresas de alto risco financeiro.

Um dirigente do GAO, General Accounting Office, uma espécie de tribunal de contas americano, foi peremptório há dias quando em Washington, em pleno Congresso disse que as recentes quebras podem esgotar os recursos do FDIC, Fundo Federal dos Seguros de Depósitos, e obrigar os contribuintes a pagar o défice.

Segundo o FDIC, 129 bancos encontram-se em falta de pagamento desde o início do ano e o Fundo deverá assinalar uma perda de dois mil milhões de dólares em 1989, depois de uma perda de 5,1 mil milhões nos dois anos precedentes.

Quinze dos bancos que faliram durante o ano corrente encontram-se no pelotão dos primeiros 200 estabelecimentos bancários americanos.

O GAO estima que outros 20 grandes bancos estão em situação difícil e poderiam requerer uma assistência que vai de 4,4 a 6,6 mil milhões de dólares. No total, 1100 bancos de um conjunto de 13.200 estabelecimentos comerciais encontram-se em situação económica difícil.

«O céu não está em riscos de cair, mas treme», comentou na ocasião o senador democrata do Alabama, Richard Shelby. Os 50 bancos americanos mais importantes detêm 126 mil milhões de dólares de empréstimos de alto risco e de alto rendimento subscritos para a aquisição de empresas, o que representa uma situação complexa e de graves consequências para o ramo bancário.

É neste contexto que a quase totalidade dos parlamentares americanos se mostra inquieta, após o escândalo das Caixas Económicas, devido aos problemas dos bancos e das cooperativas de poupança.

A queda em cadeia daquelas Caixas verificada durante um excesso de liberalização vivida no tempo de Ronald Reagen custará aos contribuintes americanos, em 1991, cerca de 63 mil milhões de dólares.

O custo total da bancarrota da rede das Caixas Económicas é de 500 a mil milhões de dólares, taxas incluidas, ou seja de cinco a 10 mil dólares por família americana.

«DL»/AFP

Taxa de desemprego diminui para 4,1 por cento, contratos a prazo desaceleram e o sector terciário aumenta o seu peso na população activa

A situação do emprego melhora em Portugal

No primeiro semestre deste ano foram criados 86.500 novos postos de trabalho, situando-se no final de Junho a taxa de desemprego em 4,1 por cento, correspondente a 227.200 pessoas, quando em 1986 era de 433.300.

Segundo números revelados pelo Ministério do Emprego, já em 1989 haviam sido criados 101.500 novos postos de trabalho, menos do que em 87 e 88, anos em que, respectivamente, foram criados 104.500 e 125.800.

Quando comparado o primeiro semestre de 1990 com o período homólogo de 1989, verifica-se que o desemprego baixou 9,8 por cento. Os principais beneficiados foram os escalões até aos 24 anos, com uma redução de 11,4 por cento, dos 25 aos 49 anos, com 9,2 por cento, e de mais de 50 anos, com 4,1 por cento.

O Ministério do Emprego salienta que durante os últimos três anos e meio o número de jovens à procura de primeiro emprego foi reduzido em mais de metade (de 144.600 para 64.900).

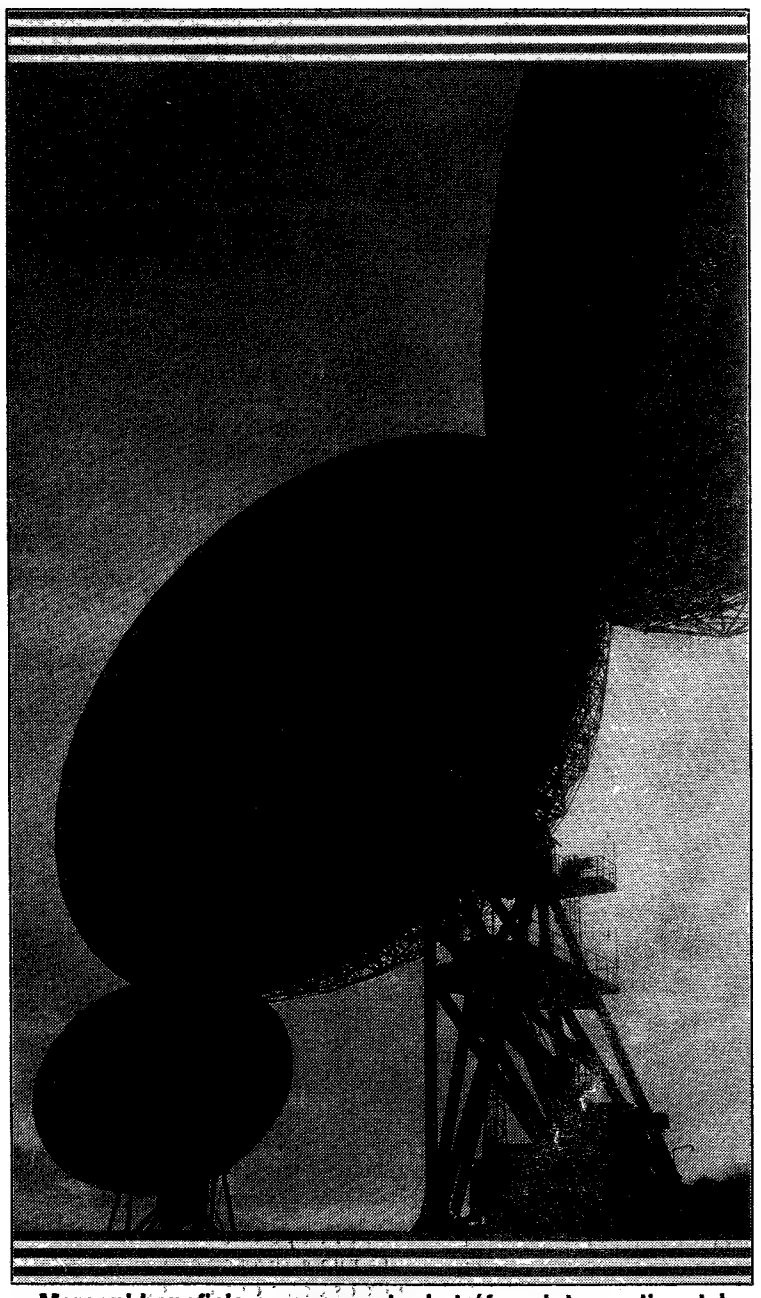
Também a estrutura do emprego teve uma evolução positiva, na medida em que a população activa no sector primário passou de 21,8 por cento no início de 1987 para 17,3 por cento em Junho de 1990. Em contrapartida, o sector terciário representava em Junho cerca de 48 por cento da população empregada, registando-se, relativamente ao quarto trimestre de 89 uma ligeira descida no peso da indústria neste domínio.

Enquanto a agricultura e pescas empregava 877 mil pessoas em 1986 e 780.500 em Junho deste ano e a indústria, respectivamente, um milhão e 408.900 e um milhão e 566.500, o sector de comércio e serviços dava emprego, também respectivamente, a um milhão e 781.700 e dois milhões e 137.800 trabalhadores.

O Ministério do Emprego considera também que se verificou uma inversão da tendência no ritmo da contratação a prazo, a qual, embora continuando a aumentar, tem vindo a diminuir no seu crescimento. Entre 86 e 87 aumentou 14,8 por cento, entre 87 e 88 cerca de 10,5 por cento, entre 88 e 89 apenas 0,6 por cento e entre o fim de 89 e Junho deste ano 2,1 por cento. Em 1986 a percentagem de contratos a prazo no total de trabalhadores por conta de outrém era de 15,6 por cento, em 87 de 16,1 por cento, em 88 de 20 por cento, em 89 de 19,3 por cento e em Junho de 90 de 19,1 por cento.

Telefonemas intercontinentais aumentam de frequência

A Marconi alarga serviço de Phone Card e aumenta resultados líquidos no primeiro semestre do corrente ano



Marconi beneficia com aumento do tráfego intercontinental

A Companhia Portuguesa Rádio Marconi obteve lucros de cerca de 4,3 milhões de contos no primeiro semestre do corrente ano, tendo os resultados líquidos excedido em 827 mil contos, ou seja 23 por cento, em relação ao mesmo período do ano anterior. De referir que se fez sentir um aumento substancial do tráfego telefónico intercontinental.

Os custos correntes, no período em análise, apresentaram um acréscimo de 19,6 por cento relativamente ao primeiro semestre de 1989, o que significa como afirmou à Lusa uma fonte da empresa, «um acréscimo da actividade global da empresa e uma diversificação das suas actividades»

Por sua vez, a soma dos capitais próprios e passivo atingiu cerca de 48,7 milhões de contos contra 43,9 milhões em 1989, enquanto o cash-flow foi de 5,4 milhões de contos.

Um crescimento global de 16 por cento registou-se no tráfego telefónico intercontinental. Foi influenciado pelo aumento do tráfego de saída com mais de 19,5 por cento e do tráfego de trânsito com mais de 32 por cento.

No caso do serviço de telex, a tendência foi de decréscimo, tendo registado uma redução de 4,2 por cento no tráfego intercontinental. A causa disto, segundo a fonte da Lusa, «é a susbstituição deste serviço por outro mais vantajoso para o utilizador».

O serviço telefónico Marconi Phone Card foi alargado no seguimento da política de inovação comercial daquela empresa, dando facilidades aos utentes dos15 países que possuem o serviço, podendo ser utilizado em chamadas de trânsito desde que sejam feitas na rede «Portugal directo».

A Marconi desenvolve, entretanto, estudos referentes a serviços móveis via satélite, serviços móveis celulares, bem como uma rede de difusão de TV. Por outro lado, em colaboração com a Secretaria de Estado das Pescas, aquela empresa lançou recentemente uma campanha de divulgação do serviço móvel marítimo, VHF, junto da comunidade pesqueira, tendo sido aberta ao público uma loja de telecomunicações em Ponta Delgada.

Registe-se que no primeiro semestre deste ano, a Rádio Marconi movimentou acções no valor de cerca de 8,9 milhões de contos, representativos de 5,8 por cento do sector accionista das bolsas portuguesas, registando mais de 73 por cento de aumento em relação ao mesmo período de 1989, mantendo a posição de «blue chip» no mercado de capitais.

B R E V E S

Grupo Inapa vende 8,5 milhões

O grupo Inapa facturou 8,5 milhões de contos no primeiro semestre deste ano, mais 15 por cento do que no período homólogo de 89. O resultado líquido, antes dos impostos, atingiu cerca de 3,7 milhões de contos, mais 2,7 milhões do que nos primeiros seis meses de 89. Para este ano, a Inapa prevê um acréscimo de vendas de 35 por cento relativamente ao ano passado.

Recessão do mercado afecta Hoechst

Embora menos afectada do que a concorrência, a Hoechst sentiu no primeiro semestre os efeitos da recessão do mercado dos produtos químicos, tendo tido uma quebra de 2,2 por cento nas vendas no primeiro semestre deste ano, a qual se manifestou essencialmente nos mercados externos, já que na Alemanha beneficiou de um aumento de nove por cento. Também a nível de resultados se fez sentir uma diminuição, na ordem dos 13,7 por cento, tendo-se fixado em 1,82 biliões de marcos.

Campanha de publicidade de 5,2 milhões de contos

Uma «monstruosa» campanha de publicidade, avaliada em cerca de 5,2 milhões de contos, antecede a privatização de 12 empresas regionais de electricidade britânicas, no maior processo de entrega ao sector privado empreendido pelo Governo da srª Thatcher. Os lucros previstos para a operação estimam-se em mais de mil milhões de contos.

Banco Mundial convida União Soviética

A União Soviética foi convidada para participar na sessão anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. Este país não é ainda membro de qualquer das instituições, pelo que que o seu estatuto na reunião será de «convidado especial».

A boa vontade e o entusiasmo de Neto da Silva, ao centro, não chegam para convencer empresários japoneses, num seminário sem debate em que a confusão foi total: japoneses a falar português, portugueses a falar inglês e tradutores aflitos

O clima e mão-de-obra barata não chegam para japoneses

Três ministros e um secretário de Estado vão a seminário do ICEP fazer discurso terceiro-mundista para agradar a empresários nipónicos

Ver 50 empresários japoneses sentados no refeitório dos frades do Mosteiro dos Jerónimos a olhar para um secretário de Estado e para três ministros portugueses que foram ali para dizerem que eles devem investir em Portugal porque «tem um clima óptimo, mão-de-obra barata e muita simpatia pelo Japão», é pouco, parece pedincha, é ridículo e faz pensar em Terceiro Mundo.

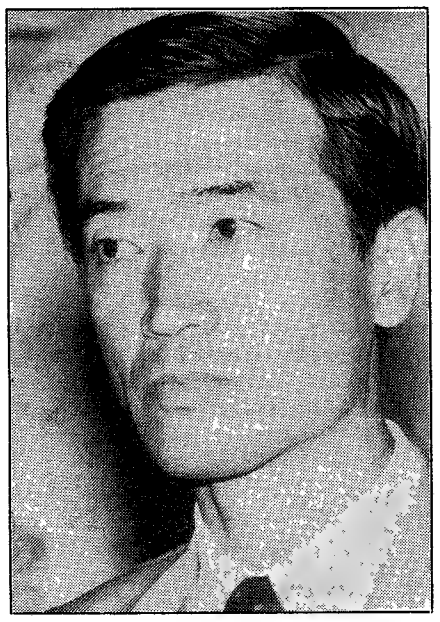
Tratou-se de um seminário do ICEP, Instituto do Comércio Externo de Portugal, efectuado na passada sexta-feira naquele local, com o objectivo de dar um panorama da economia nacional e atrair investidores nipónicos para Portugal.

Foram protagonistas pela parte do governo português: Neto da Silva, secretário de Estado do Turismo, Faria de Oliveira, ministro do Comércio e Turismo, Miguel Beleza, ministro das Finanças e Mira Amaral, ministro da Indústria e Energia.

O contraponto foi feito pelo director do Bank of Tokyo em Portugal, Hiroshi Nishihara, que solenemente avisou os seus conterrâneos: «Pensem bem antes de investir. Mesmo com a mão-de-obra barata, o custo do dinheiro é pesado. Ao elaborarem os vossos projectos é preciso rodearem-se de grandes capitais para não terem de recorrer a empréstimos em escudos».

E continuou: «Para o ano vai haver eleições mas não haverá alterações políticas. Mas atenção, diz-se que a boa adesão de Portugal à CEE depende da Grã-Bretanha. Estejam atentos, embora a minha experiência de três anos constate que houve uma excelente relação de amizade entre os dois povos».

Claro que a bandeira acenada pelos governantes portugueses não foi só o clima e a mão-de-obra barata. Apregoou-se igualmente a honestidade dos portugueses, as raizes culturais e as boas relações de amizade com o Japão, a inflação de 12,7 por cento, as ligações privilegiadas com a Europa, África e Brasil, a taxa de desemprego de 4,8 por cento, a taxa de crescimento da economia superior a 5 por cento e o vasto território europeu de 320 milhões de consumidores.



Hiroshi Nishihara: «Atenção conterrâneos, pensem bem antes de investir em Portugal e não façam empréstimos em escudos»

O entusiasmo de Neto da Silva em dar razões para os japoneses investirem foi tanto que chegou a dizer que Portugal é um país «pequeno mas com 800 quilómetros de verde onde se pode jogar golfe em toda a parte» e o país que registou «o menor número de horas em greves na Europa».

E rematou com uma conhecida blague à americana, a única que aliás fez sorrir os empresários japoneses: «A burocracia existe em Portugal, mas está aqui o meu número de telefone, 01-7933781».

Os ministros Faria de Oliveira e Miguel Beleza pouco adiantaram ao discurso de Neto da Silva, tendo Beleza insistido no «crescimento rápido de Portugal, na liberalização e na orientação das políticas económicas a médio prazo, desenvolvendo as políticas estruturais segundo as regras do mercado».

Mira Amaral foi um pouco mais longe ao fazer um discurso menos vazio, aparentemente mais do agrado dos empresários japoneses, afirmando que «o Japão é um modelo a seguir».

Ao situar a sua intervenção no papel decisivo da comunidade científica e das universidades portuguesas, bem como nos recursos humanos com aptidão para a aprendizagem das tecnologias, na existência de quadros superiores com excelente preparação e na boa relação entre as universidades e a indústria, Mira Amaral terá dado uma imagem mais positiva de um país europeu, competitivo e moderno.

Borges de Castro, vice-presidente executivo da CIP, Confederação da Indústria Portuguesa, presente na mesa, disse, por sua vez, que nenhum projecto pode avançar sem levar em conta a «situação política e económica internacional» e as consequências do agravamento dos preços do petróleo motivadas pela crise do Golfo.

As contradições

Para Borges de Castro, os agentes comerciais «não estão optimistas» e é de prever um «abaixamento na modernização da economia moderada», salientando que o empresário português vive numa contradição permanente entre «a necessidade de desenvolver e modernizar e o confronto com as limitações impostas pelo governo na sua política monetária».

Fernando Ulrich, vice-presidente do conselho de administração do BPI, Banco Português de Investimentos, foi mais optimista, explicando aos japoneses que as empresas estatais estão a ser privatizadas, que se criaram condições para investir em muitas delas e que uma nova mentalidade está mudar com boas perspectivas para o reforço da economia em Portugal.

As palavras finais do ex-primeiro japonês Noboru Takeshita, a encerrar este seminário do ICEP, foram de simpatia para com os portugueses. Mostrou-se pessoalmente interessado e incentivou os empresários do seu país a investir em Portugal, salientando que «foi o primeiro país europeu a divulgar a cultura japonesa».

Terminou dizendo que há semelhanças entre os dois povos: «a honestidade e a hospitalidade».

Rui Ferreira e Sousa

COMENTÁRIO

Golfo: anticrise em reflexão

A ameaça de uma eventual recessão económica já é tema de discussão nos cafés. Fala-se de um novo choque petrolífero conjugado com dependência económica. Austeridade e restrições. Desestabilização das bolsas mundiais.

De facto, esta situação é preocupante, pois se a economia mundial andar mal, a nossa andará pior. Numa economia pequena e aberta, como a portuguesa, não há muitas alternativas para que possa ser feita face a grandes perturbações internacionais.

No entanto, a situação económica ainda continua do lado dos países ricos. O choque verificado nos anos 70 não se irá repetir, nos dias de hoje, tão negativamente nos países desenvolvidos. A lição foi aprendida e, à cautela, foram tomadas medidas contra a excessiva dependência dos países produtores de petróleo.

As economias ocidentais têm hoje reservas de crude, usam menos energia derivada do petróleo - embora haja sérias críticas quanto à falta de verbas para investigação de novas fontes de energia -, o dólar está em queda (a fragilidade que esta moeda demonstra atenuará o impacto da subida do petróleo) e a inflação encontra-se nos seus melhores dias.

O cenário que se prevê não é alarmante: apenas uma ligeira subida da inflação e um pouco menos de crescimento nas economias europeias. Para Portugal vai ser idêntico, embora mais gravoso, devido às nossas conhecidas dificuldades.

Por outro lado, há que ter em conta que esta onda de optimismo perante a nova situação internacional, por parte das principais equipas de analistas do FMI, CEE e OCDE, tem que ter em conta a situação de iminência de uma guerra, numa zona de efervescência onde há largos anos é feito o apelo à chamada «guerra santa» contra o Ocidente. O preço deste ajuste de contas pode ser mais grave do que aquilo que se pensa, dado, nomeadamente, o fanatismo que assola aquelas populações. A factura militar e o apoio financeiro aos países mais prejudicados da zona (Egipto, Jordânia e Turquia) podem vir a ser um verdadeiro quebra-cabeças para as economias dos países envolvidos neste conflito.

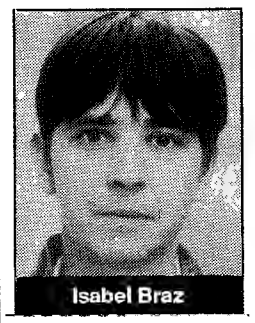
As deslocações de centenas de milhares de refugiados na região do Golfo requerem, por seu lado, um grande esforço de apoio humanitário, por parte dos países desenvolvidos. Não vamos simplificar e obviar esta questão e chamar-lhes «turistas de guerra», como foi possível ouvir na televisão portuguesa em reportagem sobre o assunto.

De facto, ainda não se sabe qual vai ser concretamente o custo adicional desta crise. No entanto, os países industrializados já estão a tomar algumas medidas preventivas para que o impacto não seja tão forte. Quem vai ganhar ou perder com esta situação ainda não se sabe. Para já, os Estados Unidos conseguiram adiar a recessão económica que se adivinhava.

Muitas das empresas norte-americanas passaram a ter oportunidade de obter lucros inesperados com a iniciativa militar. Os ramos de actividade que fornecem as forças armadas virão a ganhar, a curto e a longo prazos, com o conflito no Médio Oriente. As empresas especializadas para alimentar, vestir e equipar os soldados, de forma adequada à vida no deserto, vêem o seu volume de negócios a crescer.

O aumento da produção destas empresas promete adiar reduções drásticas e, eventualmente, encerramentos que estavam a ser previstos. Mais uma vez a mobilização da indústria em tempo de guerra tem sido um estímulo económico para os EUA.

Aguardemos pelos acontecimentos, na certeza, porém, de que a crise do Golfo constitui, para as superpotências, o primeiro teste pós-guerra fria.



Isabel Braz

A caminho das duas centenas de autorizações para instalação de zonas de caça turística, desconhece-se c termos definidos pela lei. Pior ainda, nalguns casos, em vez de promover a fixação de populações, estão i não só não criam postos de trabalho como ainda ocupam terra anteriormente dedicada à

Os projectos já existem. O futuro dirá se irão postos em prática

Turismo cinegét afirma-se como

O turismo cinegético é uma actividade que, em diversos países, constitui apreciável fonte de receitas. Em Portugal tem-se falado muito desse sector mas, no concreto, pouco ou nada existe, salvo no papel. Segundo dados recentes, são 113 as zonas regulamentadas em «Diário da República», mas a funcionar em pleno não deverá haver uma que seja.

As chamadas Zonas de Caça Turística (ZCT) são, por definição, as áreas constituídas com o objectivo de aproveitar os recursos cinegéticos, o que implica que, para além da caça, haja estruturas apropriadas para a prestação dos serviços turísticos adequeados.

Uma ronda pelo país mostra que pouco mais há que intenções, já que a caça, quando é feita em algumas das ZCT, só acontece pontualmente, por promoção directa, sem a exploração intensiva que a actividade deveria ter para ser rentável. O que tem levado alguns sectores a afirmarem que tal situação nada mais é que um artifício para manter improdutivo muito terreno que, de outra forma, poderia ser utilizado na agricultura.

Presentemente, para além das referidas 113 ZCT, há ainda 27 projectos aprovados mas ainda não publicados e mais cerca de três dezenas em apreciação. De acordo com informações dadas pela sub-directora geral do Turismo, Maria José de Vallera, há ainda muito por fazer, a fim de que possa ser dada resposta ao espírito do projecto integrado para o ordenamento da exploração da caça.

Modelo novo

Este projecto tem em vista «o aproveitamento das condições favoráveis que o mercado de caça oferece, quer em Portugal, quer nos restantes países, e procura integrar a exploração cinegética num novo modelo de aproveitamento racional, integrado e sustentado nos e pelos recursos naturais das diversas regiões».

Os dados conhecidos mostram que cerca de metade das ZCT aprovadas encontram-se no Alentejo, ocupando uma área de cerca de 80 mil hectares. Sendo o grande desafio a atracção do caçador estrangeiro, continua por fazer a fixação da fauna apropriada, que ficará então à espera de quem, de arma em riste e porque por cá ainda será mais barato, venha abater umas quantas peças. Mas é a própria sub-directora geral do Turismo a reconhecer que «ainda não há condições para atrair estrangeiros».

Sujeito à legislação constante nos decretos-leis 30/86 e 274-A/88, este sector do turismo deve ter em consideração, conforme afirmado, que, «no âmbito do projecto, se procura sobretudo ordenar e gerir a fauna silvestre e o seu habitat, o que terá reflexos positivos óbvios na fauna não cinegética». Estas englobam espécies endémicas, raras ou ameaçadas, em complemento da actividade venatória.

Se tudo for cumprido, deverão ser desenvolvidas actividades de recreio e turismo de natureza, nomeadamente percursos guiados, caça fotográfica ou pesca desportiva. Isto «como outro meio de animação para cabal ocupação das infra-estruturas turísticas locais». É esse todo que está por fazer, segundo o levantamento possível.

Do projecto à realidade

Numa tentativa de eventualmente diversificar investimentos, têm surgido, a par das reservas de caça, os projectos de ZCT. Do Algarve a

Operadores não ac

Embora afirmando-se preparadas para dar «a mão à palmatória», d futuro em Portugal, país onde, dizem, «não há estruturas adequad

Uma entidade que deveria ter boas informações sobre o turismo cinegético é a APAVT - Associação Portuguesa de Agentes de Viagem e Turismo. O seu secretário-geral, José da Silva, garante que o assunto pouco mais é que utópico. «Tenho 40 anos de actividade e pela minha empresa nunca passou nada relacionado com essa área», afirmou.

Um ronda anteriormente feita por diversas agências mostrou ser essa a situação geral. «Já ouviram falar», sabem de que «há uns senhores que organizam umas caçadas». De concreto, mais nada, embora em todas tenha sido garantido que estão preparadas para, enquanto operadores, responderem à oferta e procura logo que haja mesmo turismo cinegético.

A APAVT garante, por seu lado, que «a caça, em Portugal, não atrai o turista». As causas são diversas mas, na essência, correspondem às questões postas pela própria Direcção-Geral do Turismo. Afirmou José da Silva que «não há estruturas adequadas em Portugal», duvidando mesmo que alguma vez venham a existir.

Por outro lado, Portugal não é visto, pelos estrangeiros, como um país onde a actividade cinegética possa um dia vir a ser grandemente desenvolvida. Espanha é um forte concorrente e a experiência de largos anos, aliada ao dinamismo demonstrado na área turística, são indicadores de que, deste lado da fronteira, pouco poderá ser feito.

Caçadas ao ja

Falta de atractivos

O secretário-geral da APAVT considera, mesmo assim, que remotamente poderá haver um mercado potencial, mas não deixou de questionar quais serão os atractivos nacionais, em comparação com os de outros países. Presentemente, conforme afirmou, «o turismo cinegético depende de tudo», já que nada existe, com especial destaque para a criação de infraestruturas e de uma correcta e apropriada promoção.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

1 ANO — 18 000$00
6 MESES — 9 000$00
3 MESES — 4 500$00
1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00 • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

-se se existe alguma a funcionar nos stão na origem da sua debandada, ada à produção agrária

ético o miragem

uantas a sub- ismo a la não atrair

o con- is 30/ tor do onsid- mado, ojecto, orde- estre e erá re- ios na . Estas ndémi- as, em vidade

nprido, olvidas e tur- neada- uiados, pesca outro a cabal strutu- É esse fazer, amento

ade

evenr inveso, a par os progarve a

Trás-Os-Montes se fala do turismo cinegético. Para quando é que ninguém sabe responder. Como certo é que, se as directrizes forem cumpridas, qualquer projecto de ordenamento e exploração de caça deverá ter em conta a atenuação dos défices cambiais, tentando atrair a entrada de divisas, bem como a aplicação de medidas que permitam o desenvolvimento regional.

Outro ponto definido é que deve ser considerada a melhoria da qualidade de vida da população, em especial com o desenvolvimento do turismo interno e com a criação de mais postos de trabalho. Neste ponto, como se poderá ler noutro artigo sobre o tema, é que há grandes problemas. Se, na forma, o pressuposto está correcto, a sua aplicação parece mostrar que o que se está a passar é precisamente o oposto.

A definição de normas e objectivos é ambiciosa, já que é afirmado, no seu articulado, que deve ser considerada essencial a protecção e a conservação do património natural e histórico-cultural, seja nas propriedades englobadas no projecto, seja na sua periferia e povoados próximos, através da organização e uso dos espaços naturais, da fauna e da flora, bem como a protecção da arquitetura local e monumentos existentes e ainda o desenvolvimento do artesanato e apoio ao folclore.

A ser levado à prática, tudo isto seria positivo. Mas, como disse o responsável de uma agência de turismo, «nada aponta para que venha a ser uma realidade, já não a curto prazo, mas sim a médio prazo», uma vez que são conhecidas as experiências noutras áreas turísticas onde, «salvo honrosas excepções, o que os empreendedores querem é ganhar o máximo sem qualquer preocupação com o ambiente em que estão inseridos».

Como complemento, referência à afirmação de Maria José de Vallera, segundo a qual «uma coisa é a regulamentação estar publicada em Diário da República, outra é estar tudo pronto para começar a operar». O que não acontece, já que a sub directora geral do Turismo garante que o essencial não existe. «Falta a criação de infra-estruturas, falta a florestação, o repovoamento da fauna e a divulgação».

Almeida Henriques

acreditam

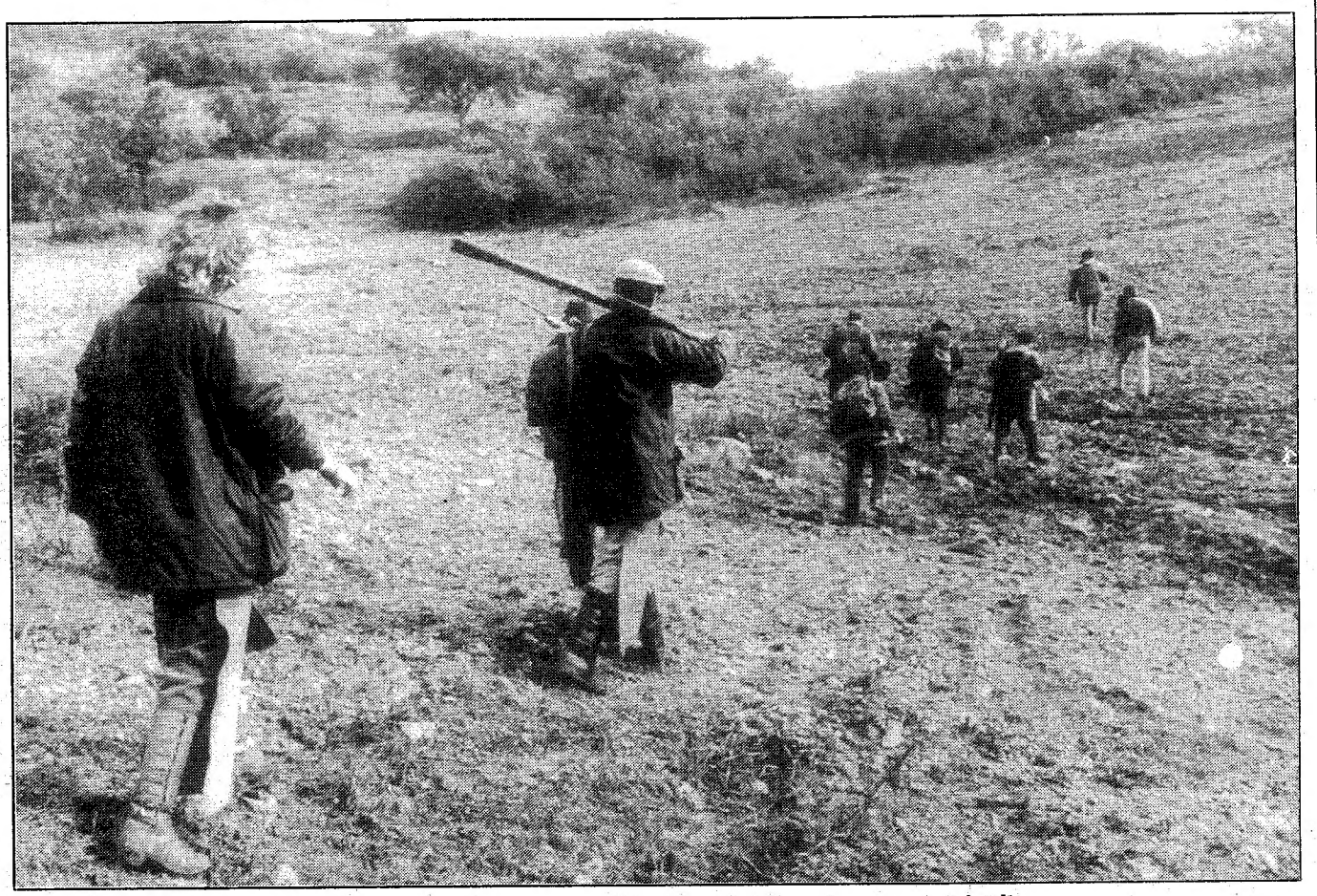
ória», duvidam que o turismo cinegético tenha dequadas»

das ao javali existem, mas à margem dos operadores

te, con- turismo de de existe, e para a uturas e apropri-

Aqui foi posta mais uma dúvida. Como afirmou José da Silva, «em termos globais, a promoção do turismo português é uma desgraça». A APAVT tem sérias dúvidas de que seja possível avançar no sector cinegético, já que, conforme disse o seu secretário-geral, «se nem para o turismo normal há capacidade de promoção, como é que iria haver para este tão específico?».

A. H.



No Alentejo as coutadas são vistas como ofensiva contra a agricultura

Federação Nacional de Cooperativas denuncia anomalias relacionadas com turismo cinegético e com coutadas. «Não acreditamos que no Alentejo esse tipo de actividade traga qualquer tipo de desenvolvimento», afirma

Ofensiva contra sector agrícola?

Uma entidade que se tem pronunciado frequentemente contra a atribuição de autorização para áreas de turismo cinegético tem sido a Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Produção (FENCA). Segundo os seus dirigentes, «de há muito que assistimos a uma ofensiva contra o sector agrícola, não só com esta actividade, mas com o estabelecimento de coutadas».

Em afirmação feita ao «DL», Jerónimo Mendes, da FENCA, disse também que este é um pormenor de uma situação mais grave, já que se assiste, no Alentejo, à emigração em massa, por falta de trabalho.

A acusação foi reiterada. Segundo a Federação, «o objectivo do Governo foi concretizado», já que praticamente está feita «a completa privatização de toda a terra expropriada e nacionalizada, tendo sido reconstituídos os latifúndios».

Questão tanto política como económica, no que há de interligação entre a caça e a privatização da terra, a FENCA considera que «nada do que se passa é de admirar». Os cerca de 80 mil hectares para onde há projectos de turismo cinegético são, em certa medida, minimizados, já que, conforme afirmado pela Federação, a área ocupada com coutadas privadas é muito superior. «E ali assiste-se a raras caçadas, promovidas pelos agrários que convidam os amigos para uns tiros, mantendo a terra abandonada durante todo o ano», acrescenta.

Dados estatísticos

A FENCA, que só pode falar pela zona em que está inserida, afirma que a questão do turismo cinegético e das coutadas é uma parte de um todo mais vasto. Segundo um dos seus porta-vozes, «não acreditamos que alguma vez haja, no Alentejo, qualquer tipo de desenvolvimento trazido por essa actividade».

A posição da Federação é a de que o Governo conseguiu levar avante a destruição das cooperativas, acrescentando que «não foi apresentada qualquer política alternativa que aproveitasse a terra e criasse emprego».

A organização adianta números, afirmando que «hoje o Alentejo tem a taxa de desemprego mais elevado do País, com 13,8 por cento, para além da maior taxa de envelhecimento», estando a perder a população ao ritmo de cerca de dois por cento ao ano, «sendo nulo o incremento de valor acrescentado criado na região».

A falta de credulidade, quanto ao turismo cinegético, é reforçada com a informação de que «62 por cento da área das grandes explorações está submetida ao absentismo», enquanto que «em 71 por cento das explorações verifica-se que a terra destinada à cultura arvense de sequeiro está abandonada». «Face a isto, como podemos acreditar que alguém vá investir no turismo cinegético, que obriga a grandes aplicações de capital e criação de postos de trabalho?», perguntam.

Mesmo os possíveis postos de trabalho não convencem a FENCA, que diz que o seu número nunca se poderia comparar com os que existiriam se não houvesse absentismo, se a terra fosse trabalhada. «Há que ter presente que em 58 por cento das explorações existentes se verifica o recurso ao trabalho temporário», adianta.

Caça como complemento

Os sectores ligados à agricultura cooperativa afirmam que a existência do turismo cinegético não seria preocupante. «Seria mesmo um complemento do muito que o Alentejo tem para a contribuição para a economia nacional». Mas essa actividade só é vista como complemento de uma outra mais ampla: o aproveitamento da terra para a produção.

A agricultura do Alentejo atravessa «uma fase negra», nas palavras de elementos ligados ao cooperativismo. O falar-se de turismo cinegético, mesmo o facto de este estar regulamentado de forma aprofundada, poderá ser uma forma de «deitar poeira para os olhos e levar-nos a acreditar que daí virão grandes benefícios», segundo foi afirmado.

A Federação acrescenta que, apesar da política seguida nos últimos anos, «as 138 cooperativas existentes, com 137 mil hectares, dos quais cerca de 60 mil comprados ou arrendados, mostraram ser um projecto viável e necessário ao desenvolvimento da agricultura, ao desenvolvimento regional, a uma melhor justiça social».

E no resto do país?

Também o Ribatejo, Beira Baixa e Trás-Os-Montes são zonas onde se concentram as atenções para o turismo cinegético. Se na primeira região poderá haver uma situação que, embora de forma reduzida, se assemelha à do Alentejo, nas outras duas, dadas as características de propriedade rural e de exploração agrícola, a situação é diferente.

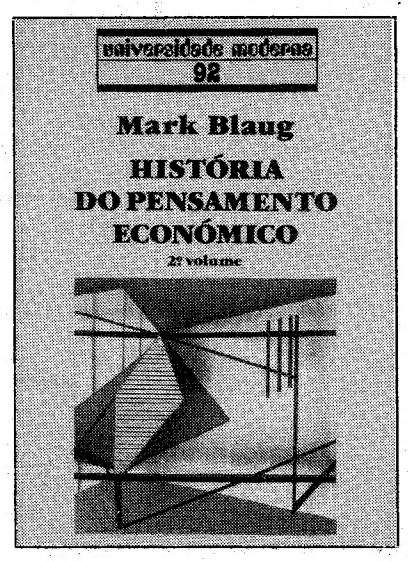
Aqui impera o abandono das terras, a dificuldade de mão-de-obra, a falta de apoios, de incentivos ou de conhecimentos para desenvolver outras actividades. O turismo cinegético poderá ser uma alternativa. Mas, conforme afirmou um técnico ligado ao Ministério da Agricultura, «poderá ser que muitos dos projectos apresentados o tenham sido feitos na mira de hipotéticos apoios oficiais ou comunitários».

Enquanto o turismo em espaço rural tem avançado, embora lentamente, o cinegético parece estar à espera de vez, já que as concessões dadas não chegam. Cálculos feitos por elementos ligados ao turismo apontam para a necessidade de envolvimento de muitos milhares de contos, na infraestruturação e criação de demais requisitos, que por certo a grande maioria dos requerentes não tem.

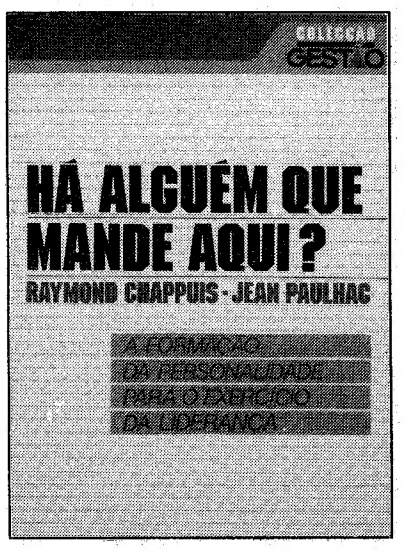
A. H.

L I V R O S

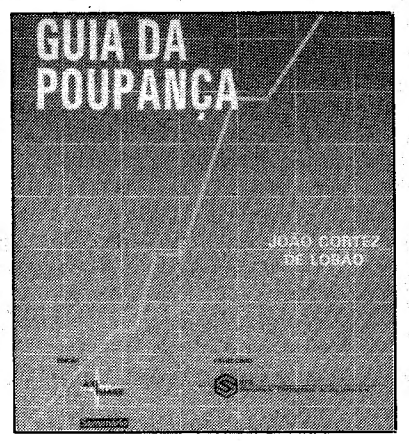
Quer que a sua empresa tenha êxito? Ponha em prática uma estratégia que em tudo será semelhante à aplicada na querra. Quem o afirma é John Grieve Smith, investigador no Robinson College de Cambridge. Conhecida de há muito, a estretégia empresarial é determinante para o êxito desejado. Mas não são muitos os que têm conhecimentos sólidos na matéria. Razão deste livro. **Estratégia Empresarial** - John Grieve Smith - Publicações Europa-América (Economia & Gestão)



Reeditada, revista e aumentada, esta obra, dividida em dois volumes na sua versão portuguesa, mantem-se perfeitamente actual, 28 anos depois de ter sido publicada pela primeira vez, agora à luz dos mais recentes desenvolvimentos da ciência económica e do conhecimento da sua história. Mais que uma investigação histórica, é o ensino da teoria económica contemporânea, partindo de temas específicos. **História do Pensamento Económico** - Mark Blaug - Dom Quixote (Universidade Moderna)



A coleção Gestão, das Edições Cetop, tem publicada uma série de livros dirigidos a diversos níveis de quadros empresariais. Formas aplicadas aos diversos cenários possíveis, no dia-a-dia ou em situações específicas. Nesse âmbito estão inseridos os últimos livros: **A Gestão de Uma Equipa**, de Jean e Renée Simonet, **Há Alguém que Mande Aqui?**, de Raymond Chappuis e Jean Paullhac, **Como Escrever Cartas Eficazes**, de Gastón Torriente e Eduardo Zayas-Bazán e **O Stress do Executivo**, de Louis C. Feuer



Economista e colaborador de diversos jornais, principalmente nas áreas de Bolsa e de Mercados de Capitais, o autor apresenta agora um livro onde pretende ensinar o leitor a poupar. Fazendo o percurso da poupança e investimento até às noções básicas, passando pelos diversos tipos de instrumentos financeiros, esta obra é de fácil compreensão para quem se iniciou numa área de que muitos falam, mas poucos conhecem a fundo. **Guia da Poupança** - João Cortez de Lobão - Ed. Aximage - Semanário

ECONOMIA

Economia brasileira vive "Setembro negro"

«Com ou sem crise do golfo, dominaremos a inflação», garante Zélia Cardoso. «Ai, ai, ai», diz o brasileiro

O Brasil está a viver a pior recessão de toda a sua história, assegura o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Esta instituição, que tem a cargo a função de medir o custo de vida no país, constatou que nos três primeiros meses do Governo de Collor de Melo (Abril, Maio e Junho) o produto interno bruto (PIB) baixou mais de seis por cento em relação ao trimestre anterior e 8,8 por cento em relação ao mesmo período ano passado.

Estes índices são os mais baixos verificados pela economia moderna brasileira. São inferiores, inclusive, aos do período de 1981 a 1983, quando o Brasil mergulhou no que se suspeitava ser a sua mais grave recessão.

A recessão já era um facto aguardado pelo actual governo, que está a utilizar este recurso para conter a inflação, cujas taxas, no início deste ano, rondaram o valor dos 80 por cento por mês. O porta-voz da Presidência da República afirmou que a recessão já era esperada, mas não com os níveis atingidos.

O inesperado da situação levou Collor de Mello a reunir-se com os seus principais assessores económicos no passado fim-de-semana, com o objectivo de abrandar a recessão, de forma a evitar apenas os excessos de consumo e os aumentos exagerados dos preços.

Segundo os dados apurados pelo IGBE, sabe-se que a indústria, no período analisado, teve uma quebra de produção de 12,22 por cento e o comércio apresentou uma quebra de 9,5 por cento em relação ao mesmo trimestre de 1989.

O IBGE constatou ainda uma tendência de acomodação nos índices de produção e consumo. Por outras palavras, nos meses de Abril, Maio e Junho atingiu-se o que os técnicos chamam "fundo do poço", ou seja, daqui para a frente as perspectivas são as de os indicadores serem menos drásticos.

As preocupações de Collor de Mello e de Zélia Cardoso de Mello, ministra da Economia, não são as mesmas dos indicadores apurados pelo IBGE. Temem, com efeito, que os conflitos no Médio Oriente e o consequente aumento dos preços do petróleo provoquem «muitos estragos» na economia.

Por «muitos estragos» os responsáveis brasileiros entendem o agravamento dos índices de recessão, o que os leva a interrogar-se sobre a capacidade de resistência da economia a mais um período de recessão profunda.

Situação incontrolável

O medo dos líderes brasileiros de que o seu país volte a viver com a hiperinflação é, de resto, suportado pelos seus quadros e técnicos.

O chefe do Departamento de Abastecimento e Preços do Ministério da Economia, Edgar Ferreira, aponta os reajustes súbitos dos preços internacionais do petróleo, a rebeldia dos monopólios e a provável queda da produção agrícola como os «grandes vilões» na luta contra a inflação.

Esta opinião conta com a concordância de Zélia Cardoso que, contudo, faz questão de garantir que «o Governo não abrirá mão, de forma alguma, do seu firme propósito de derrotar a inflação, com crise ou Médio Oriente ou sem ela».

Collor de Mello e Zélia Cardoso enfrentam problemas inesperados

Para especialistas em políticas de combate à inflação, como Maria da Conceição Tavares, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, «o que a ministra quer dizer é que o país terá de se preparar para uma recessão profunda».

Os cálculos iniciais do governo são os de que o Brasil deverá desembolsar mais três mil milhões de dólares por ano, com o preço do barril de petróleo situado entre os 25 e os 30 dólares. Só que os efeitos multiplicadores disso na economia serão «pavorosos», como lembra a professora Conceição Tavares.

A razão de tal pavor deve-se a que mais de 70 por cento dos transportes de carga do país fazem-se através de rodovias ou de ferrovias dotadas de locomotivas a *diesel*. Esta realidade conduz a que qualquer mudança no preço do petróleo tenha reflexos directos nos custos de quase todos os produtos comercializados no país.

Isto leva Edgar Pereira a considerar que «vai ser muito duro conter os preços com os derivados do petróleo a aumentar desesperadamente».

Setembro negro

Mas não é só a cotação internacional do petróleo que está a dificultar a recuperação da economia brasileira. O governo de Collor de Mello ainda não conseguiu vencer os especuladores que actuam através dos grandes monopólios ou dos oligopólios.

Com um certo espanto, Zélia Cardoso tem observado que muitos empresários brasileiros preferem reduzir a produção, despedir empregados e até mesmo fechar as suas fábricas do que reduzir as suas margens de lucro.

Muitas dessas empresas - para surpresa geral - são multinacionais, das quais um dos exemplos mais intrigantes é a da subsidiária da norte-americana "Dow-Química", que promoveu um aumento de 80 por cento na sua linha de produtos no espaço de 45 dias.

Outro ponto que tem tirado o sono aos condutores da política económica brasileira é o da queda da produção agrícola. O Brasil colhia em média 74 milhões de toneladas de grãos por ano. agora terá de se contentar com pouco mais de 55 milhões.

«Provavelmente teremos de importar alimentos e isso representará novos desembolsos para o Governo e mais inflação para o país», prevê Edgar Pereira.

Note-se ainda que os funcionários do Ministério da Economia não estão a considerar a possibilidade do Brasil sofrer uma saraivada de greves, já a partir deste mês, o que sem dúvida constituirá mais uma importante complicação para a recuperação da economia do país.

Os dirigentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT) já elegeram este mês como «Setembro Negro»: mais de 90 categorias influentes de trabalhadores começam a negociar os seus contratos colectivos de trabalho e a maioria delas está a preparar-se para declarar greve.

Jair Meneguelli, presidente da CUT, considera que com o esmagamento salarial imposto pelo governo não há possibilidade de evitar as greves.

Dos sindicatos que se estão a preparar para a greve o maior é o dos trabalhadores do sector petrolífero, que agrupa mais de 60 mil associados.

Este categoria reune mais de 60 mil empregados da Petrobras, a empresa estatal encarregada de administrar o monopólio do petróleo do país, que já avisaram que reivindicarão um aumento de 288 por cento para recuperar os prejuízos acumulados nos últimos 12 meses.

O presidente da Petrobras, Luis Octávio da Motta Veiga, já afirmou que a empresa não tem condições de suportar um aumento tão grande: «Quebraremos se pagarmos qualquer aumento acima de 60 por cento».

Perante tal quadro, alguns pessimistas inveterados, como o professor Celso Pastores, ex-presidente do banco central, consideram que não será apenas o Setembro que será negro, mas sim todo o ano de 1990.

IPS com Arnaldo César

ECONOMIA

Muitos países ricos consideram que a ajuda dada é suficiente e atribuem o fiasco à corrupção, à má gestão e à anarquia institucionalizada dos respectivos governos

A punição de estar entre os PMA e viver à custa do estrangeiro

Estar entre os PMA significa mais uma punição do que uma honra, para não falar de uma vergonha. A sigla PMA, Países Menos Avançados, foi criada em 1964 na Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento, CNUCED, mas tem tido dificuldade em ser aceite pela comunidade internacional.

Vinte cinco anos depois desta formulação são poucos os especialistas que conseguem descobrir mais de quatro ou cinco países que possam ser integrados nessa categoria heteróclita escolhida para designar os pobres entre os mais pobres.

Na África encontra-se uma vasta zona de escolha, mas pergunta-se porquê a Guiné e não o Gana, a Tanzânia e não a Zâmbia. Porquê o Haiti mas nenhum país da América Latina. E o Paquistão tido por um país já em fase de desenvolvimento, ausente da lista dos deserdados.

PMA é afinal uma sigla que diz tudo e nada ao mesmo tempo: países menos avançados, menos ajudados, menos amados. A dificuldade de ajuste de todas as peças do puzzle está ligada a esta noção de PMA que repousa num nivelamento por baixo. Aderir há pouco tempo ao grupo dos 77 traduzia uma dinâmica entusiasta das nações do Sul face ao Ocidente.

Três condições são exigidas para entrar na família dos PMA: um PIB anual por habitante da ordem dos 500 dólares, uma parte da indústria no PIB inferior a 10 por cento e uma taxa de alfabetização que não atinja os 20 por cento. Em 1981 eram considerados 31 países nestas condições, presentemente são 41, dos quais 28 são de África.

Fins não atingidos

O NPSA, o Novo Programa Substancial de Acção, lançado na altura, fixou objectivos ambiciosos em matéria de crescimento de produtos agrícolas e industriais, de educação, de saúde e de bem-estar. O CNUCED reconhece, porém, que a maior parte destes fins não foram atingidos.

O aumento do grupo dos PMA traduz um recrudescimento do subdesenvolvimento. E, no todo, as condições de vida medidas por qualquer indicador simples degradaram-se. No conjunto das PMA, a taxa de crescimento do PIB nos anos 80 foi inferior à dos anos 70.

Entre 1980 e 1987, aquela taxa subiu apenas para 2,3 por cento enquanto o crescimento demográfico progrediu em 2,6 ao ano. O rendimento per capita diminuiu. Naquele período, a produção alimentar anual por habitante diminuiu de 0,7 por cento. A parte do investimento no PIB caíu de 19 para 14 por cento. Os recursos económicos diluiram-se, o défice comercial dos PMA fixou-se nos 1,3 biliões de dólares enquanto que a dívida representava mais de 70 por cento da sua riqueza interna.

Cada ano, a instabilidade das receitas das exportações ocasionaram uma quebra de 370 milhões de dólares. O agravamento da má nutrição infantil e a ausência de progressos sensíveis em matéria de mortalidade à nascença, de que as ex-colónias francesas constituem um exemplo, são testemunhas do fiasco completo do NPSA.

	PMA	Países desenvolvidos
Esperança de vida à nascença (anos)	47	73
Taxa de mortalidade infantil (por 1000)	132	18
Calorias por dia e por pessoa	2048	3361
Taxa de alfabetização de adultos	32	99
Percentagem de população com acesso a água potável	34	99
Médicos por 100 mil habitantes	11	204
Telefones por 1000 habitantes	3	603

Source : CNUCED

No início dos anos 80, a opinião internacional mobilizava-se a favor do Terceiro Mundo e em Cancun, o presidente Mitterrand avançou com a ideia da interdependência: a prosperidade do Norte não seria durável sem um desenvolvimento harmonioso do Sul.

Durante o último decénio, salienta a CNUCED, a tranferência real dos recursos a favor dos PMA baixou 25 por cento. A ambição dos financiadores de levar a 0,15 por cento do PNB a ajuda pública ao desenvolvimento dos mais pobres teve também os seus limites. Esta percentagem atinge apenas 0,09 por cento para uma população de 413 milhões de habitantes, contra os 348 de 1981. Ao mesmo tempo, o peso dos PMA no xadrez do comércio mundial não cessou de se reduzir até se tornar insignificante: 0,3 por cento de trocas em 1988 contra 1,4 por cento em 1960.

Marginalização

Esta marginalização reforça as tendências ideológicas ainda expressas pelos anglo-saxões segundo os quais a noção de interdependência se arrasta desde a década passada.

Muitos países ricos consideram que os PMA obtiveram a ajuda que necessitavam, atribuindo a culpa aos seus dirigentes corruptos, à sua gestão defeituosa e à sua anarquia institucionalizada.

A especificidade dos PMA é talvez a sua impermiabilidade a todos os intrumentos clássicos da política macro-económica e financeira e que supõem ter atingido antes de tudo um estado de crescimento, de auto-subsistência e de actividade comercial.

Só valerá a pena ajudar os PMA nos próximos anos se houver a garantia que as estruturas de apoio nacionais e regionais à recolha e distribuição de fundos são seguras.

Os intervenientes desta conferência de Paris esperam contudo chamar a atenção para as dificuldades dos PMA em se exprimir a poucos meses do epílogo do Uruguai Round onde o papel do Terceiro Mundo nas trocas comerciais não foi decidido.

Eric Fottorino
Exclusivo «DL»/Le Monde

Países pobres discutem tipo de ajuda dos ricos

Nórdicos, franceses, holandeses, belgas, italianos e canadianos auxiliam sem condições, enquanto os EUA, a Grã-Bretanha e a RFA, impõem contrapartidas

A segunda conferência da ONU sobre os PMA, Países Menos Avançados, que teve lugar em Paris entre os dias 3 e 14 deste mês, voltou a debater os mesmos temas da primeira realizada em 1981. Procurou-se encontrar uma resposta entre países ricos e pobres às questões da ajuda, das dívidas e das relações comerciais, mas os consensos não foram conseguidos.

No dia seguinte à cimeira americano-soviética de Helsínquia sobre a crise no Golfo, os 41 países mais pobres do planeta tentaram fazer-se ouvir a propósito das consequências desta crise e sobre as medidas necessárias, a longo prazo, para conseguirem sair do subdesenvolvimento.

O próximo decénio vai ser decisivo para estes países. Se não conseguirem sair do círculo vicioso das condições naturais e geográficas adversas, do aumento de população e da pobreza, através de reformas e do redimensionamento das economias, o desastre será gravíssimo.

Os capitalistas do sector industrial admitiram que é urgente uma ajuda acrescida para permitir aos PMA ultrapassar o fosso que os separa dos outros países em vias de desenvolvimento e dos países ricos.

O projecto de trabalho aprovado pela conferência aprovou as bases de um «acordo entre parceiros» para um desenvolvimento reforçado, mas dos mais de 100 parágrafos do texto ainda há muito para burilar e mantêm-se diversos desacordos entre os negociadores.

Para alguns países torna-se difícil aceitar alusões à necessidade de se ter de «governar melhor», de se democratizarem e de fazerem respeitar os direitos do homem. Os PMA desejam, por sua vez, um envolvimento mais «preciso» dos países ricos sobre o aligeirar das dívidas externas, uma ajuda específica para a protecção do ambiente e uma ajuda pública acrescida para o desenvolvimento.

Os apelos ao auxílio dos PMA são acolhidos com simpatia pelos países da Escandinávia, Países-Baixos, França, Itália e Canada, enquanto os EUA e o Japão não especificam que tipo de ajuda estão dispostos a fornecer. A Grã-Bretanha e a RFA são peremptórios em dar a sua ajuda apenas em troca da conversão ao liberalismo sem reservas.

Como sublinhou um negociador europeu, «americanos e ingleses querem ser os últimos ideólogos do xadrez desenvolvimentista».

Redacção «DL»

«DL» - 7

ASSOCIAÇÃO WORLD TRADE CENTER

GESTOR 1990

A Associação World Trade Center vai realizar em 1990 o seu programa de formação de quadros médios e superiores de PMEs, GESTOR 1990.

As inscrições encontram-se abertas para os seguintes CURSOS:

Curso	Data de Início	Data do fim	N.º de horas
Gestão Inter. de negócios	17.9.90	13.02.91	200
Ges. Global de mark. de comuni.	17.9.90	21.12.90	130
Novas Tecno. de Info. e a Moder. Empre.	1.10.90	28.02.91	210
Int. Businesses Skill	17.9.90	13.02.91	200

Para proceder à pré-inscrição ou para mais informações, é favor contactar:

Associação World Trade Center
Avenida do Brasil, 1 — 1700 LISBOA — Telefs.: 793 35 71 - 793 30 45 - 793 27 08
Telex 12326 WTCLIS-P — Fax 76 84 36

O ensino é administrado em regime intensivo, utilizando-se a AWTC do apoio e co-financiamento dos seguintes organismos:

I.E.F.P. INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
WTC-L WORLD TRADE CENTER LISBOA S.A.
FUNDO SOCIAL EUROPEU
WTCI WORLD TRADE CENTER INSTITUTE

ECONOMIA

O novo regime de contrapartidas visa acelerar a adequação da banca nacionalizada ao mercado europeu, aumentando os seus índices de solvabilidade melhorando a sua capacidade financeira

Novos bancos e dependências só com crédito malparado

Conforme o «DL» noticiou oportunamente, o ministro das Finanças, Miguel Beleza, anunciou na passada quinta-feira o regime de contrapartidas para a abertura de novos bancos e extensão da rede de balcões, o qual, disse, permitirá acelerar a instalação de mais estabelecimentos, sejam nacionais ou estrangeiros, bem como a passagem a bancos de sociedades de investimento que já operam no mercado português.

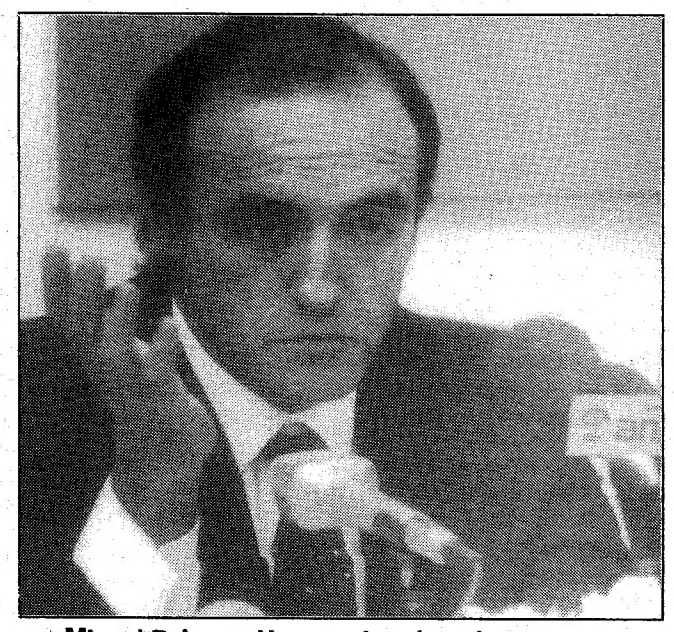
O novo regime, que não dispensa todos os procedimentos de avaliação anteriormente seguidos, aplica-se nos seguintes casos: autorização de novas sucursais e filiais de bancos estrangeiros; autorização de novos bancos nacionais; passagem de sucursais de bancos estrangeiros a filiais; passagem de sociedades de investimento a bancos; e autorização de abertura de balcões.

Na altura do encontro com os jornalistas foi distribuído um texto, que passamos a divulgar nas suas passagens mais importantes, com o devido tratamento redactorial.

Segundo o documento, a natureza da contrapartida consiste na aquisição pelos promotores de novas instituições ou pelos interessados na extensão de redes de balcões de lotes de crédito mal parado aos bancos nacionalizados, por um preço que incorpore um prémio sobre o valor real de tal crédito.

Esta medida, de natureza excepcional, vai criar incentivos positivos que levarão a uma melhor eficiência da actividade bancária, em lugar de, simplesmente, se limitar a subsidiar bancos em dificuldade. Sendo assim, o regime a instituir obedecerá aos seguintes princípios:

- Simplicidade e transparência, para facilitar as decisões quer dos novos bancos, quer dos bancos nacionalizados;
- Utilização de mecanismos de mercado, sempre que possível, para aplicação das restrições de forma consistente com um comportamento de optimização dos vários intervenientes;



Miguel Beleza: «Novo regime é um instrumento de intervenção excepcional»

- Reforço das regras de bom comportamento por parte dos agentes económicos, combatendo a tendência para o incumprimento das obrigações das empresas para com a banca.

A exigência de uma contrapartida financeira para a abertura de um novo banco ou de novos balcões, contrapartida a ser utilizada na compra de crédito malparado hoje existente na banca nacionalizada, pode traduzir-se numa repartição dos custos do saneamento financeiro dos mais antigos. Esta não é, aliás, uma situação inédita em termos internacionais. São bem conhecidos os casos de vários países comunitários em que no passado recente os bancos mais rentáveis foram chamados a participar no saneamento de instituições em dificuldade.

Por outro lado, esta medida vai contribuir para a criação de um verdadeiro mercado de crédito malparado, permitindo a negociação directa entre compradores e vendedores e deverá, por último, concretizar-se por forma a aumentar a probabilidade de que o crédito seja efectivamente recuperado, em lugar de ser simplesmente perdoado ou esquecido.

Modo de aplicação

O ponto de partida para o sistema adoptado será a avaliação do valor de mercado do crédito malparado. Para isso, ter-se-á em conta a avaliação realizada pela Finangeste e/ou as avaliações produzidas no âmbito dos processos de avaliação dos bancos com vista à privatização.

Caso estejam disponíveis várias avaliações para o mesmo crédito, tomar-se-á, em princípio, a maior como estimativa do respectivo valor real. Ficar-se-á, assim, com uma estimativa tão correcta quanto possível do valor real de um activo que os interessados terão de adquirir.

Uma vez avaliada uma parte substancial do crédito malparado, poderão os novos bancos adquiri-lo, livremente, a preços negociados com os bancos vendedores. Na medida em que o preço efectivamente pago seja superior ao valor real, essa diferença corresponderá a um «crédito» para o banco comprador.

Adicionando os vários «créditos» obtidos desta maneira, os promotores atingirão o montante previamente fixado como contrapartida para a instalação ou abertura de balcões.

O montante total da contrapartida a exigir será fixado em função do número de balcões pretendido. Determinado este valor, cada novo banco ou banco em expansão terá um prazo limitado - seis meses, por exemplo - para concretizar compras de crédito mal parado que lhe concedem um «crédito» total correspondente à contrapartida exigida.

As compras far-se-ão por transacção directa entre os bancos nacionalizados e os bancos novos. O preço da transacção será livremente negociável entre as partes. Os bancos nacionalizados não poderão, todavia, vender em situação de perda, isto é, abaixo do valor real do crédito. Do mesmo modo, o preço de venda não poderá ser superior ao valor nominal do crédito.

O Tesouro poderá limitar o conjunto das instituições cujos créditos serão susceptíveis de ser utilizados para fins de aplicação do regime de contrapartidas.

Todavia, os bancos compradores não ficarão impedidos de adquirir créditos a outros bancos nacionalizados eventualmente não incluídos no esquema, sempre que haja interesse na concentração da totalidade dos créditos sobre uma dada empresa para melhor os recuperar, designadamente através de uma gestão conjunta de eventuais garantias.

A recuperação dos créditos poderá ser feita directamente pelos próprios adquirentes ou entregue por estes à Finageste mediante contrato de gestão ou por alienação pelo valor real.

Em alternativa ao sistema proposto, poderão os promotores optar por entregar à Finageste o montante correspondente à contrapartida exigida, para que seja esta a proceder à aquisição do crédito malparado. Neste caso, a entrega poderá revestir a forma de subscrição de aumento de capital da Finangeste.

O preço de subscrição será calculado por forma a garantir uma situação de equivalência com a alternativa anterior.

À MARGEM

Um regime necessário

Ao anunciar o novo regime de contrapartidas para a instalação de novos bancos ou para a extensão da rede de balcões, Miguel Beleza estava, sem margem para dúvidas, a dizer que o Governo a que pertence decidiu, finalmente, acelerar a adequação do sistema bancário português ao mercado europeu, caracterizado por uma forte concorrência.

E só se pode estar nesse mercado com rácios de solvabilidade no mínimo próximos das instituições que nele operam sem o peso de um passado que se tornou num pesadelo no presente. Passado marcado por erros alheios e próprios, caracterizados, essencialmente, por uma imposta incapacidade para a modernização e a expansão, por uma política de crédito sem qualquer sentido empresarial, por um clima propício à fraude.

Perguntará o leitor: mas porque têm os bancos privados, nacionais ou estrangeiros, que pagar por todo este passado, tendo de comprar crédito malparado dos bancos públicos? Não será isto uma imoralidade?

A verdade é que a banca privada, instalada ou a instalar em Portugal, está a beneficiar fortemente desse passado, alcançando uma elevadíssima rentabilidade devido às margens de intermediação serem muito altas, precisamente para garantir a sobrevivência dos bancos nacionalizados.

Diz Miguel Beleza, que a autorização de criação de novos bancos, «que iniciaram a sua actividade sem qualquer lastro resultante de um passado turbulento, representa a concessão de uma enorme benesse, na medida em que as condições em que a actividade bancária hoje se processa se traduzirão, necessariamente, por uma rentabilidade elevadíssima para todos os novos participantes no mercado».

Quer isto dizer que a banca nacionalizada, como diz também o ministro das Finanças, com uma simples liberalização generalizada do sector, estaria a ser vítima de grandes desigualdades perante os concorrentes privados. Ou seja, veria a sua situação relativa cada vez mais agravada.

Com o novo regime de contrapartidas está, portanto, criado um quadro que permite à banca nacionalizada avançar mais rapida e profundamente no saneamento da sua situação financeira, portanto com melhores condições de competitividade, por um lado, e em situação mais satisfatória para enfrentar o processo de privatizações, por outro.

É bom notar que o novo regime visa também permitir a autorização de instalação a um maior número de bancos europeus do que aquele que está estabelecido para vigorar até 1992. Por outro lado, facilita também às sociedades de investimento portuguesas (pelo menos duas já manifestaram publicamente esse desejo) a possibilidade de se transformar em bancos num prazo mais curto.

Victor Leitão

Todo este panorama, caracterizado por uma banca pública mais consolidada, por uma concorrência mais justa e transparente e por um mercado bancário mais alargado, só poderá ser benéfico para Portugal.

grula
LOJAS GRULA
A MAIOR REDE DE LOJAS DO RAMO ALIMENTAR DO PAÍS
Em cada uma das 2000 lojas GRULA compra melhor... e mais perto.
Há uma loja perto de si:
LISBOA • BEJA • BRAGA • COVILHÃ • SANTARÉM
SANTIAGO DE CACÉM • SETÚBAL • PORTALEGRE • VILA VIÇOSA • AÇORES • MADEIRA